



AO DISPOR

DO SEU

Amor

SILVANA BARBOSA



SÉRIE LIBERTINOS • LIVRO 3



PERIGOSAS

AO DISPOR DO SEU AMOR

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

SILVANA BARBOSA

NACIONAIS-ACHERON

SUMÁRIO

[PRÓLOGO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[CATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZENOVE](#)

[EPÍLOGO](#)

Capa: Néli Rubia

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Conforme a lei 9.610/98, é proibida a reprodução e comercialização desta obra sem a prévia autorização da autora.

Quero deixar um agradecimento especial a duas pessoas que tiveram muita paciência e carinho comigo durante toda a criação e produção deste livro, escutando-me, lendo parágrafos, experimentando as emoções que afloravam dos personagens antes que eles viessem realmente a público.

João Carlos, meu marido muito amado, não há palavras que possam resumir meu amor e gratidão por você.

E Néli Rubia, minha amiga tão especial, obrigada, obrigada, e obrigada por estar sempre presente quando eu precisava, mesmo estando a quilômetros de distância!

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

PRÓLOGO

— Você certamente não vai se juntar às forças militares! — gritou Gabriel Cunningham, para seu filho caçula.

— Decerto que vou! — Christian respondeu, com olhar arrogante — Não sou um bom advogado como você, papai.

— Mas seus estudos...

Christian o interrompeu:

— Antes mesmo que terminassem já havia me dado conta da extensão do meu erro! Fui até o fim para agradá-lo, mas agora preciso fazer realmente o que “eu” quero, e na área militar serei de fato bom! Sei disso!

Christian Cunningham estava aborrecido. Já havia tido o mesmo tipo de conversa com o pai outras vezes aquela mesma semana, e o patriarca não conseguia aceitar que seu filho se afastasse da família para arriscar-se por ordem do rei em cada parte do mundo que lhe fosse ordenado ir. Embora o rapaz houvesse lhe afirmado que seria cuidadoso, voltaria para casa dentro de quatro anos no máximo, e mandaria notícias durante esse período, o temor de seu genitor por sua vida era óbvio, e intenso. Christian podia entender isso, mas não abriria mão mais uma vez de sua vontade para postar-se atrás de uma mesa, redigir contratos matrimoniais e testamentos, e meter-se em enfadonhos tribunais para resolver pendengas financeiras de mesquinhos ricos londrinos. Deus o livrasse de vida tão tediosa!

— Seu irmão também achou que não seria bom no ramo, e agora é um sucesso absoluto!

— Também não sou o Jake!

O pai estava tenso, vendo seus argumentos esvaírem-se entre os
NACIONAIS-ACHERON

dedos, perdendo de vez o controle sobre seu filho caçula: — Então que ao menos me permita fazer alguns contatos, conseguir-lhe um bom posto...

— Não quero que me compre uma posição, pai, quero conseguir medalhas por meu próprio mérito! Porque não entende que tenho direito às minhas escolhas? — Christian passou a mão nos cabelos louros, irritado, e deixou a sala abruptamente, ganhando a rua.

Só retornaria de madrugada.

O velho Gabriel Cunningham estava sentado em seu escritório, diante de um copo de uísque que não tinha sequer ânimo de beber. Pensava em seu filho caçula. Seu filho de cabelos longos demais, que usava trajes modernos e de cores espalhafatosas, que vivia envolvido com mulheres de má fama, jogos e bebidas, e nunca conversava seriamente quando o assunto era trabalho, queria ser soldado! Mais essa agora! Não bastasse toda a dor de cabeça que o mais velho, Jake, já havia lhe dado até hoje, quase arruinando a si mesmo e levando a família junto, agora Christian resolvera também enlouquecê-lo! Seu menino queria partir da Inglaterra atrás de aventuras e batalhas, buscando confusão em locais distantes, a mando da Coroa. Qual pai ficaria tranquilo com tal escolha?

O conceituado advogado suspirou, sonoramente. Entendia perfeitamente a necessidade dos jovens de querer mostrar maturidade e independência, e o desejo de poder escolher seu próprio destino, mas precisava seu filho escolher justamente algo perigoso, sabia-se Deus aonde? Jamais admitiria em voz alta que era a favor de guerras e consequente domínio, que trariam dinheiro aos cofres do reino, porém apenas se a sua prole ficasse protegida dos riscos. Pareceria uma traição ao país, e insubordinação à Sua Majestade, com sério risco de se tornar pessoa mal

NACIONAIS-ACHERON

vista pela sociedade. No entanto, precisava ser franco consigo mesmo, pois não era só essa questão que o tirava o sono... Certamente sua apreensão, não devia-se somente ao fato do filho arriscar-se num ambiente novo e pouco hospitaleiro, pois muitos outros homens já haviam seguido a carreira militar e retornado para suas casas sãos e salvos, recheados de medalhas e glória.

A verdade é que ser contrariado também lhe incomodava muito. Não era um pai dos mais severos, sabia. Seus dois filhos podiam se divertir como bem quisessem, fazendo uso de suas mesadas a seu modo, contanto que respeitassem os limites básicos que a sociedade exigia. Jake havia chegado bem perto de ultrapassar esse limite, e aprendera duramente com isso, mas Christian, apesar do jeito despreocupado e até meio fanfarrão, não parecia arriscar-se tanto, mantendo-se respeitável com donzelas, e guardando distância de cavalheiros desonestos. Gabe sempre esperara que Chris se ajustasse mais rapidamente à responsabilidade do escritório de direito do que Jake.

Era decepcionante.

Como poderia colocar um pouco de juízo na cabeça de Christian? Como poderia convencê-lo a ficar em Londres, e assumir seu lugar junto à Cunningham e filhos?

Levantou-se, mirando a luz da lua pela janela, e seu olhar repousou por um instante na casa em frente, de seus vizinhos, os Myrrel. Tinham duas filhas, gentis e bem-educadas, prestes a casar. Gabriel havia redigido seus contratos de casamento e os pais estavam muito satisfeitos por finalmente terem cumprido sua parte junto às suas herdeiras, garantindo para elas um futuro agradável e tranquilo. Ah, quem dera tivesse a sorte de ter duas mocinhas obedientes e cordiais, que seguiriam as ordens paternas, e que arderiam somente em um desejo: casar-se bem! Mas não, tivera ao invés disso, dois rapazes rebeldes e desobedientes!

NACIONAIS-ACHERON

Christian parecia mesmo muito firme em sua decisão, e soube que o rapaz já havia inclusive procurado Miles, seu amigo militar, para juntar-se à sua infantaria e partir com ele na próxima campanha.

O tempo não corria a seu favor, e urgia tomar uma atitude antes que fosse tarde demais.

Então, lentamente, um sorriso começou a surgir na face do astuto advogado. Estava tendo uma ideia genial.

Quando Christian sentou-se para tomar seu desjejum, sua cabeça parecia prestes a explodir. Por que fora acompanhar Matthew em mais uma noite regada a bebidas e prostitutas, sabendo que não era muito resistente aos uísques baratos de madame Suzette? Credo! Devia ter parado no terceiro copo, e se deliciado apenas com as vadias do bordel da velha dama, mas as discussões frequentes com seu pai o levaram a querer beber o máximo possível para esvaziar a mente de suas queixas, e ao invés de refrear-se, afundou-se completamente na genebra. Pena que seus vômitos de bêbado não tiveram também o poder de expurgar suas mágoas. Não era mais um bebê, e estava cansado da manipulação paterna. Seu irmão Jake Rae só havia se rendido à pressão familiar depois de um escândalo que por um triz não os levava à ruína, mas eles não eram iguais. Christian não era tolo para se meter com as virgens, como o primogênito dos Cunningham fazia, até ser apontado como um corruptor de moças de família, e por pouco não ter que arcar com uma responsabilidade que não lhe pertencia, salvando-se de casar com uma mentirosa por um golpe de sorte. A moça acusara Jake de tê-la seduzido, e a farsa só não foi completamente bem sucedida porque uma prima da jovem denunciou o golpe. Depois disso, Jake, abalado com as fofocas, e desejando recuperar o nome respeitável da tradicional família de juristas, dobrou-se à

vontade do pai e abraçou totalmente a carreira de advogado, provando assim que podia ser um homem sério. Não que fosse realmente um homem sério, pois seu comportamento não era ainda um exemplo a ser seguido, mas havia melhorado muito, e não se expunha como antes.

Era reconhecido que uma boa dose de culpa e chantagem emocional havia levado Jake a colocar seu nome na porta do escritório de direito dos Cunningham. Felizmente para o caçula, não havia nenhum escândalo em sua conta, então não havia também chantagem possível para uma boa negociação. Graças a Deus! Nada e ninguém o prendiam a Londres, nada ou ninguém o afastaria de partir para aventuras fora daquela cidade fútil e entediante.

Claro, sentiria falta das moças de sorriso fácil, e do sexo mais fácil ainda, conseguido com algumas poucas moedas ou com certas palavrinhas sussurradas ao pé do ouvido, ditas na hora certa e no tom adequado. Sorriu para si mesmo. Mas em todo lugar havia mulheres, e sempre haveria uma ávida por ser seduzida por um rapaz com a aparência dele. Christian tinha consciência que era atraente, pois assim como seu irmão Jake, era louro, alto, de olhos verdes, e corpo bem proporcionado, e sua imagem facilitava em muito suas conquistas. Nenhuma delas que tivesse longo prazo, lógico, apenas o suficiente para saciar a luxúria natural de um homem saudável como ele.

Só depois que levara a xícara de chá aos lábios é que se dera conta dos olhares de seu pai, sua mãe e seu irmão sobre ele. Ah, não logo cedo, por favor!

— Tenho uma novidade para você! — anunciou animadamente o patriarca da família.

Christian encarou o pai. Notou que a expressão de Gabriel não parecia tão firme e segura quanto sua voz.

— Lembra-se dos Hogarth?

Christian franziu a testa, procurando localizar em suas memórias de quem o pai falava. Lembrou-se do velho Edward Hogarth, que havia se aposentado de uma das lideranças partidárias do parlamento.

— Ah, sim.

— Somos amigos há muitos anos, e sabe que Edward está adoentado. Ele tem uma grande preocupação com sua família, e havia me trazido seus temores já algum tempo. Seu grande medo se refere ao futuro de sua caçula, Luciane. Lembra-se dela?

Christian não estava animado a pensar muito. Sua cabeça doía ainda mais com o esforço de buscar lembranças. Lembrou vagamente de uma menina de cabelos de um louro pálido, diferente do seu. Era uma juvenzinha calada e tímida. Uma criança sem grandes atrativos, pelo que se recordava. Concordou com a cabeça, num gesto lento que visava evitar piorar sua enxaqueca. O movimento o fez encontrar os olhos do irmão, e havia um alerta óbvio neles, o que o fez retesar-se. Algo estava acontecendo, e era mais do que uma conversinha trivial matutina.

— Vagamente... — respondeu.

Charlotte, a criada que os servia já por vinte anos, aproximou-se com um café preto e o pôs diante de Christian. O rapaz fitou-a, agradecido, e ela piscou-lhe afetuosamente em resposta. Depois que descobriram, através do amigo Tristan, proprietário de uma próspera rede de confeitarias, que a beberagem escura era um bom alívio para enxaquecas e ressacas, Charlotte mimava a Jake e Christian com uma xícara fumegante do produto sempre que percebia que um dos rapazes havia abusado nas farras da noite anterior.

— Obrigado, Lottie! Você sabe que quando eu deixar o lar dos meus pais para casar-me e ter a minha própria residência, você vai comigo, não é?

— ele brincou, sorrindo, e levou a xícara aos lábios.

— Ah, e será mais rápido do que você pensa, meu filho! — intrometeu-se Gabriel, radiante — Acertei seu casamento com Luciane Hogarth, ontem à noite!

Christian derrubou a xícara, fazendo a louça delicada de Limoges espatifar-se em mil pedacinhos pelo chão, e engasgou-se com o café, tudo ao mesmo tempo.

Enquanto Lottie recolhia os cacos de porcelana quebrada, e Jake batia amigavelmente nas costas do irmão mais moço, Elinor, a matriarca, clareou a garganta: — Foi uma surpresa quando seu pai contou-me, filho, mas não posso negar que ficarei muito feliz de ter uma jovem como Luciane no papel de minha nora!

— Então, né? — Gabriel pigarreou — É uma belezinha de garota, bem educada e prendada.

Christian fitava aos pais com olhos esbugalhados. O choque abandonou seu corpo, e enfim a compreensão do que haviam feito, com intenção de atrapalhar seus planos a qualquer custo, explodiu em sua mente: — Vocês ficaram loucos? — vociferou Christian.

— Empenhei minha palavra nesse compromisso! E você vai cumpri-lo — gritou Gabriel, adquirindo o mesmo tom furioso do filho caçula.

Christian encarou ao pai, estreitando os olhos. Sempre o obedecera, cegamente, ele e seu irmão também, até chegarem à adolescência. E mesmo nessa época de transgressões os dois rapazes tinham dificuldade de fugir ao julgo paterno, muito devido ao fato de que seus mandos e desmandos sempre eram sensatos e corretos, e a desobediência dos filhos invariavelmente

resultava em uma experiência de consequências negativas. Então, depois da fase mais rebelde que todo jovem enfrenta, resignara-se a fazer o que lhe era solicitado pela família. Até o momento que anunciara seu desejo de deixar o país, alistando-se ao exército de Sua Majestade. O pai quase enlouquecera, e a mãe se desfizera em lágrimas sentimentais, mas nenhuma palavra ou gesto de seus progenitores o haviam feito mudar de ideia. E agora, saíam-se com essa cartada final, dramática e radical: um casamento! Essa era demais até para eles!

Não que não planejasse um dia casar-se. Apenas desejava fazer isso com quem e quando quisesse, não agora, tão jovem, e muito menos quando tinha planos muito mais interessantes fervilhando em sua mente. Mas também sabia que famílias ricas e influentes como as dele e como as que os rodeavam, tinham costume de arranjar casamentos por interesse. Nunca se incomodara com o fato, ou a possibilidade de também casar-se desse modo. Até agora.

Respirou fundo, e seus olhos pousaram sobre o irmão.

— Não tenho nada com isso, juro! — apressou-se em defender-se Jake, erguendo as mãos. — Soube desse arranjo hoje, mais cedo.

— É uma menina adorável a sua noiva, meu filho! — falou Gabriel, conciliatório.

Christian respirou fundo e fechou os olhos, controlando a ânsia de vômito que lhe subia pela garganta, tanto pelo uísque da noite passada como pelo aborrecimento de hoje. Quando os reabriu, seu olhar era frio, e sua expressão já havia perdido a fúria: — Não o envergonharei fazendo-o voltar atrás com sua palavra e nem o farei cancelar o contrato que certamente já assinou, e provavelmente incidirá em pesada multa se for quebrado. — sabia que o próprio pai teria feito questão de redigir um contrato que coagisse o

filho a cumprir sua parte para evitar penosos prejuízos financeiros ao cofre da família.

O pai, aliviado, soltou o ar que estava preso em seus pulmões desde que deparara-se com o olhar gelado do filho. A mãe bateu palmas, excitada.

Christian ergueu um dedo, e fez-se um silêncio opressor no recinto, enquanto todos os olhos da família acompanharam o movimento, que equivalia a dizer “porém...”. Até Charlotte havia petrificado, tensa com o que o rapaz iria dizer.

— Mas, como o senhor mesmo disse, minha noiva é uma menina, e sendo tal, precisa amadurecer antes que eu a tome como esposa. Desse modo, quando eu voltar das campanhas militares, casar-me-ei com ela. Entre dois a cinco anos, talvez. Até lá, garanto, empenhar-me-ei em manter-me vivo e inteiro.

UM

Londres, alguns anos depois

Luciane estava empolgada para assistir o balé. Mindy, a criada pessoal que dividia com sua mãe, terminava os últimos retoques em seus cabelos.

— Não me canso de dizer: seus cabelos cor de trigo têm o mais belo tom de louro do Reino Unido. Suas amigas devem morrer de inveja de suas madeixas, principalmente por causa desses cachos enormes que se formam de modo natural nas pontas! Divinos, minha querida! Pronto, terminei! Gostou?

— Muito, Mindy! Você é incrível, obrigada!

Luciane admirou-se no espelho, satisfeita pelo efeito que as continhas brilhantes dos passadores que Mindy havia distribuído entre os fios louros com tanto capricho haviam criado, valorizando a cabeleira farta. Será que os rapazes também apreciariam o resultado? Os olhos ambarinos de Lu reluziam sua imagem refletida. Deu uma risadinha sapeca. Luciane tinha vários e atenciosos admiradores. Sabia que sua amizade com outros cavalheiros desagradava sua mãe. E, de forma diversa a de seu futuro esposo, sempre estavam por perto. Luciane suspirou alto assim que foi deixada sozinha em seu quarto, pensando em Christian, um homem que ela mal vira e de quem pouco recordava, e que lhe foi imposto em um casamento arranjado.

A fixação doentia de seu pai pelo futuro dela, caso fosse chamado subitamente por Deus, havia levado àquela situação em que se encontrava

agora. O velho Ed Hogarth, acometido por uma mania irritante de doença já há alguns anos, e pai tardio de duas filhas, metera na cabeça que estava com os dias contados, mas após selar o destino de sua filha mais nova com o caçula do mais famoso e caro advogado de Londres, magicamente se restabelecera. Luciane não podia acreditar que seu noivado fosse um elixir tão eficiente!

Na época chorara muito diante da perspectiva de casar-se por conveniência, e seus sonhos de menina romântica foram despejados fora, como esgoto lançado no Tâmis.

Os dias, após a decisão paterna, no entanto, que se foram transformando em semanas, depois meses, e por fim, anos, apaziguaram sua tristeza. Ademais, tanto distanciamento de seu prometido que seguia carreira militar e estava há tempos fora do país a serviço dos aliados da Coroa, aventava a possibilidade da união nunca acontecer, e isso lhe agradava. De tudo, porém, se o escolhido por seu pai voltasse de Portugal, onde prestava apoio a Pedro na retomada do seu reino das garras do príncipe Miguel, e viesse reclamar a noiva, se resignaria. Nesse período conhecera Jake Rae Cunningham, irmão de Christian, e o cunhado era bonito e simpático, e lhe mimava com atenções e demonstrações de amizade, então logo supôs que assim também fosse o mais moço, o que tornaria mais tolerável o matrimônio, se afinal de contas acontecesse. Se.

Se ele voltasse.

Se o noivo pouco interessado realmente levasse suas responsabilidades adiante, e não rompesse o contrato — ah, esperança que nunca morria — ao encontrar uma bela portuguesa por quem se apaixonasse em terras lusitanas.

Enquanto, porém, aguardava seu futuro, como todas as moças de boa

família faziam, aproveitaria o tempo disponível, mesmo que muitas pessoas torcessem o nariz para uma “quase noiva” que seguia frequentando bailes e festas como se fosse livre. Deu de ombros ao pensar nisso. Era uma menina prestes a fazer catorze anos quando os pais a puseram na cilada de prometé-la a um homem sem sequer consultá-la, e agora aos dezoito, deveria estar mesmo debutando como suas amigas, que caçavam um bom partido. Pegou a linda bolsinha bordada de pedrarias delicadas, e saiu do quarto, batendo a porta com gentileza, e cantarolando.

Luciane olhava fascinada os últimos movimentos da bailarina Stephannie Mercatto, quando pressentiu um olhar agudo sobre ela, vindo de outro camarote. Ergueu a vista para confirmar o que imaginava: um de seus admiradores a olhava fixamente. Dessa vez era Nathan Lovelace, um ruivo simpático e forte, de indisfarçável ascendência escocesa. Moveu a cabeça, num gesto de cortesia discreta. Poucos minutos antes fizera o mesmo com o moreno e sorridente Lucio Quinn, e sabia que, se cumprimentasse a todos os rapazes que a olhavam com interesse, não conseguiria mais acompanhar o espetáculo. Suspirou baixinho, sentindo um estranho tédio. Nem a breve conversa com Timothy, o visconde de Alvoy, no corredor, a havia animado de fato. A dança a tocou e emocionou muito mais do que os amigos e aduladores dessa vez, pensou, voltando o olhar para Stephannie, que agora estava cercada por todo o corpo do balé, fazendo uma evolução conjunta. Imaginou que a noite seria mais interessante do que estava sendo na realidade, e creditou sua insatisfação ao fato de estar se aproximando do período das regras mensais. Ficava intratável nesses dias.

E o fato de saber, através de suas amigas, enquanto aguardava o início da apresentação, já confortavelmente assentada, que a solista principal da

noite havia tido um recente caso com lorde Timothy Flanagan, e que o romance findara quando ele a trocara, sem qualquer escrúpulo, por outra componente do elenco, estremecera de vez seu frágil equilíbrio. E azedara seu bom humor.

Estava decepcionada. O nobre sempre fôra muito simpático, e devido às diversas conversas que tiveram desde a última temporada, acalentara momentaneamente o doce sonho de que talvez o belo e cobiçado Flanagan pudesse gostar dela, e decidisse salvá-la de um casamento com um noivo tão pouco interessado que nem sequer a havia visitado antes de se tornar soldado e partir em viagem. Mas, aparentemente, tais conversas não eram mais do que mera cortesia, e o tratamento que julgara exclusivo devia ser comum a todas. Que tonta! Como pudera pensar tais bobagens românticas, iludir-se com os bons modos dos cavalheiros londrinos, quando na verdade nenhum deles tinha consideração ou sentimentos, e só pensavam em satisfazer sua própria luxúria? Bom... isto havia escutado dizer sua mãe, à mãe de Suzanne, uma de suas amigas de debut.

Devia estar certa. Seja lá o que significasse luxúria.

As damas para eles não eram mais do que conquistas, mais prêmios a ser acumulados em um cantinho das suas memórias, para dali serem retiradas em alguma noite divertida num clube pervertido, quando quisessem entreter aos companheiros de farra com uma conversa sobre todas as donzelas que haviam conseguido arrastar para suas camas. Ouvira sobre as aventuras de seus amigos, rapazes que admirava e pareciam gentis e inteligentes, e não dera crédito que fossem só uns desajuizados, mas não podia mais negar a verdade: Eram todos iguais. Timothy, Jake Rae, Nathan, Lucio, Grayson, e mais toda a numerosa corriola que formava a nata de conquistadores ingleses, pouco discretos e volúveis. Claro, nem contava com os sedutores ainda mais notórios e absurdamente belos, como, por exemplo, o marquês de Brighton, e

o rico herdeiro Tristan Smith, dois deuses descidos do Olimpo, criados para atormentar às pobres e ingênuas humanas.

Ah, homens!

Não ouvira até dizerem — e isso era mesmo lamentável, pois procurara sempre ocultar o quanto esses comentários a afetavam — que seu noivo Christian também era um mulherengo? Agora todas as palavras ácidas e fofocas sobre seus conhecidos e sobre seu pouco entusiasmante prometido bailavam em sua mente ao mesmo tempo, quase com a mesma intensidade dos rodopios feitos pelos dançarinos no palco logo abaixo.

Maldita sorte, a sua. Além de não ter podido escolher, e nem mesmo conversar com o noivo, ele era um cretino.

Cretino.

Luciane sentiu a cabeça doer subitamente. Droga de período, incômodo e irritante, mexendo com seus nervos! Que importância tinha o que fazia Christian Cunningham antes de casar-se com ela? Que lhe importava o que qualquer homem fazia? Não era o que se esperava deles, serem garanhões reprodutores? E às mulheres, criarem, resignada e mansamente seus potrinhos? Bufou, mal-humorada e farta de si mesma. Nem parecia a moça animada que saíra de casa cantarolando mais cedo. Sua velha amiga Georgiana Calvert, Georgie para os mais íntimos, lhe diria que estava em sua época “volátil”, apelido piedoso para seu temperamento inconstante na semana em que lhe vinham as regras, e que a outra já se acostumara a reconhecer de longe.

Bom, culpa do período ou não, ela decidira que não acreditava em amar à primeira vista, mas num desgostar imediato, ah, isso sim... E desgostosa com todos os seres do sexo masculino estava. Não iria mais apostar suas chances de felicidade na busca de um príncipe encantado a partir

de agora. Eles seriam apenas amigos, pessoas com quem conviveria o mais pacífica e agradavelmente possível, nada além disso.

No intervalo do espetáculo já dava como certo que sua noite fôra um total desperdício de tempo, e que somente o fato de ter vindo com sua mãe a mantinha ainda no teatro, até que sua amiga Georgie, noiva do tenente-coronel Miles, outro militar a serviço de Guilherme IV, acenou para ela à distância.

O fato de estarem noivas de militares não significava que viviam situações iguais. Georgiana conhecera Miles Bethlem cerca de dois anos antes, e se encantara de imediato, apesar de todas as diferenças, inclusive a distância de quinze anos entre o nascimento um do outro, e a pouca probabilidade de reciprocidade do sentimento, já que não pareciam ter nada em comum: ele um oficial, sério, responsável, muito pé no chão, enquanto a moça, uma esfuziante e elétrica tagarela, vivia com a cabeça nas nuvens.

No entanto, o casal funcionara, e muito bem, obrigado. O então major pedira Georgie em casamento, e depois de algum tempo fora promovido a tenente-coronel. Viajava muito a serviço, e recebera inúmeras medalhas por sua liderança e bravura em campo, mas graças a sua posição privilegiada, conquistara a dádiva de poder visitar a futura esposa de vez em quando.

Partira também para Portugal, assim como o jovem Cunningham, dando apoio às forças de Saldanha no Porto — o maior general do imperador Pedro — prometera à família que depois dessa campanha se assentaria em definitivo e marcaria a data do casório assim que pusesse os pés novamente em solo inglês.

E, claro, como era de se esperar, o noivo apaixonado correspondia-se com sua amada regularmente, mesmo acampado em outro país, e no meio de uma batalha.

Christian jamais havia escrito a Lu. Nem mesmo uma linha.

Não que Lu invejasse a melhor amiga, claro que não. Bem, invejava só um pouquinho a sua sorte e amor correspondido, mas sem maldade, só desejava para Georgiana e Miles um feliz casório.

E gostaria de ter o mesmo para si própria.

Georgie aproximou-se, com rosto afogueado.

— Estava louca para vir falar com você, não aguentava mais aguardar o intervalo! Soube das novidades?

— Novidades? — Luciane engoliu em seco. Mais uma “novidade”? Tinha até medo do que estava por vir.

— Eles estão voltando, os nossos noivos!

Agora sim sua noite estava definitivamente arruinada.

DOIS

Christian estava cansado.

Cansado?

Supunha que um pouco mais que isso.

Mas um soldado não tinha direito a reclamar.

Muito menos ele.

Um major.

Fez um muxoxo.

Major.

Grande merda.

A guerra era uma desgraça, companheira do sofrimento e da morte, e uma patente alta ou um punhado de medalhas não era suficiente para deter a onda corrosiva que uma desavença política podia causar, com batalhas que se estendiam por anos a fio, abalroando e destruindo tudo que havia no caminho, construções grandes ou pequenas, militares e civis, adultos e crianças.

Pior de tudo era constatar que não havia mais certeza de se estar lutando pelo lado certo, se é que havia um. Meu Deus... será que um dia saberia? Ou tudo pelo que havia, literalmente lutado, era nada?

Christian havia deixado família e lar para trás, e até mesmo uma
NACIONAIS-ACHERON

noiva... Para quê? Para ficar durante anos lutando brigas que não lhe pertenciam, vendo sangue derramado, sem saber quando seria o dele mesmo, mantendo-se apenas para poder estar vivo no dia seguinte. E assim repetir tudo novamente. E de novo, e de novo...

Ah, como estava cansado...

Voltara para casa, por tempo indeterminado, com muitas medalhas, um ferimento no ombro e outro bem maior nas costas, e a dúvida se tornaria ou não a seguir Saldanha, em seu prolongado cerco em Portugal. O Porto já estava saturado de uniformes, armas e mau humor. Também assim estava o povo de lá. Os mais pobres desejando a vitória de Miguel, com a benção da Igreja, e a burguesia querendo Pedro e sua filha, mesmo tendo ele perdido seus direitos à Coroa por ter dado a Independência ao Brasil, colônia portuguesa. Naturalmente, a certa altura, com a nação dividida e refém dos exércitos e desmandos de seus líderes, os ânimos acirrados levavam a discussões que não se continham mais apenas à política ou quem merecia ou não herdar um título. Também já se brigava por roupas, mantimentos, mulheres... O ódio parecia se alimentar cada vez mais da desgraça geral, corrompendo até os honestos e os religiosos. Era um ciclo sem fim. E afastar-se dele, uma benção.

Talvez devesse se fixar nos bons momentos, ao invés dos maus. A independência que adquirira nos anos de serviço, a sagacidade, a experiência de liderança, o senso de organização e estratégia, eram grandes benefícios que recebera. Também os amigos que fizera, as pessoas que ajudara e defendera no caminho por onde passara...isso realmente não tinha preço.

Mas agora, longe de toda a confusão gerada pela guerra, era difícil pensar que algo advindo disso valia a pena, mais do que a paz. Pelo menos mais que sua paz de espírito.

Christian tinha dúvidas.

Podia retornar à vida militar, quando o médico lhe permitisse, ou fincar raízes no Reino Unido, definitivamente. Se houvesse, de fato, alguma boa razão para ficar.

TRÊS

Christian sabia que já era tempo de voltar á sociedade. Não que estivesse muito animado para isso. Ficar em casa, em família, parecia-lhe bem melhor. Não deixava de ser irônico que fosse tão prazeroso agora usar seu tempo em algo que o empurrara para longe anos antes. De qualquer forma não podia continuar recluso para sempre... Como em outra noite saíra com o irmão e alguns amigos para seu clube de cavalheiros favorito, e a noite fora agradável, divertindo-o como há muito não acontecia, resolvera dar um passo a mais.

A insistência de Matthew Fallentin, seu velho amigo, também contara.

Sem falar na pressão que seus pais vinham lhe fazendo, alegando que precisava sair mais, rever os amigos. E sua noiva.

Como se Christian se importasse em rever sua noiva. Ha, ha, ha...

No entanto Jake havia lhe aconselhado a, pelo menos, conhecer a tal noiva. E falara de um jeito... Seu irmão era hábil com as palavras, e acabara por deixá-lo curioso.

E por todos estes fatores via-se agora num dos concorridos bailes da sociedade londrina.

Depois de ser cumprimentado efusivamente pela anfitriã, encantada por receber em sua residência um herói condecorado, Christian procurou

NACIONAIS-ACHERON

relaxar, observando tudo a sua volta. Aparentemente nada havia mudado nos últimos anos em que esteve fora. As festas — e as pessoas — continuavam exa-ta-men-te iguais. E isto não era um elogio. Não segundo sua opinião, se é que valia de algo.

— Anime-se, Chris. — Matt deu-lhe um tapinha nas costas — Aqui temos bebida e comida de qualidade, boa companhia, boa música... Aproveite.

Christian assentiu.

— Estou aproveitando.

Matt deu uma risada.

— Vejo. Está muito relaxado.

Christian deu um meio sorriso.

— Vou me esforçar mais.

Matthew estava empenhado em tirar aquele ar soturno de seu velho companheiro de farras. Christian voltara ao Reino Unido muito mudado. Perdera seu viço. E seu riso.

Verdade que o vira sorrir. E na noite do clube, até brincara com os companheiros da mesa de jogo. Mas... não era a mesma coisa. E quando ele e Jake o convidaram para uma visitinha ao bordel de madame Suzette, Christian RECUSARA! Logo ele, sempre o mais animado quando se tratava deste tipo de folguedo, desdenhara as putas... Isto o aproximava muito do fim do poço, supunha. Devia haver alguma coisa que pudesse ajudar Chris a animar-se, algo que resultasse mais eficiente do que apenas ficar arrastando o amigo de um lado para o outro. Mas o que?

— Ah, veja, sua prometida também veio à festa. — Matt fez um gesto discreto para o amigo, em direção a um pequeno grupo de moças sorridentes.

Christian acompanhou-lhe o olhar, e ficou observando as jovens, que cobriam as bocas com as mãos, contendo risadas diante do que uma delas estava dizendo. Franziu as sobancelhas. Não, a senhorita Hogarth não estava naquele grupo esfuziante. Continuou buscando com o olhar, em volta.

Matthew soltou um bufo ao observar Christian olhando em volta.

— Ah, faça-me o favor, homem, será que precisa de óculos? Ela está bem no meio daquele grupo, direto a nossa frente, perto dos janelões. Usando azul.

Chris voltou-se para o amigo, com uma expressão um tanto surpresa: — A de azul? Está certo disso?

Foi a vez de Matt se surpreender: — Mas é claro que sim! Aquela é a senhorita Luciane Hogarth. Você acha que não conheço sua futura esposa? — de repente Matthew arregalou os olhos — Oh... Rapaz... Você não conhece sua noiva?

Christian pareceu desconcertado por apenas uns segundos. Logo retesou-se e encarou ao amigo com olhar frio: — É claro que conheço!

— De fato? E como não a reconheceu? — Perguntou o outro, com expressão irônica.

— Olhei para o lugar errado, tonto.

— Ah, vá, o tonto aqui não sou eu. Não a reconheceu porque sequer conhece a mulher com quem irá se casar! Recordo-me que estava furioso com seu pai por ter acordado este casamento sem consultá-lo, mas não poderia imaginar que nunca tivesse visto a senhorita Luciane.

— Eu já a vi, sim!

— Ah, mentir é muito feio. Pior vindo de um oficial cheio de medalhas. — Matthew deu uma gargalhada.

— Não seja idiota, idiota. Não estou mentindo. — Christian estava de cenho fechado agora.

— Basta. Você não sabia que a mocinha radiante que faz as outras conterem as gargalhadas a muito custo é Luciane Hogarth. Por que não admite?

— Porque eu a conheci, sim! — não diria ao amigo, no entanto, que quando a vira, pela única vez, devia ter uns 16 anos, e ela, cerca de 10. A senhorita era então uma figura miúda, pálida, calada e sem atrativos.

— Então está bem, seu teimoso. Se já a conhece tão bem, vá falar com ela.

— Falar com ela? — o major engoliu em seco.

— Claro! Falar com ela. — retrucou o outro, dando ênfase às suas palavras — É sua noiva, oras! Imagina se ela o vê, e percebe que não foi falar com ela antes de cumprimentar outras pessoas!

Christian conteve um ofego de pesar. Falar com a senhorita Hogarth? Não queria falar com ninguém, muito menos com ela. Mas, de fato, como poderia estar no mesmo ambiente que sua futura esposa e evitá-la? Respirou fundo e muniu-se de disposição. Coragem não lhe faltava, era só questão de organizar suas palavras e reações antes de qualquer ato.

— Certo, Matt. Então vamos falar com ela.

— Como assim, “vamos falar com ela”? Óbvio que eu não atrapalharia o reencontro de um casal após tantos anos. Mais tarde eu a cumprimentarei.

Christian encarou o velho amigo de infância, desconfiado de sua expressão solene. Matt, no entanto, apenas lhe devolveu um sorriso manso: — Vá logo, major. A menos que esteja com medo de sua mocinha...

— Você é o demônio. — resmungou Chris.

Matthew deu outra gargalhada alta.

— Achei que este fosse Brighton.

Christian Cunningham ergueu a cabeça e seguiu em direção à senhorita Hogarth.

— Senhorita Hogarth, boa noite.

As moças haviam parado de falar ao perceberem a aproximação do homem fardado, e o observavam sem esconder a curiosidade. Luciane, que estava com os olhos baixos, os ergueu bem devagar, enquanto, involuntariamente, analisava o homem diante dela. Dos pés a cabeça.

Sabia que seu futuro marido havia voltado ao Reino Unido. Sabia, ou imaginava, que ele a procuraria a qualquer momento — a não ser que, outra vez, deixasse qualquer norma de etiqueta de lado, e partisse para o serviço militar por mais alguns anos, sem despedir-se.

Mas o homem à frente dela não era seu “prometido”.

Não podia ser ele.

Luciane lembrava-se do senhor Cunningham.

Uma lembrança antiga e meio vaga, que ela esforçava-se para não perder. O Cunningham de quem se lembrava havia se inclinado levemente diante dela, com um sorriso maroto na boca, e olhos ainda mais sorridentes, ao serem apresentados. O brilho daqueles olhos era de um verde intenso, como se várias pedrinhas reluzentes estivessem refletindo o Sol no fundo de um rio de águas claras.

O rapaz era magro, e tinha os cabelos um tanto longos, chegando a cobrir o colarinho de sua casaca marrom. O tom dos fios era louro escuro, e mantinham-se sob controle graças a uma tira amarrada com certo descaso.

NACIONAIS-ACHERON

Ele havia tocado-lhe a ponta do nariz com o dedo indicador e feito um gracejo simpático e gentil. Luciane não recordava-se mais do que havia sido dito.

Porque, sendo ela uma menina tímida, e ele um adolescente atencioso, naquela época, pouco se lhe dava suas palavras, mas sim sua figura carismática e reluzente.

Mas o militar parado no salão, aguardando-lhe retribuir o cumprimento feito, não parecia nem de longe o mesmo rapaz do passado.

Este possuía uma compleição poderosa, com ombros largos e pernas musculosas, se fosse levada em conta a forma como vestia as calças justas e negras do uniforme elegante.

O rosto bronzeado estava recoberto parcialmente por uma barba dourada bem cuidada, que encobria lábios que não sorriam neste momento. Os olhos... ah, sim, os olhos... Eram verdes, de fato. Mas não havia neles nenhum brilho alegre e despreocupado, mas assemelhavam-se sim ao tom verde escuro de águas turbulentas. Uma tonalidade que evocava prenúncios de uma grande tempestade no campo, ou talvez esta já desabando, torrencialmente. Sobre este olhar intenso, sobrancelhas franzidas.

E acima do rosto viril e severo, uma cabeleira farta, solta e clara, complementava-lhe o visual. Se não fosse pelo traje que empunhava, repleto de medalhas coloridas e botões reluzentes, diria que estava diante de alguém muito perigoso, selvagem.

Ou algo.

Certamente, um leão. Aguardando o instante exato para rugir. Ou atacar.

Não podia deixar uma fera destas esperando por tempo demais... Luciane esticou a mão que ele aguardava tomar para o cumprimento de

praxe.

O homem pegou a mão enluvada, inclinou-se sobre ela ligeiramente, sem deixar de fitá-la nos olhos em nenhum momento. E então piscou-lhe um olho. Por uma fração de segundo, a senhorita Hogarth viu o rapaz do seu passado ali. Era mesmo o senhor Christian. Ou melhor, o major Christian.

— Poderia dar-me a honra de acompanhá-la em um passeio pelo salão? Ou até a mesa de refrescos, talvez?

Luciane pestanejou apenas uma vez antes de responder: — Claro. Será um prazer, major Cunningham.

Caminharam de braços dados pelo salão, num passo lento.

— Então, está apreciando a temporada, senhorita Hogarth?

— Tanto quanto a anterior, senhor.

Christian virou o rosto para observá-la, um tanto surpreendido.

— Oh... Não é sua primeira temporada?

Luciane riu.

— Não, de fato é a segunda.

O major franziu as sobrancelhas. Sua noiva já tinha pelo menos dezoito anos, então. O tempo passava rápido!

Luciane aguardava o sermão que certamente seu futuro esposo lhe daria. Comentários do tipo “uma moça comprometida não frequenta bailes e saraus como se estivesse disponível”.

— Compreendo. — respondeu ele, com simplicidade.

Foi a vez de Luciane de voltar-se para o acompanhante, num sobressalto.

— O que foi? — indagou Christian, com os grandes olhos verdes demonstrando dúvida — Disse algo errado?

NACIONAIS-ACHERON

— Não — murmurou ela — de forma alguma. Nada errado.

O major assentiu, e uma ponta de sorriso surgiu sob a barba: — Podemos voltar a caminhar, então?

— Oh, claro. — Luciane replicou, só então percebendo que estavam parados um diante do outro, mas ainda com os braços entrelaçados, no meio do salão. Sentiu o rosto aquecer, e previu que estava corando, a tola.

— E quanto ao senhor, major? Resolveu apreciar Londres e a temporada, para variar?

Havia ironia no tom de voz da jovem, Christian percebeu. Se por ele, ou pela “temporada” em si, não tinha certeza.

— Não voltei a Londres pela temporada — respondeu ele — Refresco ou ponche?

Haviam parado junto a mesa com refrescos, e o major olhava as jarras diante deles.

Luciane soltou-lhe o braço, e o observou, sem responder.

Christian voltou-se para ela, com expressão interrogativa.

— Refresco ou ponche? — repetiu.

Luciane deu de ombros.

— O que significa “não voltei a Londres pela temporada”?

O major aguçou um pouco o olhar em direção á senhorita Cunningham.

— Significa exatamente isto.

Luciane pareceu sentir seu coração bater nos ouvidos. O homem voltara para casar-se com ela? Assim, tão de repente?

— Então por quê? Por que voltou? — ela segurou-lhe o braço.

O major observou a mão que apertava-lhe o braço, e depois subiu o olhar para o rosto de sua dona. Que impertinente, a garota! Como se precisasse dar explicações a quem quer que fosse... Muito menos as daria a quem acabara de conhecer. E por que isto interessaria a uma moça da sociedade, paparicada e mimada pela família, a ponto, certamente, de desconhecer as agruras do mundo real? Os olhos de Christian avaliavam-na, um tanto semicerrados. Subitamente, ele arregalou-os, percebendo o porquê dela insistir tanto na questão. Por alguns segundos havia se esquecido do contrato de casamento que os ligava.

— Ah! Calma, senhorita, não retornei para que casássemos amanhã.

Ela soltou-lhe o braço, sem disfarçar um grande suspiro de alívio.

Christian ergueu as sobrancelhas, e respondeu-lhe, com certo tom de diversão na voz: — Isto não foi nada lisonjeiro.

Luciane deu uma risada. Alta, sonora, inesperada. Christian não pôde deixar de notar como a boca de Luciane era grande, maior que a da maioria das outras moças... Ele gostava disso, uma boca de sorriso amplo, lábios rosados, dentes claros... Uma boca como esta era feita para risos constantes.

E beijos.

Ardentes. De língua. Com pequenas mordidas. Sugando-lhe um pouco o sumo, antes de partirem para algo mais.

Oooopa... Surpreendeu-se com o rumo dos próprios pensamentos. Havia se aproximado de Luciane, isto é, da senhorita Hogarth, apenas porque fôra instigado por Matt, e agora já estava pensando em... a bem da verdade havia algum tempo não pensava nos prazeres da carne. Não, isto era falso. Pensava, mas as dores nas costas, o desconforto constante e interrupto, acabava por cortar-lhe um pouco certas vontades. E havia a questão das cicatrizes...

Contudo, quando voltasse às visitas aos bordéis, poderia arranjar de não despir-se de todo, e assim evitar comentários que pudessem estender-se e espalhar-se entre amigos e sociedade. E, desse modo, conter pensamentos inadequados para com jovens ingênuas.

Mas no exato momento... contentava-se em manter-se apenas com uma bela e agradável companhia feminina. E admirar sua boca.

E que boca!

Christian pigarreou. Serviu um copo de refresco para a senhorita Hogarth, reservando também um para si. Fizeram um pequeno movimento com os copos, um brinde fugaz, antes de os levarem aos lábios...

— Quente. — murmuraram ao mesmo tempo.

— Lamento — retrucou o major, deixando o copo de lado, como a jovem havia feito — que tal tentarmos comer alguma coisa?

Luciane deu um rápido revirar de olhos: — Por favor, não os sanduíches de pepino!

Um ruído súbito escapou da garganta de Christian, e Luciane não teve dúvidas que os olhos dele sorriam, mesmo que a boca não se abrisse de todo.

— Não! Tudo menos isto! Doces, então?

— Isto será perfeito! — assentiu Luciane, e com um sorriso satisfeito, caminhou ao lado de seu consorte em direção a mesa de doces.

QUATRO

O chá da tarde costumava ser um evento trivial desde que Christian regressara ao lar. O que trouxera um pouco mais de ação à mesa fora o fato de seus tios Gerald e Martha, e a prima Suzanne, terem se juntado ao restante da família para aproveitar a temporada. Desejavam que Suzanne arranjasse um marido, agora que já passara dos 20 anos. Jake já havia acompanhado a jovem em alguns bailes, e agora Christian também estava pronto para ajudá-la no que fosse necessário para ser bem sucedida.

Mas quando Christian entrara no salão para o chá, percebera imediatamente que desta vez não se trataria de conversas tolas sobre moda ou novidades da temporada. Seu pai estava lá. E sua presença à mesa certamente não se dava por acaso.

Depois dos cumprimentos usuais, e de assentar-se, Christian logo foi abordado: — Soube que estive com a senhorita Hogarth ontem á noite...

— Sim, estive.

— E? — o pai insistiu.

— Não achou a jovem Hogarth encantadora? Ah, que jovem bonita, bem educada... — a mãe atalhou.

Christian concordou com um movimento breve.

Os olhos estavam todos pregados nele.

— Sim, encantadora. — respondeu Christian, servindo-se de duas porções de torradas e cobrindo-as com geléia.

— Eu a adoro — disse Suzanne, atraindo a atenção para si, e

afastando do primo, pouco propenso a conversar — e combinei que iria com ela e Juliet comprar chapéus amanhã. A senhorita Luciane conhece a melhor chapeleira de Londres. Ela me garantiu, mamãe.

A senhora Martha assentiu, alegremente.

— Ah, minha filha, isto é ótimo! Fico contente que possa estar com suas amigas fazendo compras. Sabe que ir às lojas é uma coisa que sempre me entedia bastante...

— Juro, Martha, você é a única mulher do mundo que fica entediada com compras! — comentou Elinor, sorrindo.

Christian também teve vontade de rir. Sua prima havia acabado de salvá-lo de uma saraivada de perguntas inconvenientes sobre a noite passada, e estava grato por isto.

— A senhorita Hogarth é muito generosa, e tão espirituosa! — Suzanne sorriu, olhando na direção do primo, brevemente — Considero esta uma característica de pessoas que tem uma mente brilhante!

Christian assentiu vigorosamente. Também considerava, e não podia deixar de sentir uma ponta de orgulho por sua futura esposa ser assim. Percebera rapidamente que a senhorita Hogarth tinha pensamento ágil e bem humorado. E quanto esta qualidade o fizera sentir-se bem ao seu lado durante o tempo que passaram juntos no baile.

— Eu vou encontrar com ela no baile desta noite.

— Eu também vou. — respondeu Christian, antes de poder conter-se, e dar-se conta de que Suzanne falava com a tia Martha, e não com ele. Voltou rapidamente sua atenção ao seu prato, e calou-se. Nem sequer percebeu os olhares satisfeitos trocados por seus pais.

Christian havia acabado de cumprimentar a senhorita Hogarth, e mais uma vez a convidara para circular pelo salão até a mesa de doces, quando ela o encarou com expressão inquisitiva: — Acha-me magra demais, major Cunningham?

— Eu? — Christian ficou confuso com a pergunta imprevista. De modo inevitável analisou-a da cabeça aos pés, para logo depois completar — De forma alguma. A senhorita está muito bem.

— Então porque quer me engordar?

O riso escapou da boca de Christian sem que ele pudesse evitar. Soou curto, e meio enferrujado, e ele voltou a ficar sério.

— Desculpe-me, não a levarei até a mesa de petiscos, então.

— Ah, agora planeja matar-me de fome?

Desta vez o riso saiu com melhor sonoridade, para surpresa do próprio major.

— Sinto muito, não, nunca planejaria tal coisa!

Luciane sacudiu a cabeça, muito séria e concentrada: — Tem 5 dias que é meu acompanhante em todas as mesas dos bailes da temporada, e se não percebeu ainda que uma das coisas que mais aprecio é alimentar-me bem, então há algo errado em seu senso de observação “apurado”.

Christian cobriu a boca com a mão.

— Lamento minha falha a este respeito. Não mais se repetirá.

Luciane bateu o leque em seu braço, e lançou-lhe um olhar de superioridade: — Assim espero, major.

— Pergunto-me como pode falar coisas deste tipo e ainda assim manter a expressão impassível.

— É uma qualidade que aprimorei durante anos, e não pretendo de

forma alguma compartilhar. — respondeu ela, com um menear elegante de pescoço, e um suave erguer de lábios.

— Não importa. Para mim já foi o suficiente saber que está contando.

Luciane franziu as sobrancelhas.

— Contando?

Christian sorriu discretamente.

— Está contando os dias em que lhe faço companhia.

Ela arregalou os olhos exageradamente: — Um cavalheiro jamais mencionaria algo assim!

— Tsc, tsc, tsc... Mas não sou um cavalheiro. Sou um militar.

Luciane empinou o nariz.

— Não sabia que uma coisa excluía a outra.

O sorriso de Christian ampliou-se.

— Pobre e ingênua senhorita Hogarth...

Desta vez foi Luciane a soltar uma risada breve.

— Está troçando de mim, major!

Christian assentiu.

— Eu aprendo rápido.

Luciane apertou-lhe a mão entre as suas, firme e brevemente, encarando-o com seus olhos da cor do mel: — Fico feliz por isto, senhor. De verdade. — em seguida voltou a andar.

Mas Christian havia estacado. Aquele mero e rápido toque havia lhe distribuído uma descarga de algo quente que subira-lhe da mão ao braço, e do braço até o coração, fazendo-o disparar de forma inesperada. Não contava com isto. Com esta sensação, e com todas as outras que o haviam preenchido

na última semana. Não esperava que uma jovem com aparência de estátua de marfim fosse trazer-lhe de volta ânimos havia muito perdidos. Mas, parecia que assim acontecia. Porque aquela jovem não possuía nada de fria matéria, na verdade. Ela era pura vida, brilho e humor. E partilhava estes dons com generosidade a sua volta.

O major desejava sorver-lhe todos.

Juntou-se a ela antes que a jovem percebesse sua parada súbita, e encheram seus pratinhos com os belos confeitados distribuídos com capricho na mesa de doces. A anfitriã da noite havia colocado mesinhas próximas à grande sacada que rodeava o salão de baile, e foi para um canto mais vazio que a dupla se dirigiu, procurando um pouco de silêncio e tranquilidade para degustar os quitutes.

— Qual foi realmente a razão do seu retorno ao Reino Unido?

— Vim descansar um pouco, rever a família. — respondeu Christian, secamente.

— Não foi só isto. — afirmou Luciane.

Já devia ser a terceira vez que a jovem Hogarth falava algo do tipo. Ah, ela era obstinada, e não parecia querer abandonar a ideia que tinha. Pior que um cachorro com osso.

— E o que mais seria? Já lhe expliquei que não retornei com intenção de casar-me de imediato, senhorita. E nem parece ser este o seu desejo.

— Não, de fato não é. Assim como o senhor, fui levada a este compromisso alheia a minha vontade. — concordou Luciane — Mas já que aqui estamos e penso desenvolvermos certa amizade, é justo que queira saber o que o trouxe de volta ao lar.

— Tenho certeza que há diversos outros assuntos mais interessantes do que a razão para um militar afastar-se do serviço por certo período.

— Pode ser. Mas tenho certeza também que se eu não receber uma resposta satisfatória, persistirei no assunto sempre que tiver oportunidade.

Christian bufou. Satisfaria a curiosidade feminina apenas para que ela o deixasse em paz.

— Ah, que insistente! Só direi uma vez e o assunto estará encerrado, compreende? Sofri um ferimento e estou aqui para recuperar-me adequadamente e assim retornar às minhas funções.

Luciane o observava de olhos arregalados.

— Oh... E como está agora?

Christian desviou o olhar. Não queria pena, nem mais indagações a este respeito.

— Como disse, recuperando-me.

— E por que este assunto lhe é tão difícil?

Christian não gostava de confrontar-se com sua própria fragilidade. Já bastava-lhe que sentisse o tempo todo dores nas costas e no ombro, tantas e com tal constância que mesmo seu sono estava prejudicado. Se não fosse o láudano aliviar-lhe, não conseguiria sequer um tempo de descanso à noite, constantemente interrompido pelo latejar nos ossos, músculos e pele. Uma dor que talvez não o abandonasse nunca, algo com qual não desejava acostumar-se.

— Porque sim. — ele resmungou a resposta.

— Hum... — Luciane colocou um pequeno pedaço de doce na boca, e continuou olhando Christian fixamente.

De repente ela soltou uma exclamação, sua boca num O perfeito, seus olhos muito abertos: — Oooooh!!

Christian elevou seus olhos até os dela, desconfiado: — O que?

A moça levantou-se de sua cadeira.

— Eu sei por que o senhor não quer falar sobre isto! — Luciane gesticulava, movimentando os braços amplamente, agitada — É porque o senhor se feriu... o senhor se feriu... no... naquele lugar... lá!

E apontou para a direção da virilha do major.

Com as duas mãos, e os braços bem esticados.

Em seguida, cobriu as bochechas.

Christian estava boquiaberto. Assim que sentiu o rubor chegando-lhe às faces, ele ergueu-se também: — Não! Não, não, não! — gesticulava tal qual ela antes, mas em negativa — Não me feri no... naquele lugar... não!

A mão direita esfregou a testa, tentando apagar o comentário insultante de sua memória, certamente.

— Ah... — Luciane pareceu aliviada. A possibilidade de um sorriso começou a formar-se em sua boca. Mas logo isto mudou.

A senhorita Hogarth franziu as sobrancelhas.

— Mas... se o senhor não se feriu lá... no... naquele lugar... então porque evitaria o assunto...? Ooooooh... compreendo! Se não se feriu... bem... ali... — ela gesticulou novamente, desta vez apenas um braço, num gesto aberto e vago — é porque foi na... no... do outro lado!

Foi a vez de Christian franzir as sobrancelhas: — Do outro lado?

Um segundo apenas para entender o que era o outro lado.

— Nããã! — quase gritara agora — Não me feri na... no... do outro lado!

Luciane encolheu-se, levando a mão aos lábios.

— Feri-me nas costas! E no ombro direito! Só! Nem mais embaixo, nem na frente! — Christian apressou-se a responder, preocupado com o que

mais poderia sair dos lábios da jovem Hogarth.

Luciane abriu o leque num movimento súbito, e cobriu o rosto, deixando apenas os olhos à mostra.

Mas um som mínimo escapou dela. E havia algo em seu olhar...

— Está rindo! — Christian deu um passo em direção a ela, e outro, e logo estava perto o suficiente para segurar-lhe a mão e abaixar-lhe o leque — Estava se divertindo o tempo todo!

Os olhos dela eram puro brilho e diversão. E Christian não conseguiu deixar de rir junto com ela.

— É muito esperta, e sabe disso, não sabe? — o major murmurou, levando sua mão livre à cintura de Luciane.

— Já me disseram. — ela respondeu, no mesmo tom, erguendo o rosto em direção ao de Christian.

O major inclinou seu rosto para mais perto de Luciane...

— Senhorita Hogarth! Senhorita Hogarth!

A voz imperiosa aproximava-se, e Christian rapidamente largou Luciane.

Um rapaz enfim surgiu ao lado deles: — Ah, senhorita Hogarth, pensei mesmo tê-la visto encaminhando-se para este lado! Está na hora de nossa dança, e vim buscá-la.

Christian respirou fundo, e soltou o ar com força, sem preocupar-se em parecer indelicado. O rapaz enfim dignou-se a encará-lo. Pareceu um pouco surpreso diante do homem mais alto e mais forte que ele, um militar trajado com uma farda repleta de medalhas reluzentes.

— Sou Lucio Quinn, e o senhor é... ?

— Major Christian Cunningham.

Lucio Quinn franziu as sobrancelhas, tentando lembrar-se de onde já ouvira aquele nome.

— Sou o noivo. — retrucou Christian, com cenho fechado.

Luciane revirou os olhos. E o senhor Quinn deu um passo atrás.

— Ah! Claro, claro... Major Cunningham! Bem... eu... hã... já havia pedido à senhorita Hogarth esta dança... eu... — Lucio Quinn estava visivelmente embaraçado.

Ótimo, pensou Christian. Melhor que a expressão arrogante que vira na face de alguns cavalheiros no último baile. Ele não se incomodara com o fato de sua noiva, ou futura noiva - não sabia ao certo como expressar a posição em que estavam atualmente - dançar com outros homens. Isto na 1ª e 2ª noite ao lado dela. Nas vezes posteriores a coisa começou a mudar... inicialmente sentiu-se incomodado, depois perturbado e finalmente aborrecido. Como agora. Principalmente agora.

Luciane estalou a língua, interrompendo o desconforto de Lucio e a intimidação de Christian, que resolvera de fato personificar a fera que lhe parecera à 1ª vista, noites atrás. Pegou o braço de Lucio.

— Vamos logo, senhor Quinn. Não vai querer que a música comece e ainda estejamos no corredor.

— Claro que não! Er... com licença, major.

Christian assentiu, com olhos ainda semicerrados. E decidiu, a partir daquele instante, que sua presença ao lado de Luciane precisava ser melhor marcada. A acompanharia em passeios diurnos, e passaria a escoltá-la em bailes e saraus, ao invés de apenas encontrá-la nos salões. Os pais dela certamente ficariam satisfeitos com o arranjo.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CINCO

— Até que enfim o jovem Cunningham se lembrou que é comprometido! — Comentou Letitia, a mãe de Luciane, com rispidez.

— Letty... — A voz de lorde Edward soou como um aviso.

— Mas é verdade! Francamente, quando este rapaz esteve aqui, nesta casa, desde que seu pai assinou este acordo de casamento entre o filho mais novo e nossa Luciane?

O velho nobre assentiu, mas respondeu: — Eram jovens demais.

— Lu talvez, mas ele, nem tanto. Ou se esqueceu que àquela época já tinha má fama? De libertino, como aquele irmão dele.

— Realmente, milady, isto não é assunto adequado para conversarmos, estando com nossa filha na mesma sala!

Luciane procurava evitar levantar o rosto de seu bordado. Detestava bordar, mas preferia furar os dedos a participar da conversa cheia de queixas de sua mãe. Letitia Hogarth estava sempre reclamando de alguma coisa.

— Se você tivesse dado a mão de nossa filha a alguém mais adequado, esta conversa nunca aconteceria. Retrucou a esposa.

— Foi a primeira proposta que Luciane recebeu.

— E você não lhe deu chance de receber mais nenhuma!

— Porque na época eu pensei que...

— Oh, eu sei que pensou que poderia morrer, e que nossa outra filha já estava casada e morando naquele lugar horrendo... Os Estados Unidos! Mas pensa que eu não poderia conseguir um bom partido para a menina?

O homem remexeu-se em seu assento, irritado.

— Sim, penso que não poderia. Preciso repetir-lhe que não estamos no topo da sociedade? Que não estamos entre os mais ricos e influentes? Que meu título de barão é de menor importância? E que sou bem relacionado apenas porque me envolvi em política o máximo que pude? Imagine se uma viúva com recursos pouco significativos conseguiria casar uma jovem que não possui o melhor dote, e até então, nem mesmo os melhores atributos?

— Ai! — Luciane furou o dedo. Ser chamada de feia indiretamente não era algo que conseguisse ignorar, ou pudesse fingir ignorar.

O pai percebeu o deslize, e logo voltou-se para Luciane, com voz suave: — Certamente não poderia prever que nossa menina se transformaria numa moça tão bela!

— E nem que vivesse rodeada de jovens lordes aonde fosse, Edward! Luciane deveria ser o sucesso da temporada, e agora está presa ao filho caçula de um advogado!

— Um advogado mais rico que nós, e com família repleta de nobres, inclusive um duque. Letitia, provavelmente a estirpe de Christian é melhor que a nossa.

— Oh!! — A mulher levou a mão ao coração, e depois abanou-se — Como pode dizer isto?

— O que? A verdade? — ele riu — Não suporto quando você é esnobe. Não está casada com nenhum duque, pensei que já houvesse notado.

— E o senhor me deixa esquecer, lorde Edward? Não é ser esnobe desejar o melhor para as filhas!

— Então não casou a mais velha com um nobre rico e esperava fazer isto com Luci? — o homem bufou, com desdém. A filha mais velha casara-se com um comerciante americano, para desgosto da família. Envolvida num

NACIONAIS-ACHERON

quase escândalo, os pais não tiveram escolha a não ser deixá-los se casar, e partirem para a América em seguida. Afastar Mary fôra o melhor para garantir que toda a família, e a reputação da caçula, não fossem atingidas pelo comportamento inadequado da mais velha.

— E por que não? Quero vê-la rica e feliz!

Luciane controlou a vontade de revirar os olhos e responder à mãe. Lady Letitia julgava que a felicidade estava diretamente ligada aos bolsos.

— Bem, eu não tenho pressa em ver nossa menina casada. Não tenho pressa de vê-la ir embora. — Murmurou o nobre. Não via a filha Mary havia muito tempo. Não gostava da ideia de também perder a caçula, sua favorita, de vista. Mais uma razão para ter acordado seu casamento com um homem ligado à família. E um inglês, não um estrangeiro.

— Certamente Luci compartilha de sua opinião. Ela não quer casar-se.

— Mamãe! — Luciane exclamou, contrariada de que a mãe partilhasse este pensamento com seu pai.

— Claro que quer casar-se! Toda mocinha quer casar-se! — o velho homem estava estupefato com tal ideia.

— Ela quer casar-se por amor... — desdenhou a mãe. Depois, arrependida do modo como suas palavras soaram, retificou-se — Já expliquei a ela que isto costuma vir com o tempo. Disse-lhe que nosso casamento, como o da maioria das pessoas de bem, foi decisão de nossos pais, e tudo deu certo.

Lorde Hogarth pareceu um pouco desconfortável em sua poltrona, mas assentiu.

— Claro, claro... Quando chegar sua vez, Luciane, verá que as coisas vão se acertando com o tempo...

Luciane suspirou. Não queria esperar o amor vir com o tempo, depois do casamento... e se fosse semelhante à maioria do que via por aí? Um amor morno, semelhante ao gostar entre colegas de classe, unidos por um senso comum, mantido por conveniência, sustentado por mera obrigação e conformismo. Seria isto o que a aguardava? Não podia aceitar passivamente tal destino. Já pensara em fugir antes, largar tudo, deixar casa e família para trás, mas nos últimos tempos tal desejo amainara, provavelmente porque o homem a quem estava atada houvesse afrouxado os nós e lhe dado distância, fazendo-a sentir-se numa falsa liberdade.

Mas ele estava de volta. E, se a primeira vista, não parecesse interessado em novos laços, na noite anterior começara a demonstrar sim que os nós ainda estavam firmemente consigo.

E que possuía o poder de os reatar, puxar, e apertar.

Luciane vira pequenas demonstrações no baile, e não precisava ser muito observadora para notar que Christian Cunningham começava a impor-se como seu noivo. A camaradagem que Luciane pensara adquirir do oficial estava ameaçada. De alguma forma deveria reverter isto.

— Bem, se temos que aceitar o major em nossa família, que seja. Sendo assim, faremos da forma mais correta. Basta o que Mary fez anos atrás, causando confusão e falatório. Luciane se comportará de maneira digna em seu noivado, que agora é definitivamente oficial. — Letitia apontou um dedo para a filha — Isto significa, mocinha, que comparecerá às festas em que seu noivo comparecer, aceitará as sugestões que ele lhe der, e acatará suas decisões quanto aos horários a cumprir, se eu ou seu pai não estivermos presentes para fazermos isto.

Luciane encarou a mãe, surpresa. O que isto significava? Obediência ao major Cunningham? Era brincadeira, não? Porque isto não ia acontecer

nunca. Desviou os olhos para o pai, que voltara a seu jornal, mais uma vez alheio à conversa. E aliviado por isto, certamente. Percebeu que não tinha um aliado neste ponto. Precisava pensar o que fazer diante do quadro que se formava a sua frente. E estava sozinha nisso. Completamente.

— E já está pronta para ele? — indagou lady Letitia.

Luciane lançou á mãe um olhar ligeiramente enviesado: — O quê?

— “O quê”, menina? Está pronta para quando seu noivo chegar? Ele não disse que viria buscá-la para um passeio no parque? — a mãe replicou, impaciente.

Ah, claro, o passeio no Hyde Park!

— Sim, mamãe, estou pronta.

Não demorou muito para que Christian fosse anunciado e introduzido ao recinto. Estava com uma bela aparência, em seu traje de passeio. Claro, um homem tão alto e largo certamente preencheria bem qualquer vestimenta. A farda especial, que ele reservava para os bailes, então, o deixava extremamente elegante, mas Luciane gostou de vê-lo de forma mais relaxada, e com isso, parecendo mais acessível... Talvez pudesse colocar em prática o seu plano de amaciá-lo...

Após uma conversa trivial como a boa educação exigia, o jovem casal pôde seguir para seu passeio no Hyde Park, com uma criada os seguindo à razoável distância.

— Está um belo dia. — comentou o major.

— Sim, está.

— Gosta de passear ao Sol?

— Sim, gosto.

Christian conteve um suspiro impaciente. O que havia com sua noiva

hoje? Era sempre boa nas conversações, e a ele agradava ouvir seus comentários bem humorados e mesmo suas provocações, mas parecia uma muda agora!

— Passou bem à noite? — ele insistiu na conversa.

— Sim.

— Senhorita Hogarth, está tudo bem? — Ele indagou, parando de caminhar, e obrigando-a a fazer o mesmo.

— Sim, está. — Luciane respondeu, sem encará-lo.

— Então por que está me respondendo sempre em monossílabos?

A irritação já transparecia na voz de Christian. E em seus olhos, Luciane percebeu de imediato.

— “Sim, gosto” não é monossílabo.

— Pelo menos sua ironia não se perdeu por completo! — Ele resmungou — Agora diga-me o que a esta incomodando.

— Se quer mesmo saber, o senhor. — Ela o encarou, erguendo o queixo de um jeito que fazia Christian querer aproximar-se mais e tocá-la.

Christian demorou alguns segundos para perceber o que ela dissera.

— Eu? Eu a estou incomodando? — Christian temeu que sua voz houvesse parecido soar um pouco angustiada. Ele a incomodava? Mas como? Ele valorizava cada momento ao lado da senhorita Hogarth, ansiava por eles de um modo quase desconfortável... Esforçava-se, inclusive, para sempre parecer-lhe adequado, pondo de lado, com todo o esforço que podia, os hábitos de libertino que sempre o regiam, desde os 18 anos... E agora o objeto de sua admiração e empenho lhe dizia que ele estava incomodando... sentiu-se um tanto sem chão por alguns segundos.

Luciane balançou as mãos, e negou com a cabeça veementemente.

— Não! Não o “senhor”! Não é isto!

Christian por pouco não solta o ar com força, aliviado. Reassumiu a postura controlada e fria de militar.

— Bem, então explique-me, senhorita.

— Sua atitude ontem foi o que me incomodou.

Christian fez um sinal para que a criada dos Hogarth sentasse em um dos bancos espalhados pelo Hyde Park e voltou a andar, procurando conduzir Luciane a uma alameda menos movimentada do parque, para que pudessem falar sem serem interrompidos a toda hora por conhecidos que desejam cumprimentá-lo e parabenizá-lo por seus feitos em batalhas. Quando encontrou uma área que lhe pareceu satisfatória, parou mais uma vez.

— Fiz algo que a ofendesse?

Luciane pigarreou. A conversa talvez não fosse muito fácil... ainda mais se seu prometido continuasse a encará-la do modo que fazia agora. Seus olhos verdes nunca lhe pareceram tão concentrados nela antes. E... era impressão dela ou o major não piscava?

Devia ser assim o olhar de um grande felino selvagem. Principalmente antes de saltar em cima de sua vítima. Mas Luciane não era uma presa, nem o major desejava atacá-la, claro. Não precisava se preocupar, em nenhum sentido. Por mais que tivessem encontrado agradável companhia um no outro, e mesmo alguns pontos de afinidade, não estava interessado nela de fato. Certamente ele concordaria que não precisava bancar o noivo dedicado para a sociedade.

— Não. Major, refiro-me a sua atitude quando fui dançar. Foi indelicado com cada cavalheiro que retirou-me para as danças de praxe. Eu realmente não entendo porque, se isto não fez a menor diferença para o senhor nas noites anteriores. Não é necessário que tente parecer para mim um

noivo enciumado, já que não está de fato me fazendo a corte e nem precisa demonstrar à sociedade algo do tipo. A esta altura dos acontecimentos, do modo que as notícias correm, todos já sabem de seu retorno e a retomada de suas... obrigações para comigo.

Christian gostaria de dizer que ela não era uma obrigação, não mais. Com apenas poucos dias, ou poderia se dizer poucas horas, ao lado de Luciane Hogarth, percebera que ela era uma moça divertida, amigável, e pelo que observara quando estavam entre amigos, leal às pessoas que estimava. Sua companhia era um prazer. Mas como dizer-lhe isto, sem que parecesse falso? Ele mesmo não a achava uma mera obrigação tempos atrás?

— Meu comportamento não tem nada a ver com demonstrações à sociedade do que seria o “agir de modo esperado”.

— Não? — Luciane sentiu-se confusa.

O major deu de ombros.

— Mas talvez eu quisesse demonstrar a seus admiradores que simplesmente existo.

— Isto é uma tolice! — Luciane exclamou.

Christian aproximou-se de Luciane.

— Eu não concordo. É uma dama com muitos admiradores, senhorita Luciane.

Foi um pouco estranho ouvir seu nome de batismo sair da boca do major. Embora ele algumas vezes fizesse gracejos durante suas conversas, o tratamento reservado a ela era bem formal. Usava sempre seu sobrenome...

— E eu sou um homem egoísta, que não gosta de dividir.

— O que? — Christian Cunningham estava muito próximo dela. Parecia ter invadido aquele espaço que sempre havia ao seu redor, mesmo

quando falava com suas amigas. E isto a deixava desconcertada, e como que sem equilíbrio.

— Não gosto da ideia de dividir você com qualquer outra pessoa. Muito menos com um outro homem. Mesmo que durante uma dança.

Luciane engoliu em seco. O militar estava tão perto que podia perceber de onde saiam os fios de sua barba... havia mais de um tom dourado nela.

— Eu...

Christian a interrompeu:

— No entanto, se minha atitude é a razão de seu silêncio e do esmorecer do brilho em nossas conversas, então me comprometerei a comportar-me com o que considera mais civilizado.

E agora podia também ver a tonalidade de seus cílios... eram mais escuros que seu cabelo.

— Mas esclareçamos aqui um ponto. Sua companhia é um prazer, e não uma obrigação.

Luciane aquiesceu e deu um passo atrás.

— Se o senhor diz, acredito.

— Deve acreditar não porque afirmo, mas por ser verdade.

E ele estava novamente próximo.

— Certo. — ela anuiu.

Christian sorriu.

— Certo.

Ele continuava a encarando. Com aqueles olhos verdes, tão brilhantes... suas íris reluzentes eram encantadoras. Quase hipnotizantes...

— Se eu for mais generoso e permitir dividi-la durante as danças com outros cavalheiros, sem mostrar-me tão desagradado da situação, ficará satisfeita?

— Eu... Major, não é que eu... — Deus, estava com dificuldades para pensar com clareza e articular suas ideias tendo aquele homem tão junto a si — apenas não gosto da sensação de... ter minha liberdade cerceada.

Christian ergueu as sobrancelhas.

— Sua liberdade está sendo cerceada por mim?

Luciane conteve o levantar de seu queixo. Isto a aproximaria ainda mais do major Cunningham. E não desejava recuar mais, pois acabaria batendo com as costas em alguma árvore ou arbusto. Além disso, pareceria estar com medo. Não estava. Repetiu isto para si mesma mais uma vez, para que acreditasse.

— Não diretamente. A situação já o faz.

— Compreendo. Me esforçarei para esta sensação lhe seja atenuada.
— ele respondeu-lhe, num tom de voz baixo e ainda mais grave que de costume.

— Fico-lhe muito grata.

— O quanto?

Luciane ergueu o queixo, e seus olhos castanhos claros se arregalaram.

— Como assim?

— Não importa. — Murmurou Christian, levando seus lábios de encontro aos de Luciane.

O beijo foi leve e suave. Luciane sentiu o coração palpitar, e o corpo pareceu balançar junto, durante alguns segundos. Até que a boca do major

afastou-se da sua.

Christian desejava mais daquele beijo, mas sabia que não podia e nem devia. Já havia sido atrevido o suficiente acuando a senhorita Luciane e tocando seus lábios à luz do dia, em um local onde todos poderiam ter-lhes vistos. Mas não viram.

— Nossos pais decidiram nossa união, e mesmo assim eu a estou cortejando, independente do quanto está selado nosso destino, senhorita Luciane. Quando lhe disse que não sou um cavalheiro, não mentia. Não espere que eu aja como a maioria dos homens que estiveram a sua volta nos últimos tempos. Eu tomo as minhas decisões mediante o que eu penso e desejo, e em referência a nós dois só levarei em conta sua opinião porque é de meu interesse mantê-la feliz. Isto está claro? — Christian perguntou, ainda próximo o suficiente para que seu hálito chegasse até Luciane como uma brisa morna e convidativa.

— Sim, está claro.

— Alguma objeção quanto a isto?

O que Luciane podia dizer? Ainda estava surpreendida demais com o beijo para perceber o real sentido daquela conversa. Só a entenderia de fato mais tarde.

— Nenhuma. — ela murmurou.

— Então voltemos ao nosso passeio antes que sua criada se incomode com nossa ausência e venha procurar-nos.

Christian ofereceu o braço, que Luciane tomou após um breve instante de hesitação.

Quando Luciane tomou o braço que lhe era oferecido, Christian ficou-se observando a pequena mão repousando sobre sua casaca. Era impossível não notar o contraste do tecido escuro contra a delicadeza da

NACIONAIS-ACHERON

jovem ao seu lado. Seria ainda mais contrastante sua grande mão queimada de Sol diante daquela palidez londrina... Desejou imediatamente cobrir-lhe a mão com a sua. Agora já havia intimidade o bastante para isto, então o fez. Acariciando-lhe os dedos quase involuntariamente sentiu a falta de um anel de noivado para enfeitar-lhe. O providenciaria o mais rápido possível. Distraído com seus pensamentos, pôs-se a caminhar, levando a noiva consigo, sem perceber que Luciane também fitava suas mãos entrelaçadas, atordoada com suas próprias sensações.

SEIS

Enquanto se preparava para o baile daquela noite, Luciane continuava atordoada. Cunningham entrara de repente em sua vida - apesar dela saber que um dia isto aconteceria - forçara passagem e ganhara espaço, sem que Luciane percebesse suas reais intenções. Pensara que o major aproximara-se por cortesia, e que continuaria a levar sua obrigação para com ela apenas com a cortesia necessária para que pudessem frequentar os mesmos locais sem problemas. Afinal ele não era um libertino? Não deveria querer casar-se logo. Não devia querer casar-se nunca, pelo que notara de seu comportamento para com normas e etiquetas até ali. Acreditara que o major estivesse tão avesso ao relacionamento quanto ela, esperava encontrar um aliado, ou mesmo um amigo, como os tantos com quem conversava e dançava em festas e saraus. De modo que pudessem, quem sabe, desembaraçar-se daquele contrato ridículo, para seguir caminhos diversos em busca de felicidade real.

Mas ao invés de agregar um simpatizante para sua causa de manter-se solteira até encontrar um grande amor, e só então casar-se, parecia ter encontrado alguém que não se importava com um casamento de conveniência.

E ele estava tão resignado com a ideia do casamento que até a beijara!

Ele a beijara!

Luciane se surpreendera muito com o beijo. Esta era a razão para que sentisse como se seus pés saíssem do chão, e que seu estômago tremulasse de um modo muito estranho... Com certeza fôra uma reação típica para uma jovem pega de surpresa por um beijo. Afinal, nunca havia sido beijada!

Mindy terminou de ajudá-la com as luvas.

— Está pronta, senhorita.

— Obrigada, Mindy.

Luciane foi para a sala onde sua mãe, já pronta, aguardava o restante do grupo para uma refeição breve e íntima. O pai desceu em seguida.

Quando Christian Cunningham foi anunciado e introduzido ao recinto, Luciane experimentou um estranho alvoroço por dentro. O major havia retirado a barba, e estava ainda mais bonito que de costume, com a aparência rejuvenescida. Lady Letitia o elogiou, fazendo-o agradecer educadamente, mas Luciane não pôde deixar de notar que o olhar dele voltava-se para ela durante todo o tempo em que a etiqueta exigia antes de seguirem para a sala de jantar. Só depois da refeição, em que conversaram sobre trivialidades, mas que serviria para travar maior conhecimento entre genro e sogros, seguiram para seu evento, o baile dos Brown.

— Bem, é hora de irmos. — anunciou o patriarca da família, tomando a mão da esposa para seguirem até a carruagem. Christian fez o mesmo com Luciane, sorrindo-lhe de leve.

— Está muito bonita, senhorita Luciane.

— Muito obrigada, major.

Christian assentiu. Luciane estava mais do que bonita, e gostaria de poder dizer-lhe isto mais efusivamente, e até demonstrar-lhe com outro beijo, desta vez um mais potente. Mas com os pais dela junto a eles, seria impossível. Felizmente a viagem até o palacete dos Brown não era longa, e assim que foram anunciados no baile, Chris conduziu a noiva para longe dos pais, com a desculpa de que iriam cumprimentar amigos.

— Este vestido azul assenta-lhe muito bem. Sem dúvida é a dama mais bela da noite, senhorita Luciane. Estou lisonjeado por ser seu

NACIONAIS-ACHERON

acompanhante. — O major fez um ligeiro floreio diante dela.

Luciane ruborizou lindamente. Foram raras as vezes em que ele a vira ruborizar, e isto despertou nele mais uma vez a vontade de aproximar-se mais, de beijá-la. Oh, sim, queria tê-la nos braços. Logo. Provavelmente a melhor forma de conseguir isto fosse render-se a uma dança. Temera, nas noites anteriores, convidá-la e fazer feio no salão, já que a impressão que tinha era de que suas costas estavam muito retesadas, e que seus movimentos fossem muito duros. Antes do acidente que sofrera dançar sempre fôra um prazer, e uma oportunidade de ter nos braços belas mulheres, mas depois o ânimo arrefecera e o incômodo de movimentar-se também não ajudava na causa. No entanto, desde a véspera as dores pareciam haver amainado, o que o animara bastante, levando-o a pedir à prima Suzanne, não sem uma boa carga de constrangimento, que treinasse com ele em casa, e testasse sua condição atual como dançarino.

Passara no teste, embora ainda sentisse um pouco de insegurança. Mas sendo um homem que não gostava de demonstrar suas fraquezas, voltaria às atitudes esperadas de um frequentador da temporada. E embalar em seus braços uma bela dama era uma destas atitudes. Bem, ali estava diante dele uma a quem desejava muito embalar, uma companhia perfeita para conversas e silêncios. Além disto, dançar com a noiva seria uma forma de demonstrar sua presença definitiva na cidade, e seu interesse pela jovem a quem fôra destinado.

— Concede-me esta dança?

Luciane o olhou, surpresa. Os olhos castanhos claros brilharam mais quando ela sorriu.

— Ora, ora, Major Cunningham, finalmente animou-se! Claro que sim!

O major sorriu-lhe de volta.

— Complete minha noite dando-me o privilégio de chamar-me pelo meu nome de batismo.

— E deseja fazer o mesmo comigo, suponho. — ela curvou um pouco a cabeça de lado, encarando-o.

— Com certeza, Luciane. — ele respondeu, aproximando-se mais. Não conseguia mais manter-se afastado à distância respeitável. Sua mão pegou a dela, entrelaçando os dedos.

Luciane baixou o olhar para as mãos entrelaçadas daquele modo. Era uma sensação ainda mais quente do que ter a mão coberta pela dele no parque, ou que o mero toque de tê-la abaixo da sua na condução à carruagem ou à entrada de um recinto.

— Deixe. — ele sussurrou. E ela não sabia se o pedido era para o toque de mãos, ou para poder usar seu primeiro nome. Qualquer uma das coisas permitia uma intimidade muito maior do que a obtida até agora.

— Sim.

Sua resposta era positiva para ambas as solicitações.

Christian conduziu Luciane para o salão de dança, ainda com os dedos entrelaçados aos dela. Assim que colocou a mão na cintura dela e a puxou para perto, a noiva soltou um pequeno suspiro. Os olhos do major entrecerraram imediatamente. Se estivessem sozinhos... Ah... o predador dentro da farda estava muito eriçado e com dificuldades de conter-se. Respirou fundo quando ela pôs a mão sobre seu ombro direito. Sentiu um pequeno repuxão na área, um efeito inesperado, certamente, mas não um retesar doloroso. Puxou o fôlego mais uma vez, concentrando-se em manter seu lado dissoluto bem preso, e a dor, ainda mais. Os músicos começaram a tocar a música, e Christian viu-se rodopiando com Luciane em seus braços.

Finalmente!

Luciane não conseguia deixar de sorrir para o parceiro diante de si. Christian dançava lindamente! Conduzia com leveza, criando a inebriante sensação de que bailavam acima do chão. O som os enlevava, embalando seus movimentos, fazendo os giros parecerem vôos, os risos se assemelharem a sinos, os rostos em volta simplesmente sumirem...

A face do militar severo voltava a dar lugar ao rapaz bem humorado a quem um dia havia sido apresentada. Sabia que contribuía para isto, para trazê-lo à tona, deixando-o mais à vontade tanto com ela quanto aos que estavam em volta. Não pensara, porém, que o ato de animá-lo, como fazia com todos os amigos a seu redor, fosse reverter em resultados para si mesma. Resultados estes que não estava certa se seriam uma benção ou um castigo, já que reassumindo seu lugar na sociedade, assumiria também, em consequência, sua obrigação para com os Hogarth. Ou seja, ela.

O sorriso de Luciane foi sumindo conforme seus pensamentos iam tomando forma, a música acabava e a magia ia se desfazendo.

Christian percebeu o momento exato em que o brilho resplandecente de Luciane começou a arrefecer. Antes disso, sequer podia piscar perante a emoção que sentia ao estar num mundo formado pelo encontro do seu corpo com o da estrela luminosa que passara a alegrar seus dias e agora luzia apenas para ele. Estava pronto para dizer-lhe que deveriam dançar outra vez, mas uma mão em seu ombro o fez voltar-se.

— Christian, precisa vir comigo! É sobre Suzanne.

— O que houve? — pegou a mão de Luciane, seguindo prontamente seu irmão Jake.

— Tristan a viu seguir para o jardim, com Grafton. — sussurrou Jake, sem parar de andar.

— Merda! — rosnou Christian.

Luciane sentiu o coração parar por instantes. Suzanne era a jovem mais bonita da temporada, que com sua simpatia e berço aliados, a faziam ser muito cobiçada. O homem que a conseguisse cortejar, enredar ou envolvê-la em algum tipo de rumor, ganharia uma esposa valiosa. E era tão fácil que algo inadequado logo se espalhasse... Preocupou-se com a nova amiga, que certamente desconhecia a força da maldade que havia nas pessoas que formavam a classe alta do Reino Unido.

Os amigos Tristan e Juliet já os aguardavam nos jardins, para o caso de precisarem se tornar figuras de companhia para Suzanne, evitando assim um escândalo caso alguém notasse sua ausência no salão.

O grupo seguiu à procura. Felizmente ela não havia se afastado demais. Por outro lado, beijava lorde Grafton.

— Suzanne! — Christian chamou a atenção da prima, que afastou-se do lorde rapidamente.

Jake voou sobre o homem que acabara de beijar Suzanne, sem que houvesse tempo de alguém contê-lo.

— Jake! — gritou Christian — Pare com isto agora mesmo!

— Não se meta, Chris! — Jake berrou em resposta, acertando um soco no estômago de seu adversário.

— Idiota! Você me chamou, então já estou metido nisso! — Christian alcançou o braço do irmão, e o segurou. Com um safanão Jake se libertou, furioso. Grafton aproveitou a oportunidade para desferir um murro no queixo do advogado.

— Isso mesmo! Não se meta, Cunningham!

— O quê? — A voz do major retumbou, vendo o irmão cambalear e o seu adversário sorrir. Christian viu tudo vermelho.

NACIONAIS-ACHERON

E se jogou entre ambos.

Foi a vez de Tristan gritar, entrando no meio deles: — Parem com isto já!

Matt Fallentin e Grayson Shakman surgiram correndo, seguindo a voz de Chris e Tristan. Juntos tentavam fazer os outros amigos pararem de brigar, mas a confusão só parecia aumentar com tantos braços envolvidos.

— Parem! Estão fazendo muito barulho! Vão atrair curiosos! — reclamou Juliet, ríspida e preocupada.

Suzanne estava pálida, vendo a briga envolver mais gente, por causa dela. Suplicava que parassem, mas também não era atendida.

O mais agressivo de todos era, sem dúvida, o major Cunningham. Já esmurrara todos os outros rapazes, inclusive seu irmão, que parecia um pouco tonto e fraco agora, e estava sendo amparado por Tristan, depois de destruir, acidentalmente, um arbusto de azaléias. Grafton caíra no chão, levando com ele galhos e folhas. Shakman aproveitou para arrastá-lo para fora do alcance de Chris, que seguiu atrás deles, decidido a acertar contas até as últimas consequências, sem que Matt conseguisse segurá-lo. Conter uma fera não era tarefa das mais simples, e o militar estava dando trabalho.

— Sentido, soldado!

Mesmo sendo um major agora, Christian enrijeceu ao ouvir a voz trovejante do tenente-coronel Miles. Havia servido durante muito tempo sob as ordens dele, para que não obedecesse de imediato. Estacou, esticando o corpo, pronto para inspeção.

Todos olharam em volta, procurando de onde vinha a ordem.

Um risinho breve escapuliu de Juliet.

— Descansar, homens!

Desta vez Suzanne também riu.

Os homens encaravam, de olhos arregalados, a pessoa que lhes falava.

Christian era o mais surpreso. Estava boquiaberto perante a imitação perfeita que Luciane fizera de Miles. E quando ele estourou numa grande risada, o grupo presente, inclusive Grafton, o acompanhou, rindo alto.

A senhorita Cunningham, alheia às gargalhadas gerais, tinha as mãos na cintura, observando a tudo com ligeiro ar de superioridade.

O riso demorou um pouco para arrefecer, e quando enfim cessou, Juliet e Suzanne limpavam lágrimas alegres dos cantos dos olhos, e os rapazes haviam recobrado a razão por completo.

Jake pigarreou.

— Bem, agora que tudo está sob controle, graças à senhorita Hogarth, Grafton irá acertar comigo, diante de todos, suas obrigações para com minha prima. Uma moça de família!

Grafton estava com os olhos desmesuradamente abertos, descorado e trêmulo, e mal conseguiu articular uma frase: — Claro, sem dúvida. Cometi uma falta grave, mas se a senhorita Cunningham puder me dar a honra de tornar-se minha...

— Não! — Suzanne quase gritou.

— Suzanne, ele a beijou, e como dita os códigos de honra entre cavalheiros...

— Isto é ridículo. Lorde Grafton mal havia tocado em mim quando vocês todos chegaram com a fúria de um furacão e fizeram um escândalo totalmente desnecessário.

Suzanne olhava a todos com cenho franzido.

— Não irei casar com alguém que pouco conheço só porque você

acha o correto, Jake Rae! Ora, se fosse casar com a primeira moça de família a quem beijou num momento de descuido no jardim, já estaria enlaçado há muitos anos, gordo e domesticado, vivendo no campo, e cercado de filhos!

Risadinhas dissimuladas escaparam dos amigos que observavam a conversa.

— Um momento de descuido? — repetiu Grafton, alisando os cabelos desgrehados com os dedos, e parecendo ofendido.

— Gordo e domesticado? — replicou Jake, indignado.

— Desculpe por isto milorde, mas sim. E Jake, sim também. Sabem que é verdade. E sabem que tenho direito de escolher bem com quem viverei o resto de minha vida!

Jake voltou seu olhar para Christian, que a um canto observava tudo, absolutamente silencioso. Ele levantou os ombros num pequeno movimento, sinalizando que o que decidissem estaria bem. Jake ainda manteve os olhos sobre o irmão algum tempo, antes de voltar-se para o casal a quem se destinava sua reprimenda.

— Escândalo mesmo acontecerá se o que se passou aqui chegar aos ouvidos da sociedade em que vivemos. Se a notícia se espalhar, vocês irão se casar e ponto final.

— Mas não vai se espalhar. Estamos entre amigos, e felizmente a música alta do salão não permitiu que escutassem o barulho de vocês. — intercedeu Luciane.

— Eu lamento tremendamente o que aconteceu. Peço desculpas a todos. E garanto que algo assim não se repetirá. Não permitirei me envolver em qualquer escândalo, e nem com nenhum libertino. — murmurou Suzanne, de olhos baixos.

Grafton resmungou algo ininteligível, e os amigos o olharam de cara

NACIONAIS-ACHERON

feia.

— Está decidido, Grafton. Aceite. — afirmou Matt.

— E se alguma fofoca se espalhar, saberei que foi você, milorde. Neste caso conseguirá a mão de Suzanne, mas junto com este grande prêmio receberá a mim e a Chris como sua família, e garanto-lhe que faremos de sua vida um inferno eterno e mais assustador que o de Dante.

— Dou-lhe minha palavra que nada direi! — garantiu Grafton, aborrecido. Olhou as próprias roupas, tentando limpá-las, sem obter sucesso.

Jake olhou para si mesmo, conferindo o estrago em suas vestimentas. Observando os companheiros em volta, percebeu que em menor grau também Chris e Matt estavam com os trajes em mal estado.

— Não podemos voltar ao baile como estamos. Nosso fama já é ruim o suficiente sem que pareçamos ter rolado sobre grama enlameada feito filhotes de cachorro!

Tristan concordou.

— Existe um portão do lado esquerdo do muro, onde podem sair sem que algum dos convidados os veja neste estado.

— Como sabe disso? — indagou Juliet, encarando-o com olhos de águia.

Tristan deu uma risada.

— Não por uma razão indecorosa, afirmo-lhe, minha querida! Fui amigo do filho dos Brown durante a infância. Se ele não estivesse passando uns tempos na Itália, certamente lhe contaria sobre nossas expedições neste vasto campo! — Tristan fez um movimento amplo com a mão, mostrando como o grande jardim poderia se tornar um local ideal para aventuras infantis.

— Sairemos por lá, então. — decidiu Jake.

Christian deu um passo em direção à Luciane, tomando-lhe a mão, enquanto o grupo dispersava.

— Lamento o acontecido, Luciane. Gostaria de aproveitar mais a noite em sua companhia, porém meu traje não permitirá que passe despercebido. Precisarei ir embora.

— Eu compreendo. Não se desculpe. — ela aquiesceu.

— Entre, por favor, e junte-se aos seus pais. Tenha uma boa noite. — curvou-se sobre a mão da noiva, beijando-a de leve.

Assim que Luciane se afastou, Christian fechou os olhos. Seu irmão aproximou-se.

— Sente dor, não é mesmo, irmãozinho?

Christian assentiu.

— Agora que o sangue esfriou, sim.

— Os outros já dispersaram, e apenas Sue e Matt nos aguardam no portão. Se quiser pode passar seu braço sobre meu ombro e apoiar-se em mim.

Christian abriu os olhos e encarou o irmão. Eram um pouco parecidos fisicamente, e Chris sempre gostava de observar suas semelhanças, buscando a si mesmo na face do outro. Os olhos verdes de Jake eram mesmo iguais aos seus? Tinha impressão que os do irmão mais velho eram mais límpidos. Os narizes retos eram realmente idênticos, e a boca do outro, um pouco maior. Nesse momento um pequeno arroxeadado começava a surgir na bochecha esquerda de Jake. Eis uma boa diferença! Chris sorriu, apesar da dor crescente nas costas.

— Será que eu sou o responsável por este soco na sua cara?

Jake riu.

— Provavelmente. No momento da raiva esqueci-me que você tem uma direita poderosa! Não devia tê-lo chamado para perseguir Grafton, e nem o mandado afastar-se depois, sabendo do seu temperamento e seu humor. — Jake ficou sério — E principalmente, dos seus ferimentos. Me desculpe, Chris.

— Não tem problema, J. Eu me excedi. Preciso aprender a controlar-me. — começou a caminhar, recusando a ajuda fraterna, mas feliz por Jake estar por perto.

— Espero que nenhuma ferida tenha reaberto. — Jake estava aflito. Seus olhos não se afastavam do irmão mais novo.

— Eu também espero. E... Há mais uma coisa, Jake.

— Pode dizer o que quiser. Fale tudo, Chris.

— Você tem montes de pétalas de flores no cabelo.

— O quêêê? — Jake passou a mão pelos cabelos claros, com brusquidão — Está brincando?

— Não. Dou-lhe minha palavra.

— Mas que merda...

Continuaram caminhando devagar, deixando um rastro de pétalas de flores pelo caminho.

Luciane voltou ao saguão, procurando um lugar onde pudesse sentar-se e pensar um pouco. Recusou dança para dois cavalheiros no percurso, e suspirou de alívio ao encontrar um canto remoto onde algumas cadeiras estavam perfiladas, para uso das damas de companhia ou de matronas

entediadas.

Ela havia ficado muito nervosa quando viu Christian envolver-se numa briga. O homem tinha ferimentos recentes de guerra, pelo amor de Deus! Como sua lealdade não a permitiria falar do estado físico do major como justificativa para que a luta cessasse, precisou usar de criatividade para acabar com a confusão. Ainda bem que ela e Georgiana passavam boa parte do tempo juntas divertindo-se com piadas e imitações de pessoas a quem conhecia. Miles, noivo de Georgie, e um bom amigo de Lu, tinha uma voz grossa e alta, mas que era fácil de ser imitada por alguém que possuía tom um pouco mais grave, como o dela. Sentira um alívio tão grande quando o major finalmente parara de brigar... E assim que o risco dele esvair-se em sangue diante de seus olhos passou, suas pernas tremiam tanto que teve dificuldade para manter-se firme. Não conseguiu rir da situação simplesmente porque os músculos faciais não a obedeciam. Pior: tinha a nítida sensação que se tentasse rir, ficaria histérica, e acabaria em lágrimas.

— Escondendo-se?

Luciane ergueu os olhos, para deparar-se com Lorde Timothy. O nobre bonitão a observava com seus olhos escuros e argutos, e como sempre sua boca guardava um sorriso malicioso.

— Apenas descansando, Vossa Graça. — Lorde Tim, como era comumente chamado, era atualmente o visconde de Alvoy, e segundo se comentava, devido à doença de seu pai, se tornaria o conde de Attwood muito em breve.

— Posso juntar-me a você? — sem esperar resposta, sentou-se ao lado de Luciane.

Ela apenas aquiesceu, sem muita surpresa diante dos modos dele. Lorde Tim era famoso por seu comportamento fora dos padrões e sua opinião

debochada sobre normas e etiqueta.

— Então seu guardião resolveu deixá-la mais cedo, hoje?

Isto sim a surpreendeu.

— Como sabe que ele não está aqui?

Timothy riu.

— Ele não a deixaria num canto, sozinha. Ainda mais com homens como eu por perto. — pontuou sua afirmativa com um movimento de sobrancelha que indicava que tipo de pessoa se tratava.

— Penso que não se tem alta conta, milorde. — Luciane sorriu, sem resistir à gaiatice do lorde.

— Sou apenas realista, senhorita. — Timothy recostou-se na cadeira, observando algumas pessoas adiante.

Luciane nada disse. A fama de libertino que o visconde carregava era notável, e sendo algo tão inegável, não seria ela a contradizê-lo. Além disso, estava tensa demais para conversar à toa.

— Gostaria de dançar? — ele indagou, voltando sua atenção para Luciane.

— Não, obrigada, milorde. De fato sinto-me um pouco cansada hoje.

Tim franziu as sobrancelhas. Luciane nunca recusara dançar com ele antes. Provavelmente nunca recusara dançar com ninguém, nem nesta temporada, nem na passada. Sempre a via alegre e falante nos salões, disputada por vários cavalheiros por ser boa dançarina e boa ouvinte, além de bonita. Também já observara que apesar da boa conversa e do indiscutível bom humor, Luciane era cuidadosa com suas companhias, e sabia como poucas desvencilhar-se dos inconvenientes ou mais atirados. Timothy valorizava isto numa dama. Por mais que gostasse de envolver-se com

mulheres fáceis, admirava imensamente as que se mantinham longe de escândalos.

E não gostava da ideia de ver alguém a quem admirava, entristecida. Sim, porque não acreditava que a senhorita Hogarth estivesse cansada. Jamais a ouvira dizer que estava cansada!

— Christian fez alguma coisa inadequada? — indagou ele, desconfiado.

— O que? Não, não! De onde o senhor tirou esta ideia? — Luciane espantou-se com a pergunta.

— Bem... Tenho visto os dois juntos nos últimos dias, e de repente ele some, deixando-a só... e taciturna.

— Taciturna? — um riso seco e curto subiu à garganta de Luciane — Não estou taciturna, meu senhor.

— Então estou errado?

— Sim.

— Vamos dançar?

Luciane rendeu-se a uma risada.

— Não!

— Nenhuma outra jovem recusaria uma dança com um futuro conde muito rico. E por duas vezes consecutivas, sabia? — ele fez uma pose pomposa, de brincadeira.

— Sou muito estranha, nunca percebeu? — ela sorria.

— Percebo que é uma jovem incomum, isto é muito diferente de ser estranha. — o visconde levantou-se — Bem, se não deseja dançar devo afastar-me, antes que comecem a especular o que tanto conversamos, a sós.

O nobre fez um breve cumprimento, e afastou-se, deixando Luciane

com seus pensamentos. Não estava taciturna, decidiu. Apenas um pouco preocupada. Procurou distrair-se, observando lorde Tim aproximar-se do marquês de Brighton, mais adiante. O marquês não era um frequentador habitual dos bailes que faziam a alegria das mães casadoiras a cada temporada. Sua notável reputação de libertino, maior que a da maioria dos outros homens da sociedade, era uma das razões óbvias para que ele não gostasse de reuniões “familiares”. Não se esperava que fosse casar-se logo, levando a vida boêmia que levava, e passando continuamente de uma conquista para outra, graças a seu carisma e beleza incontestável. Mas, como não era a primeira vez que o via numa destas festas, Luciane supunha que este ano o nobre agiria diferente. Seria interessante observar isto, decidiu ela. Mas não hoje.

Hoje Luciane preferia ir para casa, e logo. Com isto em mente, levantou-se e foi procurar seus pais.

— O rapaz é educado, e tem bons modos, sem dúvida. E o fato de ser um militar condecorado é motivo de orgulho, mas não se pode negar: um libertino é sempre um libertino. — comentou lady Letitia.

— Não comece, Letitia. — resmungou seu marido, na carruagem, já de volta para casa, depois de ficarem o tempo considerado adequado no baile.

— Se o major Cunningham deixou o baile mais cedo, em companhia de seus amigos de má fama, sem uma boa explicação para isto, Edward, o que devo pensar? É bom que Luciane já comece a acostumar-se com a ideia de ter um marido arredoio, pois se faz isto enquanto estão noivos, imagine depois...

A senhora sacudiu o leque, dando o assunto com encerrado. Luciane

continuou olhando através da janela. Sabia da verdadeira razão para que o grupo de rapazes deixasse o baile mais cedo, porém não poderia contar aos pais. Principalmente para sua mãe, que acabaria comentando sobre a briga, e principalmente sobre o beijo roubado, para todas suas amigas. Então a reputação de Suzanne seria abalada e ela acabaria sendo obrigada a casar-se com um alguém a quem não desejava. Jamais se permitiria ser a responsável pela desgraça de alguém, ainda mais uma amiga. Bastava que ela fosse obrigada a casar-se com quem não escolhera, não desejava o mesmo para os outros.

Luciane sempre divagava em como seria viver num outro mundo, onde etiquetas e normas não fossem tão importantes, e onde as mulheres pudessem ter voz. Haveria algum lugar assim? O Reino Unido certamente nunca seria desse jeito...

SETE

Christian permitira que seu irmão o ajudasse a despir-se e examinasse suas costas. Felizmente não havia sangue, embora a expressão de Jake dissesse claramente que sua aparência ainda estava muito ruim. O médico havia dito que as marcas ficariam para sempre, e que haveria pouca melhora quanto a isto. Contanto que não doesse tanto no futuro, tudo bem. Poderia ter sido pior. Se não tivesse, por sorte, percebido o que iria acontecer, ele e muitos homens de seu pelotão teriam morrido. Com seus gritos e a correria que provocara com suas ordens, ninguém havia perdido nenhum órgão ou membro, e apenas ele fora seriamente atingido pelos estilhaços da explosão. Com isso tornara-se um herói completo aos olhos do exército e de seus companheiros de armas, pois além de ter se mostrado um bom estrategista, líder e companheiro, antes disso já havia salvado a família de um capitão de cair numa emboscada, e resgatado um grupo de soldados das mãos dos inimigos. O herói, porém, só desejava uma coisa: que a dor estivesse mais suportável no dia seguinte, para que pudesse reencontrar Luciane.

Esta vontade cada vez mais crescente de estar com Luciane, e a fome que parecia assolar-lhe quando estava com ela, eram sinais que Christian não podia deixar de reconhecer: estava apaixonando-se. E não pretendia lutar contra isto, e sim entregar-se por completo. Um bom soldado sabia muito bem quando uma batalha estava perdida...

Só teria que ser cuidadoso para não assustar a lebre, que aparentemente era desconfiada... Christian aceitou o láudano oferecido pelo irmão, e deitou-se, desejando sonhos doces e quentes com sua bela noiva, ao

invés de pesadelos assustadores com tiros, explosivos e gritos.

Jogar uíste era uma coisa que Christian apreciava muito. Não jogava tão bem quanto seu irmão, mas o que sabia era o bastante para ganhar a partida junto com seu amigo Miles, contra Georgiana e a mãe dela, numa partida bastante descontraída. Aliás a noite de jogos, oferecida pelos Hogarth, estava se mostrando muito divertida. E concorrida. Chris estava surpreso com a quantidade de pessoas que havia preferido encontrar-se com amigos para conversar de forma relaxada e sentar-se para jogar partidas com parceiros mistos, em que apostas de altos valores estavam proibidas, e o que valia era apenas divertir-se, ao invés de seguir para o Almack. Levando-se em conta que lady Letitia era uma mulher de pouco riso, o evento elaborado por ela e o marido era ainda mais admirável. Mas não é que quando a dama queria, podia ser agradável e até gentil? Todos pareciam estar se divertindo, nada arrependidos de trocar uma noite de baile para sentar-se entre amigos, sem muita formalidade.

— Boa partida, Christian! — Miles deu uma risada, olhando as cartas na mesa — Lamento sua perda, senhoras, mas as fichas são nossas!

— Verdade que vai tripudiar de sua noiva, tenente? — provocou Georgiana, com um sorriso.

— Só um pouquinho, minha querida, não é sempre que me dá oportunidade de vencer você em qualquer coisa que seja! — o tenente-coronel voltou-se para o major, ainda rindo — Acostume-se, Christian, com o fato de que sua palavra, sua opinião e suas ideias nunca vão prevalecer sobre as de sua noiva!

Todos na mesa riram.

— Não exagere! Muitas vezes tenho a nítida impressão que me fez pensar que uma ideia era minha, quando na verdade era sua! — Georgie acusou.

— Penso a mesma coisa! — Miles arregalou os olhos, estourando numa risada alta e contagiante.

A futura sogra do tenente-coronel sacudiu a mão, achando graça: — Preparem-se para isto piorar quando estiverem casados! Nunca mais saberão se uma decisão foi sua ou do outro. Melhor assim, não poderão culpar ninguém quando alguma coisa der errado, receosos de acusar a si mesmos.

Outra sessão de risadas aconteceu na mesa. A senhora Calvert era uma das matronas mais simpáticas que havia no Reino Unido. Christian desejava que sua própria sogra fosse assim. Era um contraste com a filha Luciane, sempre bem humorada.

— Mas não se deixe assustar, Major Cunningham, embora como militar condecorado creio que dificilmente tema algo com facilidade, o noivado e o casamento costumam ser bem mais aprazíveis do que parecem à primeira vista. A responsabilidade da má fama de ambos os relacionamentos é que as pessoas preferem falar negativamente de alguma coisa do que abrir suas bocas para falar do que é bom.

— Acredito no que diz, senhora Calvert.

— E com a pessoa certa, tudo sempre fica melhor.

Miles acariciou a mão da noiva por sobre a mesa, carinhosamente.

— Certamente! — concordou Georgiana, olhando com amor para seu noivo.

Christian tinha certeza que sim. Por esta razão havia finalmente providenciado um anel de noivado para colocar no dedo de Luciane, e ele estava sendo ajustado e polido, numa loja de luxo da Bond Street. Este ponto

NACIONAIS-ACHERON

seria firmado em definitivo.

— Georgiana, vamos tomar um refresco e deixemos os homens irem bebericar seu uísque. — a senhora Calvert levantou-se, seguida pela filha e a dupla masculina, e após cordiais medidas, damas e cavalheiros afastaram-se para lados opostos.

— Esta reunião está maravilhosa, não acha? — Matthew Fallentin se juntou aos amigos junto à mesa de bebidas.

Os militares se entreolharam e sorriram.

— O que você viu aqui de tão maravilhoso, Matt?

— Sim, conte-nos, Fallentin.

— A senhorita Melanie Cabot, claro!

— Já devia saber que a sua maravilha era uma mulher. — replicou Christian.

— Assim como a de vocês, futuros homens casados! — ironizou Matt.

— Entendo que deseja entrar para o clube dos casados? — indagou Miles.

— Quem sabe antes mesmo do que imaginava? A senhorita Melanie é gentil, bonita e prendada... Tem tudo que um homem precisa para sentir-se feliz.

— É uma boa escolha. E como é amiga de Georgiana e da senhorita Hogarth, nossa amizade também será perpetuada.

Matt assentiu, tomando um gole de sua bebida.

— Devemos então dar-lhe os parabéns?

— Ainda não, Chris. A dama em questão não está ciente de minhas intenções.

NACIONAIS-ACHERON

— Ah, compreendo.

Os olhares masculinos convergiram para a jovem Melanie, uma moça alta e de cabelos castanhos claros, rodeada por outras damas, degustando os doces maravilhosos oferecidos pela família Hogarth.

— Ela nem sabe que você existe. — retrucou o major, com um pequeno sorriso no rosto.

— Isto será resolvido em breve. A arte da conquista é algo que domino bem! — defendeu-se Matt.

Christian balançou a cabeça: — Sim, quando se trata de bailarinas, atrizes...

— E putas... — completou Miles.

— Não me provoquem, patifes. Acham que não sou capaz de conquistar uma moça de família? Querem apostar?

— Ah, pelo amor de Cristo!

— É sério. Eu consigo! E possivelmente acabarei por me casar antes de vocês!

— Matt, está ficando vermelho. Contenha-se.

Miles e Christian provocavam Matt deliberadamente, aproveitando-se da oportunidade, já que habitualmente era o outro quem os provocava.

— Não estou ficando vermelho! — Matthew levou uma mão ao rosto, como se para conferir se estava quente.

— Se eu estivesse com minha casaca de tenente, você a ofuscaria com seu rubro ainda mais brilhante.

— Ah, cala a boca! — Matt riu.

— Sabe que seduzir a moça, ou comprometê-la para obrigá-la a casar-se com você, não vale como conquista, não sabe?

— Miles! Por quem me toma?

— Você é um libertino. Pode não ser o pior, mas é semente da mesma safra de Christian e Jake.

— Opa! — Christian reclamou — Não me envolva nisto... agora sou trigo, não mais joio.

Miles e Matt riram alto.

— Bem, posso ter tido meus momentos, mas quando vejo grandes amigos meus tão felizes com a possibilidade de um casamento, sinto-me encorajado. Brindemos a isto!

O major e o tenente-coronel ergueram seus copos, e levaram suas bebidas à boca.

— Além do mais, casando terei sexo de graça.

Os militares cuspiram suas bebidas num sopro, ao mesmo tempo, molhando tudo a volta.

— Maldito! — Miles ria, tentando limpar a roupa respingada de uísque.

— Fez de propósito, canalha! Esperou que levássemos a bebida à boca para sair com uma destas! — Christian estava gargalhando, esfregando um lenço no colete molhado.

— Sabe há quanto tempo não o via rir assim, Chris? — perguntou Matt, observando o melhor amigo.

— Como assim? Você me viu rir várias vezes... ontem mesmo, no sarau dos Simmons...

Matt deu de ombros, e seu semblante agora era bem sério.

— Ultimamente, sim, alguns sorrisos e risos curtos. Hoje, finalmente uma boa risada. Mas quando voltou ao Reino Unido... você era só

introspecção, meu amigo.

— Ah, não exagere. — Christian pigarreou, desistindo finalmente de consertar o estrago que os pingos de bebida haviam feito em seu traje.

— É verdade, Christian. Seu riso ficou em Portugal, perdido bem antes da explosão que o mandou de volta ao lar. — Miles concordou.

Christian engoliu em seco. Sabia que o exército o deixara mais forte, mas também lhe tomara a alegria. Não sabia, porém, que os amigos haviam notado isto.

— Bem, já me viram voltar a sorrir, então não há com que se preocupar. — voltou a bebericar seu uísque, esperando que a conversa mudasse de rumo.

— Isto não aconteceu porque voltou para sua terra natal, e nem porque está com sua família, sabe disso.

— Não vai mudar de assunto, Matthew Fallentin? — resmungou Christian.

— Quero encontrar uma razão para sorrir como você encontrou. Talvez seja Melanie, como foi para você Luciane.

Christian esfregou a testa, rindo.

— Ah! Fica quieto, Matt!

Matthew tinha o olhar entrecerrado e lutava contra o sorriso que tentava formar-se em sua boca: — Quem sabe ela me conserte e me deixe alguém melhor. Como ocorreu a você. Agora é uma pessoa com quem aguentamos conversar, porque antes, sinceramente...

Christian e Miles desataram a rir alto novamente.

— Matt, você é o homem mais insuportável que existe! Chega!

Matt se rendeu finalmente a uma risada, e bateu de leve no ombro de

Christian, do lado que ele sabia não ter sido atingido pelos estilhaços da bomba, nem sido queimado na explosão. Como grande amigo do major, era um dos poucos cientes do que o outro havia passado, mas guardava o segredo com a lealdade típica de um verdadeiro irmão.

— Estou surpreso que Brighton tenha vindo. Esta reunião não me parece algo de seu gosto. — comentou Matt, mudando de assunto.

— Talvez Robert tenha vindo por causa de lorde Tim. — sugeriu Miles.

Christian intuía que havia algo mais na presença de Robert Barker do que apenas seguir a sugestão do melhor amigo, mas calou-se. Terminou sua bebida e decidiu que seria uma boa ideia circular pela casa, e verificar como estariam Luciane e Suzanne.

O major não precisou procurar muito. Suzanne e Luciane se destacavam entre os convidados facilmente, e não foi difícil localizá-las em uma das mesas de jogos. O que não o agradou foi com quem elas estavam. Sua prima e sua noiva jogavam com Tim e Robert.

Normalmente achava os dois nobres divertidos, mas neste momento não lhes estava tão simpático. Os dois homens mais velhos riam e faziam as jovens rirem também. Christian imediatamente sentiu o bicho do ciúme picar-lhe. Não queria que Luciane sorrisse para homem nenhum. Desejava que suas risadas fossem reservadas apenas para ele. Mas sabia que isto não era possível, e que era absurdo de sua parte exigir tal coisa.

Observou quando o marquês de Brighton inclinou-se ligeiramente na direção de Luciane, para fazer um comentário que fez a jovem sacudir a cabeça e lançar uma carta na mesa como resposta, fazendo-o rir mais alto.

Christian apertou uma mão na outra, percebendo a irritação aumentar. Sua noiva podia não ser tão bela como Suzanne, ou mesmo como a exótica

Juliet, a quem Tristan fazia a corte, mas seu carisma e simpatia atraíam muitos admiradores, e não lhe agradava a ideia de que ela despertasse o interesse de um notório conquistador, famoso justamente por seduzir donzelas! Tentou ser justo, dizendo a si mesmo que o outro não fazia isto há muitos anos, mas não adiantou muito. Foi se aproximando da mesa, devagar.

Foi a vez de lorde Tim dizer algo, desta vez para Suzanne. A resposta dela fez o nobre abanar-se, sorrindo. Christian franziu as sobrancelhas. O visconde tinha o hábito de dizer as coisas mais inadequadas, mas aparentemente fora a prima dele que respondera algo indevido! Ò Senhor, o que estava acontecendo ali?

Finalmente parou ao lado da mesa, analisando os jogadores, que pareciam muito envolvidos na disputa de uíste, e alheios à sua desconfiança.

— Como está a partida? — perguntou, com sua voz grave.

— Sua noiva e sua prima são ótimas jogadoras, e mesmo quando tentamos distraí-las, elas fazem boas jogadas. — reclamou Tim.

Cunningham perguntou-se que tipo de distração Timothy tentava oferecer para atrapalhar uma partida de uíste. Manteve-se por mais algum tempo somente acompanhando as duplas em ação, reconhecendo nos movimentos femininos vários truques de Jake. Era óbvio que seu irmão havia ensinado às moças, e lhes passado algumas dicas valiosas para fazer seus adversários se confundirem e perderem pontos. As jovens estavam dando uma surra e tanto nos membros da nobreza... Um discreto sorriso aflorou em sua boca. Bem feito!

E conquanto os jogadores não fizessem nada de impróprio em sua presença, Christian continuou de olho neles mesmo depois de afastar-se da mesa.

Seria mera impressão que Timothy voltasse seus olhos com muita

frequência para Luciane? E não tanto para seu decote, como seria de esperar de um libertino de seu naipe, mas para seu rosto, e para cada meneio das mãos dela, estando ou não com cartas para jogar. E quando Luciane voltara-se para responder algo à lorde Brighton, Tim fechara o cenho, como que ciumento, apenas por um instante, recompondo-se logo em seguida, e voltando a sorrir.

Não, aquilo não era mera impressão... E Luciane não se furtava a sorrir para os outros competidores, incentivando, mesmo sem perceber, qualquer pensamento indecoroso que se formasse na mente deles.

Se Christian já estava contrariado o bastante por ver o quanto Timothy estava encantado por Luciane, e por ela ainda estar conversando e sorrindo para o homem, tudo piorou quando a jovem esticou a mão e alisou a do nobre rapidamente sobre a mesa.

Ah, aquilo já era demais, e se havia uma pessoa que não era muito tolerante, este era Christian Cunningham. O sangue subiu-lhe muito rápido, e lançou-se em direção à mesa que observava, mas só conseguiu dar um passo a frente.

— Major Cunningham, poderia ajudar-me?

Lady Letitia havia lhe fechado a passagem.

E sorria-lhe.

Com muita dificuldade Christian conteve sua raiva e evitou uma explosão. E como a matriarca Hogarth nunca havia lhe pedido algo, procurou concentrar sua atenção e atendê-la rapidamente, para então poder voltar à mesa onde estava sua prometida.

— Sim, senhora? Em que posso ajudá-la?

— Poderia levar estes baralhos para os jogadores que acabaram de chegar ao salão azul?

O major respirou fundo. Teria que deixar o salão principal, onde estava Luciane, para distribuir os baralhos, como sua futura sogra pedira. Assentiu, tomando as caixas das mãos dela.

— Certamente que sim. — girou nos calcanhares e foi cumprir o que lhe era pedido da forma mais rápida possível.

Assim que o major afastou-se, a mãe de Luciane passou a mão no rosto, aliviada. Estava observando Cunningham, enquanto ele observava Luci. Não foi difícil perceber o segundo exato em que a expressão dele mudou de intrigado para furioso. Ainda bem que tivera a presença de espírito de impedi-lo de provocar um grande escândalo em sua casa. Mais tarde teria uma conversinha com a filha sobre seus modos.

Quando Christian retornou ao salão principal, a partida com Luciane, Sue, Tim e Robert já havia acabado e eles circulavam pelo salão, falando com outras pessoas. Abriu caminho até sua noiva, e pegou-lhe o braço, passando-o pelo seu, e segurando sua mão com firmeza.

— Precisamos conversar.

— Só um segundo, major. — Luciane pediu, voltando sua atenção para Georgiana e Melanie.

— Agora. — ele respondeu, afastando-a das outras jovens.

— Com licença. — pediu às amigas, surpresa com a atitude de Christian.

O major praticamente arrastava Luciane pelo salão.

— O que está fazendo? O que está acontecendo? — ela reclamou, já impacientando-se.

Christian abriu a porta da saleta que os Hogarth usavam para tomar
NACIONAIS-ACHERON

chá, e empurrou Luciane para dentro, entrando e fechando a porta em seguida.

— O que foi isto, major? — gritou Luciane, sacudindo os braços, irritada.

— O que foi aquilo no salão, Luciane? — gritou Christian, ainda mais alto, apontando em direção à porta.

— Aquilo o quê? — ela pôs as mãos na cintura.

— Não finja-se de tola, pois sei que não é. Sabe do que estou falando: O que foi aquilo na mesa de jogo?

Luciane cruzou os braços.

— Foi um jogo de uíste.

Christian queria sacudir Luciane.

— As risadas e olhares insinuantes fazem parte das regras do uíste desde quando?

— Ora, que bobagem...

— Não é bobagem! E não bastasse você permitir intimidade demais com dois tremendos libertinos, ainda acariciou a mão de um deles!

Luciane franziu as sobrancelhas, procurando lembrar-se se havia realmente feito isto.

— Eu não acariciei as mãos de ninguém!

— Sim, acariciou a mão de lorde Tim!

Luciane sacudiu a cabeça, em negativa: — Eu apenas toquei a mão dele, não foi nada de carícia! Ah, isto é tão absurdo! — Luciane fez menção de deixar a sala, mas Christian a segurou pelo braço.

— Você não vai fugir desta conversa!

Com um safanão ela libertou o braço.

— Não estou fugindo, e nem mesmo estamos conversando, major!

Os olhos de Christian haviam escurecido de raiva.

— Você ignora quem lorde Timothy é? O que para você pode não ser nada, para ele pode ser tudo!

— Eu sei que ele é um libertino, e que lorde Barker também é! Mas não vejo o que...

Christian a interrompeu:

— Gosta de libertinos, Luciane? É isto?

Luciane estava atordoada, como se sentia cada vez mais quando Christian estava perto, ainda mais tão perto...

— Eu não penso que...

— Se é libertino que quer, então é libertino que terá!

Christian puxou Luciane contra seu corpo, e colou seus lábios aos dela com brusquidão.

Para em seguida suavizar o beijo.

Sua boca era tão macia e doce...

Luciane tentou desvencilhar-se.

Queria empurrá-lo...

Mas logo depois, enlaçava Christian pelo pescoço.

— Beije-me, Luciane... — murmurou, junto à sua boca.

— Eu já estou... — ela respondeu de volta, com olhos fechados.

— Não... Abra mais sua boca para mim, amor...

Quando Christian conseguiu alcançar a língua de Luciane, emitiu um gemido satisfeito. E deslizou abraçado com a noiva até o sofá, sentando-se

com ela em seu colo. Ajeitou-a sobre ele, sem que as bocas se separassem, até que pudessem encostar-se um no outro de modo mais íntimo.

Ao roçar contra o sexo de Luciane, recebeu como imediata resposta o impulsionar do corpo dela, respondendo com coração acelerado às batidas do seu.

— Sim... Assim mesmo... — sussurrou.

Com as mãos na cintura de Lu, Christian forçava os movimentos de quadris, fazendo a respiração de ambos acelerar ainda mais, e o desejo aumentar. O beijo se tornou mais agressivo, e uma das mãos do major subiu para abarcar um seio.

Em troca Luciane gemeu em sua boca.

Christian esfregou o polegar sobre o mamilo de Luciane, intumescendo-o para ele. Mas parecia-lhe tão pouco...

— Amor, quero você toda... — murmurou, entre beijos apaixonados, que deixaram a boca de Luciane e desceram sem pressa pelo pescoço e decote. Enquanto isto os movimentos continuavam a sacudi-los, envolvendo-os numa nuvem de luxúria que ofuscara toda e qualquer coisa a sua volta, o antes e o depois, onde apenas o agora importava. O desejo que sentiam era devastador, e precisava ser saciado com urgência.

Uma das alças do vestido de Luciane deslizou, uma aréola rosada começando a surgir, prestes a ser tomada pela boca ansiosa de Christian. Luciane projetou o tórax para frente, ajudando-o, desejando o toque de seus lábios.

Então todo o mundo parou de girar em torno deles, subitamente. Risadas no corredor os fizeram congelar, de modo que apenas seus corações pareciam continuar em vigor.

Deixara a porta destrancada? Christian perguntou-se, só agora

NACIONAIS-ACHERON

percebendo como, justamente ele, responsável por diversos planejamentos de sucesso, estivera tão distraído a ponto de não ter certeza se passara ou não a chave numa fechadura.

Mas os risos no corredor seguiram adiante. E assim que o torpor passou, Luciane ajeitou sua roupa e levantou-se, sem muito equilíbrio. Christian amparou-a rapidamente, garantindo que se sentasse ao seu lado.

A respiração dela ainda estava ofegante. Ergueu os olhos lentamente. Se não houvesse, coincidentemente, conversado com Georgiana àquela manhã sobre assuntos pouco comuns às jovens solteiras, imaginaria que o major lhe roubara a castidade... e que até lhe botara um bebê na barriga. Mas agora sabia que não era assim. No entanto, tinha ciência do quanto chegara perto, do quanto desejara entregar-se totalmente a ele, sem pensar em mais nada. Era uma loucura que tudo em que acreditara até o momento houvesse escoado em segundos, num sofá desconfortável, na sala de chá de sua própria casa... E com um homem a quem não escolhera, a quem não queria. Ou pensava que não, porque agora nada mais era coerente, certo ou concreto.

— É melhor voltarmos ao salão.

— Sim — respondeu Christian, com um sorriso gentil — só estou aguardando sua respiração normalizar... e você parar de tremer.

Luciane desviou o olhar rapidamente.

— Ah... Eu... Já estou pronta, então.

Christian debruçou-se sobre Luciane: — Mas eu não. Gostaria de ficar aqui com você, e dar prosseguimento ao que estávamos fazendo...

Mordiscou-lhe o lábio inferior, brandamente. Luciane suspirou, fechando os olhos. Beijaram-se mais uma vez, e então Christian levantou-se, estendendo a mão para a noiva: — Vamos, Luciane, antes que sua mãe comece a nos procurar.

Voltaram ao salão, de braços dados.

Logo Suzanne aproximou-se deles.

— Christian, estou com uma dor de cabeça terrível. Incomoda-se se eu pedir a seu cocheiro que leve-me para casa agora?

— Deixe-me pegar meu casaco e a acompanharei. — o primo respondeu.

— Não é necessário. Fique com Luciane, primo. Eu envio a carruagem de volta, pode ser?

— Sem problemas, Sue. — olhou-a atentamente — É só dor de cabeça mesmo? Sente algo mais, prima?

— É só isto, mesmo.

Luciane também a olhava com preocupação: — Gostaria de aguardar o fim dos jogos, talvez deitar-se um pouco no meu quarto?

— Prefiro ir, obrigada.

Luciane tocou o rosto da amiga levemente, procurando algum sinal de febre, já que notava Suzanne um pouco ruborizada. A pele não estava mais quente que o normal, no entanto. Pelo menos não parecia nada grave.

— Desejo-lhe melhoras, Sue.

Suzanne beijou o rosto da amiga.

— Obrigada.

Suzanne afastou-se, e Christian e Luciane se entreolharam, perguntando-se como uma pessoa que estava bem num instante, em outro precisava ir para casa por estar sentindo-se muito mal.

— Bem, acho que a noite de jogos também acabou para mim. Perdi minha parceira. Uma pena, eu ainda gostaria de jogar mais uma vez.

— E poderia haver uma dupla mista? Eu seria seu parceiro.

Luciane abriu um grande sorriso, e voltou-se para Christian, segurando os punhos da casaca dele, e puxando-o para mais perto.

— Faria isso por mim? Abriria mão de jogar com o tenente-coronel?

Christian sorriu-lhe em resposta, feliz por Luciane estar tocando-lhe tão abertamente, no salão principal da casa Hogarth, onde todos podiam vê-los, e sem incomodar-se com isto. E ela ainda perguntava se abriria mão de jogar com Miles... Ora, em troca daquele sorriso magnífico ele faria qualquer coisa.

— Claro que sim!

Luciane esticou-se e deu-lhe um beijo estalado na bochecha. Era a glória!

— Vou passar a vez para os lordes Brighton e Alvoy, enquanto reorganizamos as duplas!

Christian assentiu. Seguiram em direção a lorde Brighton.

— Perdi minha parceira de jogo, marquês, então a próxima rodada vai para o senhor e lorde Tim. — apontou-lhe a mesa que ocuparia.

— Como assim, perdeu a parceira? — Robert franziu as sobrancelhas, sobre os belos olhos azuis — A senhorita Suzanne sumiu?

— Não! — Luciane e o noivo sorriram, pacientemente, e ela completou — Sue não estava sentindo-se bem e foi para casa.

— Ah... — o marquês de Brighton desviou o olhar — isto é uma pena...

— Não é? — perguntou Luciane, muito suavemente.

O marquês voltou o olhar para Luciane e fitou-a por alguns segundos, muito sério, antes de responder laconicamente: — De fato.

Luciane sorriu, apontando ao nobre a mesa em que ele e lorde Tim

deveriam se assentar.

Assim que Brighton deu-lhes as costas, em busca de Timothy, Christian comentou: — O marquês não é muito bom na arte de dissimular, não acha?

— Não é mesmo. — ela riu.

— Gostei disso nele. Nunca havia percebido antes... Mas certamente prefiro pessoas assim, que não sabem fingir.

— Combina com ele.

— Sim, é verdade. Um político que defende questões sociais não pode parecer falso. E agora, mais do que nunca, vou observá-lo bastante...

— Faz bem.

— Mas não vou preocupar-me com isto tão já. — Christian mudou de assunto, fazendo uma cara presunçosa — Neste momento apenas quero ganhar uma partida de uíste!

— Então vamos providenciar isto, major!

Luciane deu uma risadinha, e imitou um movimento de continência militar, antes de irem em busca de lorde Hogarth, responsável pela distribuição de duplas do carteadado.

Não demorou muito para que estivessem jogando, tendo como adversários desta vez Nathan Lovelace e Matt, e se divertindo a valer. Christian sentiu-se recompensado ao ser alvo dos sorrisos de Luciane, ouvir sua risada de timbre enrouquecido – que começara a excitá-lo cada vez mais – e perceber como ela jogava bem, com segurança e também com argúcia. Somando a isto o fato de que a fizera enlouquecer em seus braços mais cedo, estava bem satisfeito. E quase esquecido do acontecido antes com lorde Tim. Quase.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

OITO

Luciane reviveu os momentos do dia muitas vezes em sua mente antes de enfim conseguir dormir. Como Christian conseguira dominá-la deste modo, a ponto de fazê-la perder a noção de absolutamente tudo a volta?

E depois, lembrou-se do pivô de tudo isto: o bendito jogo de uíste com os lordes Tim e Brighton. Ou melhor, o segundo em que ela tocou o visconde, próximo ao fim da partida... Ele havia dito: — Senhorita Luciane, por favor, seja minha nova parceira de jogo. É muito mais bonita que o Robert, e joga bem melhor que ele...

— E perderei o noivo na primeira noite que sair para jogar com o senhor. — ela havia rido, negando com a cabeça.

— Ora, sou solteiro. Livre-se de seu noivo, senhorita. Eu posso muito bem ocupar o lugar dele! — ergueu as sobrancelhas, com expressão esperançosa.

— E ficar noiva sabe-se Deus quantos anos mais na espera por um solteiro pouco simpático ao casamento? Nem pensar! Cair na mesma esparrela duas vezes seguidas é demais... — ela ironizou.

— Como pode me partir o coração desse modo? — o visconde fingiu sofrimento, enquanto Robert e Suzanne riam baixinho.

— Oh, pobrezinho... — Luciane alisou-lhe a mão por sobre a mesa, num gesto rápido — estou certa que encontrará uma consolação muito bonita e ansiosa para curar seu coração partido...

— Tão bela e tão cruel... — replicou o lorde.

Havia sido isto. Christian devia estar observando seus movimentos... e sua mãe também, já que havia comentado o fato, com severidade. Mas Luciane nunca mais faria algo semelhante, estava decidida.

E pensando nisto, finalmente adormeceu.

Christian havia chegado cedo à residência dos Hogarth, e convidou Luciane para um passeio pelo jardim.

— O motivo pelo qual a convidei para um passeio pelo seu jardim é para me retratar, e fazer algo que já deveria ter feito antes... — o major parou de andar, e virou-se de frente para Luciane, tirando uma pequena caixa do bolso, e abrindo-a.

Luciane esticou o pescoço, curiosa. Dentro da pequena caixa havia um lindo anel, com uma grande esmeralda centralizada no meio, rodeada de pequenas pedras cor de mel.

— Que lindo, Christian! — Luciane estava encantada com o anel, de belas pedras incrustadas num elo de ouro.

Ele se sentiu aliviado. Havia ficado muito tempo procurando um anel que pudesse lembrar tanto de Luciane quanto dele mesmo, uma peça que pudesse de alguma forma representá-los unidos.

— Estas pedras cor de mel são topázios... procurei o mais parecido com a cor dos seus olhos... E a esmeralda é para que você lembre sempre dos meus... — ele sorriu.

Como se ela pudesse esquecer a cor daquele poderoso olhar... Christian era em tudo muito marcante, poderoso e belo.

Christian retirou a jóia da caixa, e colocou-a no dedo de sua noiva.

Luciane ficou admirando a peça por algum tempo, num silêncio agradável. Depois suspirou.

— Eu realmente estou apaixonada.

O major desejava que um dia estas palavras fossem ditas em relação a ele, mas por enquanto dava-se por satisfeito que ela estivesse tão enamorada de seu anel.

Aproximou-se, desejando roubar-lhe um beijo, mas logo percebeu uma criada por perto. E possivelmente lady Hogarth os estivesse vigiando da janela.

— Não é a melhor das ideias. — avisou-lhe Luciane, adivinhando-lhe as intenções.

O olhar do noivo era penetrante, e sua boca moveu-se num leve sorriso.

— Percebi. Mais tarde, no sarau dos meus tios, cobrarei e receberei este beijo negado.

Luciane ergueu o rosto, em expressão de desafio.

— Major, o senhor é muito seguro de si, não é mesmo?

O sorriso dele se ampliou. Embora muitas vezes não se sentisse seguro em relação à Luciane, naquele momento estava. Seus beijos desestabilizaram Luciane antes, e ainda a desestabilizariam muito mais vezes...

— Vamos entrar, para que possa mostrar seu anel a lady Hogarth. Outra hora conversaremos sobre o fato de eu ser ou não muito confiante em

mim mesmo...

Luciane tentou não sorrir, mas falhou miseravelmente.

— Combinado, meu senhor.

Depois de exibir seu anel de compromisso para os pais, e até para as criadas, Luciane preparou-se para o sarau do duque de Tyrone, tio de Christian e Jake pelo lado materno. Seguiram para o evento pouco tempo depois, muito bem-humorados.

— Que bom encontrá-la aqui. Precisamos conversar.

Luciane assustou-se. Havia entrado na biblioteca dos duques para satisfazer uma curiosidade: era tão grandiosa quanto se dizia? Havia constatado que sim, e ansiava contar o fato às amigas, principalmente a Juliet, amante dos romances, quando ouviu um ruído na porta. Lorde Tim havia entrado, e agora se aproximava.

Imediatamente Luciane seguiu em direção à porta.

— Vossa Graça sabe que não devemos conversar a sós num local fechado.

Ele colocou-se em seu caminho.

— O que quero dizer não é para todos os ouvidos.

Luciane teve um mau pressentimento. Recuou.

— Deixe-me passar e conversaremos a qualquer hora, mas em outro lugar.

— Senhorita Luciane, não tema. Não irei atacá-la. — ele murmurou, e os olhos escuros pareciam sinceros.

— Não digo que irá. Mas a maledicência pode fazer grandes estragos.

Sou noiva, e o senhor um homem solteiro, libertino dos mais notórios, se me perdoa a franqueza.

Timothy apertou os lábios, mas assentiu.

— Sei que minha má fama pode ser um empecilho, mas compreenda que eu, na verdade, só preciso de...

Um ruído de porta se abrindo fez com que ambos tivessem um sobressalto. Tim teve a presença de espírito de colocar-se diante de Luciane de forma a evitar que quem entrasse a visse de imediato. Mas a brecha recém aberta logo fechou-se novamente.

— O que eu disse, milorde? — Luciane estava irritada.

— Não deixei que a vissem. — ele respondeu, com semblante perturbado — Por favor, acalme-se.

— Está bem, lorde Tim, me acalmarei, mas agora deixe-me sair. Conversaremos depois. Tenho certeza que não é algo urgente, pois se já até dançamos e nada me disse!

Timothy concordou, com expressão contrita.

— Como quiser, senhorita.

Luciane saiu rapidamente, preocupada. O que o visconde poderia querer dizer-lhe a ponto de arriscar-se ser pego em situação comprometedora e ser obrigado a reparar o erro, já que Luciane era de família nobre? Já haviam dançado mais cedo, e ele falara surpreendentemente pouco, e nada além de trivialidades. Estaria sua mãe e Christian certos em reclamar sobre seus modos durante a partida de uíste outro dia? Não achara que provocar os lordes teria algum efeito maior do que apenas distraí-los de suas jogadas... mas agora, pensando melhor, possivelmente houvesse mesmo cometido um erro. Não se repetiria, certamente.

Christian juntou-se a Luciane assim que ela surgiu no salão, e foi a

NACIONAIS-ACHERON

vez de dançarem. Os movimentos dele pareciam ainda mais leves que da primeira dança juntos, e, analisando o fato, achou que todo ele parecia um tanto diferente... Mas antes que pudesse pensar mais sobre o assunto, a música já havia acabado, Christian foi buscar uma bebida, e já era a vez de dançar com o marquês Robert. No entanto, quem veio buscá-la para dançar foi lorde Tim.

— Esta dança foi prometida a lorde Brighton, Vossa Graça.

— Tenho certeza que houve um engano.

Luciane não insistiu. Era uma quadrilha, gostava de dançar, o visconde sempre fôra um parceiro agradável, e não havia razão suficiente para discutir algo tão banal. Procurou dizer isto a si mesma mais de uma vez, enquanto encaminham-se ao centro do salão de danças.

Na outra ponta das duplas de dançarinos, lorde Brighton dançava com Suzanne. Ah! Luciane deu uma risadinha, um misto de satisfação e alívio. Por isto ela estava dançando com lorde Tim, e provavelmente era sobre isto que ele queria falar antes. Não havia nada de mais, nada além de um amigo tentando ajudar o outro com um novo flerte. Se tal coisa não prejudicasse Suzanne, então Luciane não se importava. Afinal o marquês era um ótimo partido, além do homem mais bonito do Reino Unido, divertido, inteligente e generoso com os necessitados. E, segundo seu pai comentara certo dia, vinha trabalhando com afinco para apagar sua velha imagem de rapaz sem juízo. Sendo assim, se de fato planejava cortejar sua amiga, só poderia ser com boas intenções. Era o que ela e Christian pensavam.

Timothy acompanhou o olhar de Luciane e também sorriu, dando de ombros em seguida.

— Sinceramente, eu levei vantagem sobre ele nesta troca.

— Oh, Vossa Graça, assim me envaidece.

— É a pura verdade, senhorita Luciane.

A forma como seu nome vibrou na língua do visconde fez com que ela se voltasse para observá-lo. Não lembrava dele tê-la chamado de senhorita Luciane antes, e sim de senhorita Hogarth... Então ele julgava que já tinham mais intimidade que antes, e que poderia tratá-la de modo diferente?

Lorde Tim ergueu ligeiramente as sobrancelhas, como a perguntar se ela questionaria o modo que a chamara. Mas um embate de palavras não era algo que ela desejasse, então Luciane calou-se, apenas meneando a cabeça em resposta. Ele não falou mais nada durante a quadrilha, apenas sorria ocasionalmente.

E Luciane achou melhor assim.

No fim da dança o visconde agradeceu e seguiu em direção a sala de jogos. Christian a aguardava, recostado displicentemente em uma pilastra. Luciane não se deixou enganar pela falta de expressão na face dele.

— Dançando pela segunda vez com lorde Tim, Luciane? — a pergunta foi feita bem suavemente.

Luciane engoliu em seco. Não queria uma briga, o dia estava correndo às mil maravilhas, e Christian lhe havia dado um anel que representava a união de ambos! Ela havia se surpreendido e se emocionado, e dito a si mesma que deveria ser mais otimista quanto a seu noivado, e não queria estragar esta postura positiva com picuinhas sobre o mérito de ter ou não dançado mais de uma vez com um libertino.

— Ele só fez uma gentileza para lorde Brighton, que quis dançar com sua prima.

Christian ergueu lenta e ligeiramente uma sobrancelha, seu olhar agora mostrando um certo desdém.

— Isto ele disse a você? Penso que acordou o arranjo com Robert

NACIONAIS-ACHERON

desde o início, de modo que ambos pudessem dançar duas vezes com as moças que admiram, sem que elas se assustassem ao perceber os nomes deles marcados mais de uma vez em seus cartões.

Luciane estava boquiaberta.

— Você mesmo disse que o marquês de Brighton não era dissimulado!

— Não esqueça que ele é um devasso com muita experiência na arte de enredar e conquistar. Pode não ser um homem dado a mentiras, mas certamente é eficiente quando se trata de estratégia. — Christian respondeu, secamente, desencostando-se da pilastra, e oferecendo o braço à sua noiva — Vamos conversar na varanda, onde poderemos falar mais à vontade.

Luciane assoprou o ar, de forma impaciente e deselegante, mas deu-lhe o braço.

Assim que chegaram na grande varanda, Christian conduziu Luciane ao canto mais escuro, e vazio. Levando-a até a grade, ele mesmo ficou de costas para as portas. Encarou-a.

— Eu sou seu noivo, Luciane.

— Não me esqueci disso. — nunca, nem por um instante, mesmo quando ele não estava presente.

— Nem deve. — ele a beijou apaixonadamente.

Então a girou, colocando-a de costas para ele, enquanto lhe beijava a nuca e o pescoço. Encostou-se nela o mais que pode, e Luciane viu-se meio debruçada ao gradil, presa pelo corpo grande e quente do major.

— Sou seu noivo... e sou o libertino certo para você... apenas eu.

Luciane ia responder-lhe, mas as grandes mãos de Christian entraram por seu decote e chegaram aos seus seios tão rapidamente, que ela só

conseguiu emitir um soluço alto e inesperado.

— Sou o homem que se tornará seu amante...

Christian esfregou seu corpo no de Luciane, subindo e descendo, sugando-lhe o pescoço e descendo a boca pela pele exposta.

Ele a mordeu no ombro, levemente, enquanto os dedos faziam carícias enlouquecedoras, atijando nervos, endurecendo mamilos e trazendo umidade ao seu sexo. Luciane gemeu, contorcendo-se. Christian aproveitou o movimento para esfregar-se com mais intensidade nela, e manteve o vai e vem arrastado, forçando-a a senti-lo mesmo sob todo o tecido.

— Eu sou aquele que a enlouquecerá de prazer... Compreende?

Luciane concordou, veementemente. Sentia muito calor, e uma leve zonzeira pairava em sua cabeça.

Christian alcançou a boca de sua noiva, enquanto continuava acariciando-a e movendo-se de modo provocativo.

— Sou seu noivo, seu libertino, seu homem... — ele sussurrou no ouvido dela, mordendo o lóbulo em seguida — a quem desejaria pedir que lhe erguesse as saias e a tomasse aqui mesmo... não sou, Luciane?

— Sim! — ela respondeu, a voz escapando quase num lamento.

— Sim, eu sou! — rosnou Chris — Sou tudo isto, e serei seu marido... seu futuro sou eu, Luciane!

Girou-a mais uma vez, pondo-a de frente, e tomando-lhe a boca mais uma vez, num beijo completamente arrebatador.

Luciane havia amolecido totalmente. Quando suas bocas se afastaram, ela continuou de olhos fechados e rosto erguido. Christian admirou-lhe a boca maravilhosa, ainda mais rosada pelos beijos desesperados dele. Será que agora ela percebia que lhe pertencia, e quanto ele era dela? Desejava

continuar ali, sozinho com Luciane, afastado do mundo, esquecido dos problemas e lembranças ruins, apenas perdido em seus braços. Desejava dizer que estava apaixonado, sedento pelo amor que apenas sua noiva podia lhe dar. Mas seu orgulho limitou-o e o emudeceu. Esperaria um pouco mais para declarar-se, embora cada vez a sós com a noiva lhe soasse como uma declaração de amor, gotas de um néctar puro de emoções e desejos. Precisava mais disto, para ambos. Afastar-se de tantas festas e multidões, de tantos olhares especulativos e vigilantes. No entanto, não devia ser assim, sabia. Necessitava que esse amor fosse conquistado às claras, com gente em volta, barulho, festas, admiradores... e com a liberdade de escolha que ela tanto ansiava, e que ele, como fôra seu amigo em primeiro lugar, já conhecia.

— Agora voltemos ao salão, para que dancemos mais uma vez juntos... — o sorriso malicioso do major fez o coração de Luciane acelerar mais um pouco.

Luciane estava observando chapéus, enquanto aguardava a chegada de Georgiana no ateliê de madame Pearl, quando sobressaltou-se ao ouvir uma voz atrás de si.

— Como estão as compras, hoje?

Ela voltou-se, dando um passo atrás ao notar como lorde Tim estava próximo.

— Milorde, como vai? — fez uma leve reverência, a que ele respondeu com assentimento — Aguardando a senhorita Calvert para começar.

— Compreendo. — Timothy a encarava fixamente.

— E o senhor, escolhendo chapéus? — Luciane perguntou,

procurando manter-se casual.

— Sim, embora esta não seja minha loja favorita. A loja de Monsieur Olivier é exclusiva para cavalheiros, e melhor preparada para a nobreza... Sem querer parecer esnobe, senhorita... — Lorde Tim deu de ombros — No entanto, muitas vezes precisamos mudar hábitos e atitudes.

A senhorita Hogarth aquiesceu. Logo voltou-se para os chapéus novamente, e Timothy a seguiu.

— E a senhorita, como está?

— Muito bem, obrigada.

Ela o olhou rapidamente, sorriu, e tocou um dos chapéus expostos.

— E como vai indo o seu noivado?

Luciane surpreendeu-se com a pergunta vinda do visconde. Seria mais adequada se saísse da boca de uma matrona...

— Também está indo bem, Vossa Graça.

— Não achava que lhe agradaria a ideia de seguir um noivado imposto...

— Este noivado já foi decidido faz muito tempo, como sabe...

— O que não significa que precise, necessariamente, seguir como definitivo.

Ela largou o chapéu e virou-se, encarando o lorde.

— Lorde Tim...

Timothy ergueu uma mão e a interrompeu: — Sei que lhe deve parecer estranho que eu toque neste assunto... Mas quero esclarecer que não concordo de forma alguma que alguém tão inteligente e agradável quanto a senhorita se case por mera imposição familiar.

— Agradeço a preocupação, mas...

— Deve se casar com alguém que estime, e que a estime também, óbvio.

Luciane havia aberto a boca para responder, mas, de súbito, não sabia o que dizer.

— Certamente Christian concorda comigo. — afirmou o visconde, taxativo.

— Quê? — ela franziu as sobrancelhas, um tanto chocada.

— Ora, senhorita Luciane... — ele inclinou-se ligeiramente para frente, e baixou o tom de voz — Sabe como o major é... um libertino como eu.

Luciane não queria mais ouvir. Porém seus pés pareciam não sair do lugar.

— Um libertino casar-se por amor, como vemos que acontecerá com Tristan e a senhorita Fiennes é uma coisa... Mas o resultado é desastroso quando a união se dá por obrigação.

Lorde Tim sacudiu a cabeça, colocando as mãos para trás das costas e fazendo expressão pesarosa: — Temos tantos exemplos diante de nossos narizes...

Sim, ela podia lembrar-se de vários exemplos ruins...

— Vejo o caso recente de lorde Rupert... Casou-se com uma amiga sua, correto?

Ele precisava citar nomes? Sua boa educação falou mais alto e Luciane concordou com um gesto rápido. Pobre Elizabeth... sua amiga casou-se com lorde Rupert, num acordo firmado entre as famílias, cheia de esperanças... No entanto, assim que ela engravidou, foi enviada para o campo, onde estava vivendo com criados, enquanto seu esposo voltava à vida livre em Londres... O homem era tão escandaloso em seu comportamento e

NACIONAIS-ACHERON

em suas conquistas que seus prodígios já haviam virado notícia em jornais e revistas.

— Ah, e também tem...

Foi a vez de Luciane interromper, erguendo a mão: — Eu entendo sua preocupação, lorde Timothy, e agradeço-lhe por isto, mas não é preciso citar mais nenhuma destas uniões lamentáveis...

Os olhos de Timothy se estreitaram. Quando ele ficava assim tão sério e concentrado, Luciane o achava ainda mais bonito, embora no momento preferisse não estar em sua presença. O que ele havia dito lhe apertara o coração.

— Eu a estimo, senhorita Luciane, e como seu amigo de longa data sinto-me na obrigação de alertar-lhe sobre o destino que a aguarda se prosseguir por este caminho que não foi de sua escolha...

Luciane suspirou. Estava prestes a indagar ao nobre algo do qual depois se arrependesse, quando a chegada de Georgiana impediu que prosseguisse.

— Espero não ter me atrasado muito! Oh, Vossa Graça, como vai?

— Muito bem, senhorita Calvert. E espero que também se encontre bem.

— Sim, senhor. — ela fez uma reverência breve, e fitou a amiga com curiosidade.

Luciane respondeu com uma ligeira careta que correspondia a dizer “não sei de nada”.

O olhar do visconde continha um sorriso conhecedor do olhar feminino trocado por elas.

— Não vou tomar mais seu tempo, senhorita Hogarth... e nem

atrapalhar as compras de ambas. Boa tarde.

Virou-se e saiu da loja.

— Sua amizade com lorde Tim ainda poderá lhe trazer problemas...
— avisou Georgie — E não é a primeira vez que lhe digo isto.

Luciane caminhou pela loja, seguida por Georgiana.

— Ele nunca fez nada de errado.

— Sim. Até agora. — Georgie respirou fundo — Seu major, com aquela cara de mau que faz para os cavalheiros que se aproximam de você, vai acabar entrando em atrito com o visconde se notar a atenção que ele lhe dá... Mesmo que não lhe pareça mal intencionado.

— Ah, Georgie, nenhum dos dois está tão interessado em mim a ponto de brigar por minha causa! — Luciane deu uma risada sem humor — Para lorde Timothy sou apenas uma jovem agradável a quem ele conheceu numa temporada passada... e para o major Christian sou uma obrigação tão satisfatória quanto usar farda de gala em ocasiões solenes.

Georgie levou a mão ao peito, surpreendida. Então tocou no braço de sua melhor amiga.

— Nossa, que amargura é esta!? Não a ouvia falar coisas deste tipo desde que o seu noivo chegou à cidade.

Luciane afastou-se do toque da amiga.

— Mas esta é a verdade, não é? Pensei que deixando de repeti-la ela poderia deixar de existir, como crenças infantis que se apagam de nossa memória com o tempo... mas veja só! De repente os velhos monstros reaparecem!

— Lu...

— Não se preocupe, Georgie. Vamos escolher o seu novo chapéu...

— E para você?

Luciane pegou um chapéu preto, com rendinha que cobria metade da face. Georgie arrancou a peça da mão da outra.

— Não vou permitir que compre isto! Um chapéu de viúva! Francamente!

Luciane deu uma risadinha.

— Então não levarei nada hoje, obrigada.

NOVE

A festa da baronesa Keye havia sido um completo desastre. Pelo menos para Luciane. Suspeitava que para sua Suzanne também, pobrezinha...

Havia tudo começado mal. Christian havia aparecido em sua casa já com cheiro de bebida, e conseguido deixar Lu ainda mais tensa do que estava. Depois sumiu com os amigos na sala de jogos que a anfitriã havia preparado para os cavalheiros. Então, sozinha com Georgiana, Juliet e Suzanne, precisou escutar a melhor amiga cometer indiscrições ao falar tanto de lorde Tim quanto de lorde Barker justamente para a prima de Christian... Aquilo a havia deixado com os nervos aos frangalhos... não podia defender-se abertamente, para não parecer que estava interessada em Timothy Flanagan, e não podia defender o marquês de Brighton, porque inadvertidamente poderia comprometer Sue, numa corte que estava apenas começando, mas já parecia fadada a atrair problemas... Tentou contornar a situação, na medida do possível, mudando de assunto sempre que lhe era permitido... Mas a gota d'água aconteceria depois.

Lorde Tim havia se aproximado para contar que dois cavalheiros da sociedade haviam feito uma aposta envolvendo o nome de Suzanne... Luciane ficou absolutamente aterrorizada. E mais ainda quando percebeu que seria ela quem teria de repassar a informação ao noivo. Como explicaria a forma que soubera disso? No segundo em que falasse para o major que o visconde a informara da tal aposta, o mundo viria abaixo. Ele questionaria, com razão, porque o homem não o procurara, ou a Jake, para contar o fato.

A não ser que ela não citasse a origem de tal informação... Luciane sentia a cabeça latejar e massageou as têmporas. Aquilo lhe parecera traiçoeiro. Mas foi o que acabara optando em fazer. Christian havia ficado possesso com a aposta, mas logo sua atenção voltou-se para a própria noiva. Como ela soubera disso? Quem lhe confidenciara tal coisa? Porque um assunto de cunho masculino, e tão grave, havia chegado aos ouvidos dela antes que chegasse aos dele? As perguntas, pertinentes, foram respondidas com respostas que não satisfizeram as dúvidas do major, habituado a interrogar e descobrir algum nível de traição entre seus soldados.

Luciane dera a entender que não poderia informar mais sobre sua fonte, pois isto havia lhe sido segredo por alguém que não queria envolver-se diretamente.

Evidentemente, embora agradecido pela informação, Christian ficara desconfiado.

E esta desconfiança gerara um nível alto de desconforto entre eles durante dias, ofuscando inclusive o prazer de desfrutar ao lado dele o espetáculo de rara beleza que fora a ópera Io.

E conquanto Christian mantivera-se frio com ela, parecia levar uma vida bem animada ao lado dos amigos, pois mais de uma vez chegara atrasado para seus compromissos como noivo, e portando odores diversos, que variavam entre cheiro de cavalos, fumaça e bebidas.

Mas quando ele apareceu com as roupas em desalinho para a recepção dos Bennet, bastou.

— Se pensa que vou a algum lugar com você vestido deste jeito, está louco. Ou bêbado. Ou as duas coisas juntas.

— Como é? — perguntou ele, atônito.

— Olhe para você, major! — Luciane sacudiu o braço de cima para

baixo, na direção dele — Se vestiu às pressas? Ou rolou na grama brigando com algum outro lorde que assediou sua prima?

Christian quase riu. Fazia alguns dias que estava deliberadamente provocando Luciane, para que ela se impacientasse com seus modos e contasse de uma vez por todas quem a informara sobre a aposta envolvendo Suzanne, mas ela preferia aturar estoicamente suas atitudes a abrir a boca. No entanto agora explodira. Não exatamente do jeito que ele esperava, mas já era alguma coisa...

— Eu apenas vim de uma corrida de cavalos diretamente para cá.

Luciane fez alguns movimentos com as mãos que o lembraram dos fazendeiros portugueses espantando galinhas: — Pois pode partir daqui agora mesmo, vá para sua casa, se banhar, descansar ou coisa que o valha, eu não vou sair com o senhor.

Christian observou o gesticular mais um pouco. Gostava de ver como ela, diferente da maioria das moças, era expansiva em seus gestos, e muitas vezes, imoderada. Sua noivinha seria uma brasa no leito nupcial... tinha certeza.

— Eu não corri até aqui à toa.

Ela fez um sinal afirmativo, veemente: — Correu, sim.

— Luciane... — o tom de voz dele era de aviso.

Luciane respondeu frisando bem as sílabas: — Não vou com você nem arrastada.

— O quê??

— Nem mesmo amarrada.

O major estreitou os olhos.

— Ahá! — Christian deu um passo a frente.

Lorde Hogarth entrou na sala.

— Boa noite. Algum problema, senhor Cunningham?

Christian controlou o ranger de dentes.

— Boa noite, milorde. Problema algum.

— Sua criada não deveria estar na sala com você, Luci?

— A porta estava aberta, papai.

Lorde Hogarth os observou com olhar superior.

— E que seja assim sempre que estiverem sozinhos.

— Sim, senhor. — o casal respondeu em uníssono.

— De qualquer modo o major já estava de saída. — esclareceu Luciane.

O pai arqueou as sobrancelhas.

— Pensei que iriam ao baile dos Bennett hoje...

— Mudança de planos. — ela sorriu.

— Então você deveria ir comigo e sua mãe ao jantar de sir Thompson.

De jeito nenhum iria ao jantar em que só compareciam velhos pedantes do parlamento.

— Papai, eu...

— Nós vamos ao baile um pouco mais tarde, milorde. — interrompeu Christian — Precisarei passar em minha residência antes, já que não estou vestido de forma adequada.

Ele voltou o olhar rapidamente para Luciane, dando peso à palavra “adequada”.

Luciane desviou o olhar, mas sua boca se torceu levemente.

— Ah, bem... Esclarecido isto, penso que o baile será mais agradável

a vocês, jovens. Levam companhia, além de Betsy? — ele falava sobre a dama de companhia da filha.

— Sim, certamente. Nosso irmão nos acompanhará.

— Bom. — o lorde respondeu. E ficou aguardando que Christian se despedisse.

O major não teve alternativa senão partir, sem retrucar à noiva.

— Boa noite. Voltarei logo.

Lançando um olhar fulminante para Luciane, de costas para o futuro sogro, avisou-lhe: — Esteja pronta, para que não nos atrasemos mais.

— Oh, já estou, caro major. Talvez só retoque o penteado. Para combinar com a farda de gala que irá usar esta noite.

Christian apertou o maxilar, segurando uma resposta indevida. Assentiu e deixou a casa.

Quando Christian entrou na carruagem, sozinho, Jake franziu as sobrancelhas.

— Onde está Luciane?

— Ela se nega a sair comigo vestido assim. — Christian fez um gesto para sua vestimenta, e bateu no teto da carruagem para que o cocheiro seguisse.

Jake deu uma risada.

— Vou voltar para casa, me lavar para tirar o cheiro de suor e cavalos, e trocar de roupa. Quer que o deixe na recepção?

Jake olhou pela janela. Não estava animado.

— Não. Eu volto com você, aproveito para trocar a camisa.

— Sua roupa ainda está alinhada... Não entendo como conseguiu, já que também esteve na corrida.

— Sou naturalmente elegante — ele deu uma risadinha — e talvez seja também porque eu, diferente de você ou Tristan, não corra feito um louco, como se demônios estivessem nos meus calcanhares.

— Eu precisava gastar energia. — Christian deu de ombros, irritado.

— Sua noiva está certa, sabe. E ninguém gosta de estar ao lado de alguém com aparência negligente.

— Não sou negligente!

— Mas nestes últimos dias...

— Ela é que é uma impertinente! — Chris cortou a fala do irmão — E desconfio que está dissimulando, coisa que abomino!

— Dissimulando? Como assim?

— Como ela poderia saber sobre a aposta de Stanton e Fox, J? Ela disse não ter escutado diretamente, e não estava disposta a contar quem lhe passou a informação. Eu imagino que um homem tenha passado, mas ela não diz quem foi.

— E você não pode deixar isto quieto, não é mesmo? Precisa encurralá-la e constrangê-la para forçá-la a contar-lhe.

— Sou o noivo dela. É justo que me conte tudo.

— É um noivo que surgiu faz pouco tempo e quer a confiança dela como se a conhecesse desde sempre?

— Você, como meu irmão, deveria me apoiar. — grunhiu Christian.

Jake sorriu.

— Eu gostaria. Mas você não foi muito colaborativo antes. E eu lhe avisei sobre isto.

Jake havia conversado com Christian nas poucas ocasiões em que ele esteve em casa, entre uma batalha e outra. Duas ou três vezes. Falara que ele deveria visitar a noiva, mesmo que fosse por cordialidade, ou escrever-lhe uma carta. Mas o irmão, rebelde e ainda irritado com a imposição do noivado, negou-se a fazer qualquer destas coisas.

— Eu não podia imaginar... — Christian respirou profundamente, como se tomando fôlego — Eu não podia imaginar que ela seria tão perfeita para mim. Se eu soubesse... Ah, J...

Jake assentiu, compreensivo.

— Suzanne é considerada a beldade da temporada, e Juliet também é linda, mas... Já viu o que acontece com Luciane?

— É impossível não perceber, Chris.

Christian franziu o cenho, olhando o irmão de cara feia. Jake não se incomodou com o olhar de censura.

— Com todo o respeito, mano. Luciane tem um atrativo que as outras não tem, de fato. O carisma dela é potente... Sempre foi, desde a primeira temporada em que se apresentou. Esta é a razão porque me fiz seu amigo, para impedir que outro tomasse teu lugar. Porque, creia-me, não faltaram tentativas. Ela não sabe como afastei alguns admiradores mais afoitos, embora a própria Luciane também tenha o dom para saber como desvencilhar-se deles. Agora que você assumiu seu posto, não preciso mais estar por perto, mas deve aprender a lidar com o brilho dela sem ofuscá-lo.

— Ela atrai admiradores como moscas no mel. Mas este mel é meu, Jake.

O irmão voltou a concordar.

— E esta é a razão pela qual, mesmo contrariado, vou trocar meus trajes e voltar para acompanhá-la esta noite. Não darei espaço para outro se

NACIONAIS-ACHERON

aproximar. Não darei razões para que ela se afaste de mim.

— Muito bem.

— E partirei ao meio qualquer um que se interpuser entre eu e Luciane.

Jake revirou os olhos, voltando a fitar a rua através da janela.

— Brighton deve ter contado. Não nos disse diretamente porque mostraria seu interesse em Sue.

— É possível.

— Ou foi Tim. A pedido de Brighton.

Christian fez uma careta.

— Sim, também é possível. Eu preferia que fosse Robert...

— Seria melhor. — respondeu Jake.

Em menos de uma hora os irmãos se lavaram, se trocaram, e voltaram para escoltar a senhorita Hogarth.

O sorriso vitorioso de Luciane fez os irmãos se entreolharem e reagirem de formas diversas: Jake com uma risadinha, e Christian fechando a boca numa linha fina.

— Boa noite, senhores, como estão elegantes! — ela bateu as pestanas rapidamente, enquanto abria o leque num gesto fluído.

Chris sentiu sua irritação começar a desvanecer. Era difícil manter-se incólume diante de alguém que irradiava bom humor, como Luciane.

— Nenhum comentário mordaz? — ele provocou-a.

— Me salvou de um jantar extremamente tedioso. Não serei ingrata.
— Luciane fechou o leque, enquanto entrava na carruagem e se acomodava.

— Tão ruim assim?

— Não faz ideia! — tornou a abrir o leque, abanando-se vigorosamente.

Os dois irmãos sorriram ao mesmo tempo. Não os achava parecidos, mas quando riam a semelhança entre eles gritava. E mais uma vez Luciane ficou agradecida por ver um sorriso brilhar no rosto bonito de Christian. Agradecida... Sim, era certamente por também estar grato que o noivo queria beijá-la e abraçá-la. Poderia estar confundindo gratidão com algo mais, ou apenas lhe fazendo a paga ao tentar fazê-la sentir-se querida, já que estavam presos a um contrato que ele sabia o quanto a desagradava. Um contrato, como lord Tim a fizera lembrar-se, e que não deveria jamais esquecer. Uma obrigação, não uma escolha, não um desejo próprio. Apenas uma ordem a cumprir, um dever, um fardo... Oh, Deus, ela suspirou, desviando seu olhar para a rua de pedras lá fora, um tanto tremente pela janelinha do veículo em movimento. Devia ter ido ao jantar dos Thompson, afinal.

Christian estava pegando bebidas para ele e Luciane quando percebeu o visconde de Alvoy ao seu lado. As normas de educação estavam enraizadas demais nele para que simplesmente não fingisse vê-lo, por mais que quisesse ignorar sua presença. E não era apenas mera impressão que o homem também não parecia feliz em vê-lo.

— Christian.

Fez um breve movimento com a cabeça.

— Timothy.

Ele respondeu do mesmo modo.

O nobre olhou as bebidas nas mãos do militar.

Um sorriso sardônico desenhou-se em sua boca.

— Bebidas para mim e para minha noiva.

Tim ergueu ligeiramente as sobrancelhas, movendo o rosto em concordância, como se lembrasse algo: — Ah! A noiva que seus pais lhe arranjaram.

O sorriso de Christian não se desfez: — Exato! A melhor escolha que poderiam fazer.

— É mesmo?

— Duvida?

— Não sobre a escolha excelente deles. Luciane será a esposa perfeita para qualquer cavalheiro.

Christian largou os copos na mesa e aproximou-se de Tim.

— É senhorita Hogarth para você, lorde Tim.

Timothy também deu um passo em direção a Christian.

— Eu a conheço a mais tempo que você conhece e eu sou...

Christian cortou as palavras do outro imediatamente.

— Conhecer a minha noiva não lhe dá a intimidade que você parece pensar ter, e não terá. Ponha-se em seu lugar.

Timothy deu uma risada breve e seca.

— Está mesmo mandando-me pôr-me em meu lugar? A mim, um par do Reino? Sou o barão de Bryant, visconde de Alvoy, futuro conde de...

Christian riu, desdenhoso.

— Eu o conheço faz anos, e nunca se preocupou com seus títulos de nobreza até que precisasse recitá-los a mim para parecer superior. Mas está perdendo seu tempo ao seguir este curso, meu velho. — deu de ombros, com um muxoxo — Talvez se fosse um rei pudesse me impressionar.

Timothy deu mais um passo, estufando o peito. Christian fez o mesmo, e estavam agora quase nariz a nariz.

— Talvez eu o impressione se eu o desa...

Matt se colocou subitamente entre eles, no exíguo espaço que ainda os separava: — Olá, olá, meus caros amigos! Que bom encontrá-los. E principalmente a você, lorde Tim! Brighton o está procurando.

Tim assentiu e afastou-se, não sem antes lançar um olhar irritado para Christian, que ergueu o queixo numa afronta muda.

— O que há entre você e lorde Tim? Pensei que eram amigos! — Matt havia escutado uma parte da conversa, e estava agora entre surpreso e apreensivo.

— Eu também pensei. Mas enganei-me.

Pegou novamente os copos que estavam na mesa e foi em direção a Luciane.

Minha noiva, minha, minha noiva, ele pensava enquanto controlava a fúria que ainda fazia latejar suas têmporas. Lorde Tim agora mostrava efetivamente suas garras. Luciane podia não saber, e ele não mais a alertaria para o fato de estar chamando atenção de um homem como Timothy. Não, não era bom atizar ideias. Não daria munição ao inimigo. Entregou à noiva seu copo de ponche.

O sorriso que ela lhe concedeu ao receber o copo fez seu coração acelerar. Atraído pela boca larga e sensual, curvou o corpo o suficiente para tomar-lhe um breve beijo. Sentiu o gosto adocicado do ponche de frutas que ela acabara de sorver, e como Luciane não se afastara e nem o repreendera, decidiu que valia a pena roubar mais um saboroso beijo. Encarou-a, apaixonando-se ainda mais por seus encantadores olhos de um tom tão claro e límpido quanto o mel dos favos oferecidos pelos criadores de abelhas nos

campos estrangeiros... Aquela de olhar doce e riso fácil era sua noiva, seu coração, seu amor... O manancial que o fizera renascer.

Iria defender este tesouro com unhas e dentes, e com todos os meios possíveis.

DEZ

Quando pensava que uma semana havia sido estranha... Surgia outra mais estranha ainda. Luciane sentia-se como se estivesse girando, girando, girando... e o mundo a sua volta girando também, mas em direção contrária. Não era surpresa que ao final do dia, ao recolher-se em sua cama, se sentisse nauseada e tivesse dificuldades para dormir.

Como podia descansar quando o dia havia sido uma confusão tremenda? E o caos estabelecido em torno dela, de seu noivo, e de seus amigos? Que dias terríveis...

Tristan havia sofrido um acidente horrendo, ficando entre a vida e a morte, deixando sua noiva Juliet e a todos, sem chão.

Jake corria de um lado para o outro, cuidando tanto de suas questões como advogado como dos negócios de seu melhor amigo Tristan, dono de uma rede de tabacarias e confeitarias.

A corte que o marquês de Brighton fazia à Suzanne havia sido descoberta e rechaçada duramente pelos pais da moça, resultando numa viagem da família para fora de Londres, e tornando o lorde uma figura lúgubre, com tendências ébrias.

E enquanto acontecia aquele imenso redemoinho de emoções, outra desordem se dava: Christian resolvera definitivamente cobri-la com deliciosas e atordoantes atenções, deixando-a ainda mais confusa. E o visconde de Alvoy surgia quando o major não estava por perto, perturbando-a com conversas que giravam invariavelmente em torno de uniões por interesse, casamentos sem amor, e relacionamentos fadados ao fracasso, o

NACIONAIS-ACHERON

que só piorava seu estado de angústia. Estava chegando ao ponto de querer se esconder quando via o lorde, e de fugir quando seu noivo se aproximava. Porque todos não a deixavam em paz, pelo menos por algum tempo? Gostaria muito de refrescar a mente, de voltar à santa paz que vivia antes do início desta temporada.

Felizmente enquanto passeava no parque hoje, com lorde Tim ao seu lado, ele não resolvera falar sobre nenhum enlace mal sucedido, e ao invés disso estava agradavelmente bem humorado, chamando atenção para as belezas do local, as árvores frondosas, o colorido dos cravos e amores-perfeitos, que floresciam encantadora e desordenadamente, o canto idílico dos pássaros... Sua voz tinha um timbre quase mágico quando falava mais baixo, como agora. Luciane pegou-se suspirando e parando de andar por um momento, enquanto admirava o ambiente pela perspectiva dele.

— Quando vimos muitas vezes um mesmo lugar acabamos por perder um pouco a noção do quanto vale... Realmente é tudo tão bonito, lorde Tim. Agradeço por me fazer notar novamente estas belezas.

— Eu que agradeço a oportunidade de poder observar tudo isto em sua companhia. No entanto, a beleza que mais me embevece aqui é a sua, senhorita Luciane.

Surpreendida, Luciane voltou-se, quase encontrando o peito de lorde Tim enquanto se virava. Ele estava bem perto, e ela conseguiu perceber uma sutil essência de sabonete. E sândalo.

Tim havia inclinado o rosto ligeiramente, em direção ao dela. Luciane arregalou os olhos, surpreendida.

— Milorde...

— Luciane, já faz algum tempo que desejo falar-lhe, mas tenho encontrado dificuldade em...

— Boa tarde! Veja quem encontro aqui! Meus caros amigos lorde Tim e a senhorita Hogarth! — Grayson Shakman olhou em torno — E onde está meu estimado companheiro de corridas, major Christian?

Luciane praticamente havia dado um salto quando escutara a voz de Shakman. Aproveitou a chegada dele para afastar-se de lorde Tim. Percebeu que o olhar do visconde havia se estreitado enquanto olhava para o rapaz que os havia interrompido.

— Boa tarde, milorde — ela respondeu polidamente ao amigo de Jake e Christian — o major não veio.

— Tenho certeza que ele teve um compromisso muito sério a cumprir, senão não abriria mão de estar com sua preciosa noiva. — respondeu Shakman, olhando fixamente para lorde Tim.

Luciane gostava de Shakman. Ele fazia parte da nobreza, e era um destes jovens arrogantes que haviam sido criados para olhar a todos de cima, sem nunca deixar de dizer o que queria, o que pensava, e como as coisas deveriam ser feitas ao seu modo. Mas ele usava estes ensinamentos sempre a seu favor. Não baixava a cabeça para os lordes mais velhos e mais poderosos quando julgava que estavam errados, defendia bravamente qualquer pessoa que parecesse estar sofrendo uma injustiça, e era um amigo leal para aqueles que conquistassem sua simpatia. Como Jake era um de seus melhores amigos, Shakman havia estendido sua amizade para Christian, e consequentemente, para ela. Mais de uma vez interferira diretamente quando Luciane estava sendo incomodada por algum admirador mais insistente, livrando-a da dificuldade de desvencilhar-se de homens pegajosos.

A presença de Grayson Shakman, e mesmo de Jake Rae, às vezes a fazia pensar em como seria ter um irmão mais velho. Devia ser como se sentia perto deles: protegida e confortável. E pelo comportamento dele agora,

estava assumindo a posição de defensor mais uma vez.

Por que seria? Teria ele notado em lorde Tim alguma intenção velada? Que este pensamento surgisse na mente de Christian, era uma coisa, já que seu noivo desconfiava de todos os homens que se aproximavam dela, mas Shakman também desconfiar? Ora, Timothy Flanagan sempre conversara com ela apenas assuntos de pouco importância, fazendo comentários sobre amigos em comum, gracejos sobre algum acontecimento marcante ou qualquer outra frivolidade. Ultimamente decidira bancar o amigo preocupado sobre o destino dela ao lado do major Cunningham... E, bem, acabara de fazer um movimento um tanto inquietante...

Que poderia ser interpretado de várias formas, claro.

Algum tempo atrás a mera ideia de que um futuro conde, rico, bonito, experiente e disputado pelas mulheres mais lindas da sociedade pudesse estar levemente interessado em alguém como Luciane, tão comum e sem o selo de elite que acompanhava as debutantes londrinas mais ricas, a faria rir.

Agora não estava mais tão certa se seria realmente algo totalmente absurdo. Mas preferiria que fosse absurdo. Não queria se preocupar com mais uma coisa, e possivelmente sua mente fértil estava apenas lhe pregando uma peça quando imaginara um olhar ardente da parte de lorde Tim. E, ora, não era natural que um libertino do grau dele flertasse com todas a sua volta quando a oportunidade surgisse? Claro que sim! Não havia sido nada mais que um reflexo vindo de alguém já condicionado a derramar charme por onde passasse. Sim, sim, era isto!

Luciane respirou aliviada, sorrindo para os dois homens, e desfazendo qualquer mal estar que pudesse estar se formando entre eles.

— Fico tão feliz que tenha juntado-se a nós nesta caminhada! Vamos seguir adiante?

Os dois imediatamente voltaram-se para ela, com sorrisos belos e polidos.

— Claro, senhorita.

— Estamos à sua disposição, senhorita.

Os três voltaram a caminhar pela alameda.

— Soube que os convites para a festa de campo de Sir Jackson começaram a ser distribuídos — Grayson simulou um arrepio — ainda bem que não serei convidado. Um final de semana prolongado no campo, cercado por lordes idosos que passam seus dias bebendo chá, fazendo jogos tediosos de adivinhação, e enaltecendo o passado, é tudo o que eu não desejo!

Lorde Timothy também estremeceu.

— Deus me livre. — ele imediatamente virou-se para Luciane — perdoe-me pela blasfêmia.

Luciane apenas sorriu. Estava habituada aos maus modos do lorde, e nem um pouco preocupada com seu comentário. Já fazia planos sobre quais trajes e livros levaria para a festa de Sir Jackson, amigo íntimo de seu pai. Todos os anos acontecia um evento como este, organizado pelo velho baronete. Ele convidava apenas seus amigos mais queridos, sem se preocupar em cumprir etiquetas ou formar pares de jovens à mesa. Que maravilha! Um final de semana prolongado no campo! Sem festas barulhentas, intrigas... Sem sofrimento... Apenas paz, conversas ocasionais sobre suas futuras obrigações como esposa de um militar, e sossego. Muito sossego. Normalmente teria feito uma careta diante do convite para tal reunião de anciões. Como a vida era imprevisível...

Uma festa sem graça no campo era tudo o que Luciane mais desejava!

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

ONZE

Christian observava Luciane esvoaçar entre as amigas como uma borboleta, ou como uma fada. Estava um esplendor dentro do vestido branco bordado com pequenas rosinhas nas barras, mangas e decote... E que decote! Era difícil desviar o olhar dele. Mas ela não estava linda apenas pelo traje, ou pelos passadores de pedrinhas brilhantes espalhados estrategicamente entre os sedosos cachos de seu cabelo, e nem mesmo pelo decote provocativo. Luciane reluzia, num brilho ainda mais fulgurante que de costume, deixando-o numa sensação permanente de atordoamento.

E não só a ele.

Certa vez ele havia pensando na noiva como um atraente pote de mel, mas talvez ela fosse mais que isto... Talvez ela estivesse mais para abelharinha. O resultado? Zangões zumbindo durante todo o tempo ao redor dela, compreensivelmente atraídos pela sua doçura e seu encanto.

Satisfeito por ser seu consorte, esta noite Christian apenas a admirava, servia-lhe algum refresco, ou a acompanhava em uma volta pelo casarão dos Luthon, sempre por perto, mas com o cuidado de não aborrecê-la com gestos de ciúme exagerados. Estavam num momento agradável e pacífico, e pretendia que se mantivessem assim. Sabia o quanto os últimos tempos haviam sido desagradáveis para todos, e em especial para ela, que vira duas de suas melhores amigas, Juliet e Suzanne, em maus lençóis. Se para ele, habituado à dureza da vida em campos de batalha, havia sido horrível, imaginava o que teria sido para uma jovem sempre tão bem preservada das vicissitudes que o mundo apresentava. Tinha readquirido sensibilidade o

suficiente para ser gentil e discreto quando necessário.

E graças a Luciane por isto, também.

— Não o aborrece que Luciane vá passar alguns dias fora, longe de você?

— Não — respondeu Chris ao irmão, rápido demais. Logo em seguida apertou os lábios — na verdade, sim, aborrece um pouco. Mas seus pais não permitiriam que ficasse na cidade, quando ambos viajavam para uma festa no campo. E não é tão longe, afinal de contas.

Jake deu de ombros.

— É verdade. Se a saudade falar mais alto, pode cavalgar até a casa de sir Jackson.

Christian riu. O riso vinha-lhe fácil agora.

— Dificilmente farei isto. Pretendo aproveitar o tempo de ausência de Luciane para também fazer uma breve viagem. Vou até Bath, falar com o coronel Hoyt.

Jake mudou de posição, trocando o peso dos pés e concentrando toda a sua atenção agora no irmão.

— Tem certeza disso?

— Sim. Quando ele me ofereceu o cargo na cidade, eu ainda não estava certo do que fazer, mas agora não existem mais dúvidas.

— Nossos pais ficarão tremendamente aliviados.

O major deu um sorrisinho sarcástico.

— Afinal eles vão conseguir o que sempre desejaram: que seu filho caçula assente, e mantenha-se são e salvo.

— Mas não ao custo que foi, Christian! Papai e mamãe prefeririam ter dado um braço ou uma perna do que vê-lo sofrendo como estava ao retornar

de Portugal.

— Sim, eu sei. E estou cômico de quanto assustei a todos com meu estado.

— Mamãe não teve coragem de dizer, mas eu ouvia suas orações angustiadas às primeiras noites após seu retorno. Ela temia que, pela extensão das feridas em suas costas, que você tivesse uma infecção e não resistisse. — Jake desviou os olhos por alguns instantes — E devo admitir que ao vê-las, também eu temi.

— Compreendo. Mas não precisa mais preocupar-se com isto, J.

— E é isto mesmo que você deseja? Um cargo burocrático na hierarquia militar? Isto realmente o satisfará?

— Sim. O que me foi oferecido não é apenas um serviço de carimbar documentos ou oferecer condolências aos familiares de soldados abatidos em serviço. Meu trabalho seria formular estratégias para garantir sucesso nas empreitadas militares. Eu me asseguraria que o maior número possível de homens voltaria para casa vivo e vitorioso. E também que a Coroa saísse triunfante em todo o conflito que se envolvesse, desde que fosse eu o responsável pelas manobras a serem efetuadas.

Jake arqueou as sobrancelhas, impressionado.

— Você seria promovido!

— Sim, eu seria. Possivelmente tenente-coronel com acúmulo de inspetor-geral. Algo neste sentido.

— Ou simplesmente coronel! — Jake estava entusiasmado, e colocou as mãos nos ombros do irmão.

— Ou isto! — Christian deu uma risada, contagiado pelo ânimo do irmão mais velho.

— Vai ser o coronel mais jovem da história! Sabe disso, não?

— Não fiquemos ansiosos demais, ainda tenho que concluir minha conversa com Hoyt.

— Se ele lhe ofereceu o cargo é porque sabe de sua capacidade e habilidades! No entanto, se quiser, irei com você para intermediar quaisquer negociações necessárias.

— Bem, não exerço a função de advogado há muito tempo, mas não estou tão esquecido assim de tudo que aprendi, acho que posso redigir um contrato adequado.

— Ah, claro! Às vezes esqueço que você também se formou.

— Papai não esquece.

Jake fez um muxoxo.

— Ele nunca esquece nada.

Ambos ficaram perdidos em seus pensamentos por alguns instantes. Jake quebrou o silêncio: — Deixar de viajar não será um problema? Nunca gostou de ficar parado, Chris.

Christian sacudiu a cabeça, em negativa.

— Eu quero parar, J. Quero fincar raízes. Poder marcar a data de casamento com Luciane. — o olhar de Christian perdeu-se em algum ponto distante da festa, alheio ao som das conversas e risos, e dos músicos no salão ao lado — Quero assistir ao ventre dela crescer quando eu lhe botar um filho na barriga... e acompanhar o nascimento e o desenvolvimento dele. Ou deles, se Nosso Senhor assim nos permitir. Quero ser o primeiro a beijar o joelho ralado do meu primogênito e consolá-lo, e animá-lo o suficiente para que volte a correr e a cair. Quero estar por perto para solucionar questões práticas ao lado de minha esposa... Definir qual a melhor preceptora para as nossas crianças, ensinar meu filho a dar seu primeiro nó de pescador... Quero poder

ser pai e marido o suficiente para saber consertar uma cerca quebrada em nosso chalé no campo... E mostrar às minhas filhas que as meninas também podem cavalgar em disparada desde que o caminho seja seguro... E quero botar para correr seus admiradores mais atrevidos. Quero ver o primeiro fio de cabelo prateado entre os fios cor de trigo de Luciane... E envelhecer ao lado dela. Quero tudo isto. Quero estar presente.

O major parou de falar, e seus olhos voltaram a focalizar o ambiente. Virou-se para o irmão, estampando uma expressão meio surpresa no rosto, como se houvesse perdido o rumo de suas palavras, e esquecido momentaneamente onde estava.

— Chris...

Jake, num ímpeto, puxou e abraçou o irmão rapidamente.

— Chris, você cresceu, irmãozinho. Você realmente cresceu.

— Ah, pare com isso, vamos... — Christian bateu nas costas do irmão, de modo amigável.

Eles se separaram, com sorrisos tolos nos rostos.

— Depois dessa dose de sentimentalismo, preciso exercer minha grosseria e masculinidade, portanto vou até o salão de jogos debochar e xingar um pouco.

Assim que Jake afastou-se, Christian seguiu em direção de Luciane. Ela lhe dedicou um breve ensolarado sorriso. Ah! Isto era muito bom...

— É a nossa dança, milady. — Christian estendeu a mão para Luciane.

— Não me recorde de ter prometido-lhe mais nenhuma dança — baixou o tom de voz, enquanto lhe dava a mão — já dançamos duas vezes. Certamente não deseja que sejamos motivo de falatório. Nossos amigos já tem oferecido assunto suficiente, não precisamos fazer mais.

NACIONAIS-ACHERON

— Ora, deveríamos ser solidários a eles, e fazermos também nosso pequeno escândalo!

— Bem, já que sugeriu isto, posso pensar no assunto carinhosamente.

— Estarei gratificado apenas se pretende pensar no assunto. — completou ele, enquanto encaminhavam-se para o outro salão, onde havia dança e música.

— Céus, major Cunningham, o senhor é má influência.

— Céus, senhorita Hogarth, só agora percebeu?

Luciane revirou os olhos. Viu-se no centro do salão de danças e torceu os lábios para o noivo.

— Renda-se logo e poupe-me o trabalho de convencê-la a dançar. Não é tão difícil, vê? Faça uma medida e deixe-se levar.

Quando se inclinou diante dela, no cumprimento inicial da dança, sem deixar de fitá-la nos olhos em nenhum momento, Luciane pôde ver quanto seus olhos pareciam mais claros, num verde tão límpido e cristalino quanto as águas do regato em que brincava nos dias quentes de verão passados em Gloucester. Ficou aturdida com a viagem no tempo que fez naqueles poucos segundos. Voltara num instante a ser a menina magricela, pálida e sem-graça, diante do rapaz bonito e fascinante que a cumprimentava. Perdeu a ação, boquiaberta.

Christian pareceu notar-lhe o aparvalhamento. Ergueu-se rápido, dando um passo a mais para aproximar-se, oferecendo os braços abertos, como se temesse que ela caísse.

— O que há? Sente-se mal?

— Eu... Não, não... Não sei.

Luciane levou a mão à testa.

Os músicos recomeçaram a música, e os casais em volta começaram a deslizar belamente pelo salão.

— Conduza-me. — Luciane pediu-lhe, oferecendo-lhe os braços.

O sorriso de Christian foi gentil, ao tomá-la junto a si: — Sempre ao seu dispor, minha senhora.

Ah, a paz do campo...

O som dos pássaros, os alegres latidos dos cães de caça, o odor pungente de plantas e flores, tudo contribuía para o bem estar de Luciane. Conseguia pensar. E conseguia também não pensar, por mais estranho que isto parecesse!

No primeiro dia, após a viagem cansativa, fôra fácil apenas descansar e mais tarde jantar com os anfitriões, ouvindo despreocupadamente a agradável cantilena de velhos amigos que se encontravam poucas vezes ao ano.

Depois, nos dias subsequentes, começara a colocar as ideias no lugar. Podia ficar sozinha na biblioteca, no jardim ou na estufa sem que ninguém a incomodasse. Os convidados para a festa estavam tão entretidos em seu reencontro que não se importavam muito com sua presença, e nem com a das outras duas jovens presentes, netas de sir Jackson. Por força das circunstâncias as três muitas vezes encontravam-se no mesmo recinto, cada uma imersa em seus próprios pensamentos e leituras, ou travando conversas triviais e simpáticas que não comprometiam e nem preocupavam ninguém.

Que maravilha!

O melhor de tudo é que não haviam rapazes entre os convidados, portanto Luciane não era obrigada a ser falante e sorridente durante as

NACIONAIS-ACHERON

refeições. Espairar era a palavra de ordem, e buscar dentro do próprio âmagio as respostas às várias perguntas que a incomodavam.

E foi assim, numa festa campestre enfadonha, que Luciane finalmente descobriu a verdade sobre si mesma.

Ela havia se apaixonado por Christian quando o vira pela 1ª vez, ainda menina, anos atrás. Ao ver aquele belo e simpático jovem diante de si, fazendo-lhe gentilezas que jamais havia recebido de outro, Luciane derreteria-se. O encanto do primeiro amor durara muito tempo, até que foi comunicada que havia sido dada em casamento a ele. Não a pedido do moço, mas por ordem de seu pai. Não foi difícil ver o óbvio: Havia sido vendida e em seguida presenteada como um objeto qualquer. Fôra neste momento que seus ideais de amor haviam sido despedaçados, e toda a lembrança carinhosa da tarde em que conhecera Chris, apagada. Como tantas outras meninas que sofreram desilusões passadas, a recordação foi perdendo força e apagando até que ficasse guardada apenas uma pequena parte dela, que era a imagem sorridente de um rapazola bonito.

Luciane esquecera este detalhe — ou preferira esquecê-lo — até a noite do último baile em que compareceram, quando o passado pulou sobre ela, e dançou animadamente sobre seu presente. Mas isto não era tudo. Lembrara-se do amor passado pelo simples fato de que ele estava ali novamente.

Apaixonara-se por Christian. De novo. E desta vez, irremediavelmente.

Não havia sido algo imediato, o maior chegara devagar, envolvendo-a de mansinho, com gentilezas, atos e ações que acabaram por encantá-la sem que percebesse. Amava seu noivo, o que não a escolhera, o que não a desejara, o que a ignorara por anos a fio. O noivo que ela também não queria,

que não almejava, que fingia não existir. Não podia deixar de notar a ironia da coisa.

Principalmente quando o homem em questão nunca, jamais, falara em amor.

Isto até poderia ser desanimador, para outra moça qualquer.

Mas se havia algo que Luciane tinha era otimismo. E ela não ficaria de braços cruzados aguardando para ver o que o destino lhe proporcionaria em relação a seu casamento. Não ia esperar um resultado quando podia agir agora mesmo. Ela amava Christian, e ele a desejava. Somadas as coisas não poderia obter um resultado satisfatório? Não valia a pena tentar transformar em amor o que agora era atração? Trabalharia nisso com afinco. Afinal, era sua felicidade que estava em jogo, e a dos seus filhos também, que mereciam ter um casal amoroso e feliz como pais.

Luciane fechou o livro que estava aberto em seu colo, e que folheava sem ler. Estava feliz e em paz consigo, enfim. Decidida, revigorada e tranquila, resolveu dar um passeio sozinha até o jardim, onde poderia sentar-se em um dos bancos de pedras rodeados de flores coloridas e perfumadas.

Seguiu o caminho ladeado por primulas e escolheu um banco de pedra que tinha uma árvore atrás de si, ideal para servir de apoio. Luciane recostou-se e abriu o livro, em paz o suficiente para conseguir ler o livro de sonetos que escolhera na biblioteca.

Algumas páginas adiante e Luciane logo estava sonolenta. Fechou os olhos e abriu-os num sobressalto aos escutar alguns estalos de gravetos e farfalhar de plantas. Alguém estava se aproximando.

— Ah, finalmente a encontrei!

— Lorde Tim? — Luciane empertigou-se, ainda atordoada pelo sono.

Timothy estava encantado. Conseguira aproximar-se de Luciane num
NACIONAIS-ACHERON

momento em que ela estava sozinha, e sem a possibilidade de seu noivo surgir inesperadamente e interrompê-los. E ela estava adoravelmente lânguida... Muito sensual. Como certamente ficaria após o ato de amor. Tim estava ansioso por tê-la em seu próprio leito, mas sabia perfeitamente que deveria ser cuidadoso na abordagem que usaria, pois não estava tratando com uma qualquer. Não poderia desperdiçar a chance dizer a ela o que realmente queria e sentia.

— Senhorita Luciane, informaram-me que estaria no jardim.

Ela sorriu-lhe.

— Que surpresa, lorde Tim. O que faz aqui?

Certamente lorde Tim devia estar passando dias em uma casa nas redondezas e entediara-se com os folguedos diurnos a ponto de largar tudo para visitar uma amiga, a quem estava cansado de encontrar na cidade.

— Senti sua falta.

Luciane não reprimiu uma risada.

— Que lisonjeiro, milorde!

— Mas é a absoluta verdade! Posso sentar-me?

Ao sentar-se junto a Luciane, tomou-lhe o livro de sonetos das mãos.

— É uma romântica?

— O livro não é meu. — apressou-se em dizer.

— O que não responde minha pergunta.

Luciane deu de ombros.

— Nunca pensei que fosse.

— Mas agora tem dúvidas. — ele ergueu ligeiramente uma sobrancelha.

Ela não respondeu, apenas fitou suas próprias unhas.
Timothy deu uma risadinha e abriu o livro aleatoriamente.
— Ora! John Keats... — e leu o soneto.

Fosse eu imóvel como tu, astro fulgente!
Não suspenso da noite com uma luz deserta,
A contemplar, com a pálpebra imortal aberta,
— Monge da natureza, insone e paciente —
As águas móveis na missão sacerdotal
De abluir, rondando a terra, o humano litoral,
Ou vendo a nova máscara — caída leve
Sobre as montanhas sobre os pântanos — da neve,
Não! Mas firme e imutável sempre, a descansar
No seio que amadura de meu belo amor,
Para sentir, e sempre, o seu tranquilo arfar
Desperto, e sempre, numa inquietação-dulçor,
Para seu meio respirar ouvir em sorte,
E sempre assim viver, ou desmaiar na morte.

Luciane deu um pequeno suspiro quando ele terminou a leitura. A voz de lorde Tim era mesmo fascinante, e ele poderia ser um grande sucesso se fosse colocado sobre um púlpito, embora parecesse absurdo demais imaginá-lo como líder religioso. Ela sorriu diante da ideia.

— Luciane...

O murmúrio e um suave roce em seu pescoço a despertou de suas divagações, e voltou o rosto apenas para descobrir o do nobre quase a tocando.

— Estou apaixonado por você, Luciane.

Timothy inclinou-se sobre ela, pronto para beijar-lhe. Inclinando-se com ele, Luciane escorregou por baixo do corpo masculino e escapuliu dos braços que a tentavam segurar.

— Lorde Tim! Está louco?

Luciane pôs-se de pé, um pouco trêmula.

— Louco por você.

O visconde também ergueu-se. Bem acima dela. Sua altura era semelhante a de Christian. E se Christian estivesse ali agora...

Ela arregalou os olhos:

— Eu sou noiva!

A voz dele aumentou de tom: — Esse noivado não é real! Só existe por causa de um contrato!

— Esse noivado é bem real, sim!

Tim pegou-a pelos ombros:

— Não, não é! Sei que está assustada com a possibilidade de romper este compromisso e irritar seus pais, mas não pode deixar que sua vida seja definida por outras pessoas!

Ela soltou-se das mãos dele com brusquidão.

— Largue-me! O senhor não sabe nada sobre compromisso!

— Eu a desejo, Luciane! Sei que também não é indiferente a mim! Não pode ignorar isto!

Luciane manteve os olhos firmes nos dele.

— O senhor está confundindo tudo! Se alguma vez lhe dei a falsa impressão de estar interessada em algo a mais que sua amizade, peço-lhe

perdão! Talvez estivesse em algum momento encantada pelo charme que emana de alguém mais velho e experiente, e isto o tenha animado, mas não pense que tal admiração signifique que aceitaria ser tratada como faz com suas...

Luciane sacudiu a mão no ar, num gesto irritado.

— Jamais lhe pediria isto! — Timothy defendeu-se — Não entendeu nada, Luciane?

— Não me chame de Luciane! Nem diga mais nada! E nem chegue mais perto de mim! Eu sou noiva, noiva de Christian Cunningham!

Segurando a saia com as mãos, e deixando para trás o livro que trouxera, Luciane saiu correndo, sem dar chance ao nobre de falar algo mais.

Timothy não tentou segui-la.

Estava decepcionado. Viera cavalgando de Londres, ansioso por encontrar Luciane sozinha e poder declarar-se, e acabara metendo os pés pelas mãos, como se fosse um garotinho. Será que estava envolvendo-se com mulheres fáceis há tanto tempo que havia esquecido de lidar com as de família? Ela havia pensado que ele estava lhe propondo a função de amante!

Como podia ser tão estúpido? Por que tentara roubar um beijo da jovem antes que ela se acostumasse com a ideia de trocar o major, que fôra escolhido pelos pais dela, por ele? Claro que ela não aceitaria desobedecer sua família de imediato! Agora teria que esperar uma nova oportunidade para esclarecer as coisas entre eles. Que resultado desastroso!

DOZE

Não seria aquele tempo fechado que impediria Christian de visitar Luciane. Nem a ardência nas costas pela longa viagem que fizera. Ficara longe dela tempo demais. Felizmente já estavam em Londres novamente, e podia revê-la, então seguira para a Piccadilly, acelerado. Estava ansioso para contar-lhe seus planos de estabelecer-se definitivamente no Reino Unido, porém precisava esperar mais alguns dias até que todos os trâmites legais de suas novas funções fossem efetivamente assegurados. Não desejava causar-lhe nenhum tipo de aflição ou expectativa, não após a confusão sucessiva gerada pelo acidente de Tristan e pela partida abrupta de Suzanne. O clima já estava angustiante o suficiente.

Já estava bem próximo da casa dos Hogarth quando avistou Luciane dobrando a rua, com a dama de companhia Betsy ao seu lado. A chuva começou a cair neste instante.

Assistiu, com admiração, sua noiva parar de andar, e erguer o rosto para o céu. Ela abriu a boca, colocando a língua para fora, para sentir o gosto das gotas que caíam cada vez mais fortes.

Chris percebeu quando a criada deu um gritinho e puxou Luciane, para que corressem. Elas riam, e Lu fazia força para parar novamente, gostando de receber a água sobre o corpo. Tirou o chapéu, permitindo que os cabelos claros se soltassem e descessem cascadeando junto com a torrente que desabava do alto.

Foi em direção a ela sem perceber o qual rápido seguia, sem dar conta que de repente corria, faminto por tocá-la e dividir com ela aquele momento

mágico.

— Luciane!

Ela virou-se para ele, e o riso alegre que soltou o levou quase ao êxtase.

— Chris! Está chovendo muito!

Ele riu alto também, notando vagamente a criada passar por eles, correndo para casa.

— Eu percebi!

— Fazia tempo que não via chover tão forte! Não é maravilhoso?

Chris concordou com veemência, concordaria com tudo que ela dissesse.

— É incrível!

Luciane jogou-se em seus braços: — Senti sua falta!

O coração dele ia sair pela boca a qualquer momento.

— Sentiu mesmo? — Precisava gritar para ser ouvido acima da tempestade.

— Sim! Muita! — Ela também estava aos berros — Você já sentiu o gosto da chuva na língua?

Ele fez que não, mas, ato contínuo, ergueu a cabeça e abriu a boca.

Quase engasgou, e ambos riram ainda mais alto.

— Gostou? — Luciane ria de curvar-se.

— É muito bom! Mas seu gosto é melhor! — Christian abraçou-a forte, esquecendo de quanto estavam encharcados.

Luciane ofereceu os lábios para Chris, que não hesitou em tomá-los ali mesmo, no meio na rua, envoltos em um aguaceiro tão grande que

difícilmente poderiam ser vistos, ou distinguidos, com clareza.

As gargalhadas deles eram entremeadas por beijos apaixonados, até que o som do primeiro trovão os assustou.

— Você vai pegar um resfriado! — Chris exclamou.

Luciane riu mais uma vez.

— Eu não fico doente com facilidade!

— Não vou arriscar.

Rapidamente pegou-a no colo, subiu os degraus da casa dos Hogarth, e em pouco tempo estavam sendo cuidados e secos, sob o olhar preocupado da mãe de Luciane. A dama chamou os criados, e providenciou banho quente para ambos, colocando Christian em seguida sob cobertores no quarto de hóspedes. À porta, surpreendeu o major com um sorriso maternal e um comentário simpático: — Ah, crianças!

E para que ele não descobrisse que ela tinha um coração maior do que desejava aparentar, pigarreu e completou, em tom severo: — Descanse agora, que vou mandar que lhe sirvam um caldo quente. Avisarei seus pais que será nosso hóspede esta noite. Não permitirei que fique doente por causa de uma peraltice de juventude.

Christian agradeceu, sorrindo. Peraltice de juventude! Bem... levando em conta como suas calças claras haviam ficado enlameadas, ela poderia estar certa.

Já era tarde da noite quando ouviu as pequenas batidas, e a porta abriu-se devagar. Luciane entrou de mansinho no quarto de hóspedes, um castiçal iluminando seu rosto na penumbra.

Christian já estava sentado na cama ao ouvir o primeiro ruído na

NACIONAIS-ACHERON

entrada do quarto, ajeitando a bata de linho que haviam lhe dado para dormir.

— Chris? — Luciane chamou baixinho.

Ele adorava a suavidade com que “Chris” saía dos lábios dela.

— Estou acordado. — respondeu também em voz baixa.

— Só vim dar uma olhada em você, verificar se está bem com meus próprios olhos. Não me deixaram levantar da cama antes.

— Foi o mesmo comigo. Mas estou ótimo, e você, está bem?

— Sim, não pegamos chuva o suficiente para ficarmos doentes. — A mão livre de Luciane brincava com a maçaneta da porta.

— Aparentemente não. — ele sorriu.

Ela parecia meio constrangida agora.

— Bem, então... É só isso. Eu vou deixá-lo dormir agora.

— Espere!

O coração de Luciane batia muito rápido. Não devia ter vindo ao quarto de Christian. Ou devia?

— Sim?

— Não vai me dar um beijo de boa noite?

Luciane olhou para a porta, em dúvida.

— Eu não posso demorar.

— Eu sei. Eu queria ter ido até você antes, Luciane, buscar um beijo antes de dormir, mas temi bater na porta do quarto errado, ou que me vissem perambulando por aí, sem calças.

Luciane riu, e cobriu a boca rapidamente.

— Por favor, não se levante. Vou lhe dar seu beijo de boa noite.

Ela depositou o castiçal com a vela acesa na mesinha ao lado da porta

e aproximou-se devagar do leito onde Christian, apoiado com travesseiros nas costas, a observava com atenção.

Inclinou-se em direção ao noivo.

Christian a puxou para o leito num gesto súbito, enquanto Luciane soltava um gritinho que era misto de susto e diversão.

— Shhhh, barulhenta! — ele abafou sua risada com a própria boca, engolindo-lhe os sons.

O major ajeitou-se sobre amada, empurrando-lhe as pernas para se colocar entre elas, enquanto beijava-lhe a orelha.

— Só me deixe conferir se está febril...

Luciane conteve um riso nervoso quando Chris passou à outra orelha.

— Aqui está tudo bem.

Ele desceu a lateral do pescoço, provando-a com os lábios outra vez.

— Sem febre deste lado... Deixe ver do outro...

Luciane soltou um gemido quando Chris roçou-se nela com mais força, ao mesmo tempo em que a sugava de leve no pescoço, e seguia para o ombro.

— Hum... Parece morno aqui... — contornou um lado ao outro do ombro com beijos, enquanto abria com cuidado o robe de Luciane, abaixando o decote da camisola e deixando uma trilha úmida pelo caminho.

Luciane se contorceu por baixo dele.

Christian parecia levemente ofegante.

— Sente isto? Está mais quente...

— Aaaaaaah..

Ele mordiscou-lhe a garganta.

— Definitivamente quente.

Abriu um botão da camisola, seguido a outro, experimentando o sabor da pele de Luciane, com a língua, com os lábios, e enfim, com os dentes, até expor os seios dela para sua admiração.

— Acho que vai pegar fogo. — ele murmurou, antes de circundar o pequeno mamilo pontudo com a língua.

Luciane teve um espasmo, jogando os quadris com força contra os de Christian. Ele aproveitou para encaixar-se melhor, levando uma de suas mãos até o encontro das coxas da amada.

Chris capturou a aréola rosada, sugando-a com gentileza, à medida que seus dedos vasculhavam a parte de baixo do corpo feminino, fazendo-a tremer e balbuciar pequenas súplicas. Pressionavam-se um contra o outro, esfregando-se ansiosos, sentindo o suor brotar e suas respirações ficarem mais arquejantes.

— Quero tanto fazer amor com você... — Christian segredou-lhe ao ouvido — e só não farei agora por duas razões... Primeiro porque não quero que esta porta se abra mais tarde e sejamos pegos em ação por um de seus criados... E segundo, quando fizermos amor pela primeira vez, exijo que passemos a noite toda na mesma cama.

Christian havia se erguido sobre o corpo de Luciane, os braços esticados, apoiados na cama, a cada lado dela.

— Então poderemos ficar abraçados o quanto quisermos depois, ou poderemos fazer amor outra vez, se não lhe for doloroso. Ou apenas a acariciarei e a encherei de mimos até que seus sonhos possam permitir a minha entrada, então adormeceremos juntos, e despertaremos juntos, no dia seguinte.

Os olhos de Luciane brilhavam de emoção. Sacudiu a cabeça,
NACIONAIS-ACHERON

lentamente.

— Também quero isto.

O sorriso dele em resposta foi terno.

— Bom, muito bom.

Depois da confortável noite na casa dos Hogarth, e da maravilhosa presença de Luciane em sua cama na noite anterior - mesmo que por pouco tempo - Chris decidiu não discutir a visita que lorde Tim havia feito à família enquanto estavam no campo, e também não contou a ninguém que sabia do acontecido, pois um dos criados lhe passara a informação. Ao invés disto foi simpático e cordial ao desjejum, despediu-se de todos de forma educada, e seguiu direto para o clube de cavalheiros que o visconde mais gostava de frequentar, resolvido a acabar, de uma vez por todas, com aquilo que já considerava assédio.

O major subiu os degraus do clube de dois em dois, e foi atravessando as salas, já conhecidas, á procura de Timothy. Se ele não estivesse nesse, procuraria em outro, e se necessário, até na casa nobre. Torcia para encontrá-lo logo, enquanto sua fúria ainda estava latente.

Até que chegou à sala de bilhar. Finalmente! Shakman estava arrumando as bolas para o início de uma nova partida, sob o olhar de Lucio Quinn. Miles e Matt conversavam e riam a um canto, e Tim estava escolhendo um taco. Christian foi diretamente até ele.

Num movimento brusco e ágil derrubou o taco das mãos do visconde e o agarrou pelo colarinho, empurrando-o contra a parede e forçando o braço contra o pescoço dele, numa manobra que visava cortar a respiração do oponente. Os outros homens da sala imediatamente se aproximaram para

impedir a violência.

— Eu já não havia lhe avisado?

— Me largue! — rosnou Tim, jogando todo o peso do seu corpo contra Christian, e empurrando-o para longe.

— Afaste-se da minha noiva!

Christian saltou sobre Tim mais uma vez, com punhos fechados, socando-lhe o abdome várias vezes seguidas. Foi a vez de Tim empurrar o major, conseguindo segurá-lo pelo tempo suficiente para lhe acertar nas costelas com um cruzado de esquerda.

— Você é um egoísta!

— Deixe-a em paz, Tim!

Por alguns instantes se prenderam pelos braços, sacudindo-se em movimentos bruscos e agressivos, numa busca para sobrepor sua força à do outro, enquanto os amigos tentavam separá-los, sem sucesso.

— Deixa-a em paz você! Você nem a queria! Dê à moça a liberdade que merece!

Christian desvencilhou-se de Timothy, ainda mais furioso, e acertou um murro direto em seu rosto, fazendo-o cambalear e cobrir com uma das mãos o nariz que sangrava.

Com o corpo todo trêmulo viu Shakman e Miles acudirem o visconde, enquanto Matt punha a mão em seu ombro: — Basta disso, Christian!

Christian nem sequer olhou para o lado, encarando ainda o inimigo, vociferou: — Ela não é para você, seu canalha! Não é uma das desfrutáveis com que você se diverte e desfila por aí!

Timothy o encarou, ainda com a mão no nariz: — Acha que é isto que quero? Desfrutar da senhorita Luciane? Você é um estúpido!

Chris piscou.

— Você a tem cercado demais para ser apenas um sinal de amizade.

— Claro que não é amizade! Pelo menos você não é tão tapado assim, e enxergou isto.

Chris fez menção de bater em Tim novamente, mas Shakman pôs-se em seu caminho: — Chega! Acho que quebrou o nariz dele!

Timothy empurrou Shakman de sua frente.

— Não preciso de defensor!

Jogou-se sobre Christian, derrubando-o no chão, e trocando agora socos e pontapés, enquanto Miles corria a trancar a porta de acesso do salão do clube, e depois se juntava aos outros amigos pra separar a dupla de brigões.

— Liberte Luciane deste noivado idiota! Você nem gosta dela!

— Eu gosto, e isto não lhe importa!

Matthew e Miles seguravam o major, e Lucio e Shakman continham o visconde, quando este gritou: — Sim, importa! Importa porque eu gosto dela de verdade!

Christian, assim como os outros, estava perplexo.

— O que?

O visconde soltou o ar dos pulmões devagar, procurando controlar a respiração ofegante.

— Estou apaixonado por Luciane.

Chris apontou-lhe o dedo em riste, também ele arfando: — É senhorita Hogarth! E isto não importa, você estar “apaixonado”! Ela vai casar comigo, e não quero mais vê-lo perto dela, compreendeu?

Christian deu-lhe as costas, prestes a atravessar a porta que os isolara
NACIONAIS-ACHERON

dos curiosos do outro lado do Clube, quando Tim urrou: — Ela só vai casar com você porque seus pais a obrigaram! Ela nem o ama!

O major deu a volta lentamente, com olhos semicerrados: — Você não sabe de nada.

— Ela não o ama! Não o ama! — a voz de Timothy agora estava sibilante.

— Ela não ama a você. Aceite.

Ele respirou bem fundo antes de completar: — Não me obrigue a desafiá-lo para um duelo. Isto envergonharia minha noiva e a família dela.

O rosto de Timothy estava torcido numa careta, e o sangue do nariz havia deixado uma marca feia perto de sua boca.

— A última coisa que desejo é envergonhá-la ou magoá-la de algum modo.

— Então fique longe. Vá procurar uma moça que esteja livre, e que o queira de fato. Luciane já é minha.

Desta vez Timothy não retrucou, apenas observou Christian girar nos calcanhares e deixar a sala de bilhar.

TREZE

Christian ainda esfregava os nódulos dos dedos quando chegou em casa. A mãe assustou-se em vê-lo desganhado.

— Christian! O que aconteceu? Acidentou-se?

Ela o apalpou, do modo breve e investigativo que as mães fazem.

— Não. Eu tive apenas um... contratempo. — Christian desviou o olhar.

— Brigou de novo? Esqueceu-se que suas costas...

Christian bufou:

— Não esqueci, e não poderia nem se quisesse, o bastardo me jogou no chão e bati as costas com toda força.

Ele continuou andando pela casa.

— Christian!

— Perdoe-me o linguajar, mãe... Mas preciso tirar as roupas logo, parecem estar em chamas.

— Oh, Senhor! — a mãe gritou, seguindo atrás do filho enquanto ele se dirigia para seus aposentos.

— Fique calma, mãe. As feridas já estavam bem fechadas. — Christian puxou a mãe para um beijo na testa — Só deixe-me tirar toda esta roupa, sim?

Como Christian não aceitava a ajuda de nenhum criado para trocar-se, a mãe respondeu-lhe: — Deixe-me ajudá-lo desta vez, será mais rápido.

— Está bem. — ele aceitou, suspirando.

Enquanto a mãe o ajudava a tirar o sobretudo, casaco, colete, gravata, camisa, e as calças, Christian pensava sobre o que Timothy havia falado há pouco.

“Ela não o ama”

Ele poderia estar certo?

Luciane nunca havia dito que gostava dele, realmente. Certo, ele também nunca havia dito, e agora revelar a ela esta verdade se tornara um ponto delicado. E se ela não sentisse o mesmo? Seria muito desagradável, constrangedor até. E doloroso. Mais do que a ardência nas costas e o latejar do ombro ruim. Não duvidava que o coração doeria muito mais.

Fechou os olhos enquanto a mãe lhe aplicava um bálsamo nas costas. Se Luciane não o amasse, ele poderia mudar isto?

Após o jantar na casa dos Hogarth, àquela mesma noite, Christian e Luciane tiveram permissão para um pequeno passeio no jardim da residência.

Luciane aspirou o ar da noite. Naquele pedaço florido Londres parecia mais agradável e as sombras e odores da fuligem que montes de chaminés geravam não ficava tão evidente, o que a fez lembrar-se imediatamente do ar limpo do campo, a tranquilidade adquirida lá, a revelação acerca de seus sentimentos, e por fim a visita de lorde Timothy. Um aperto no coração a atacou. Christian precisava saber sobre o acontecido com o visconde, por mais que não quisesse contar. Temia acabar com a paz estabelecida desde que retornara de viagem. Mas se o seu major soubesse depois, não poderia ser pior?

— Preciso dizer-lhe que havia razão em seus cuidados quanto a lorde

Timothy.

Christian parou de caminhar. Colocou as mãos atrás das costas, para que pudesse uni-las e apertá-las à vontade, sem que Luciane visse. Ela também parou.

— Ele foi até a casa de sir Jackson. E encontrou-me sozinha, do lado de fora.

Christian cerrou os dentes. Até então não pensara o que exatamente havia acontecido no campo. Não achara que lorde Tim houvesse conseguido aproximar-se de fato de Luciane, mas agora ficava sabendo que estiveram a sós! Ah, pelo Criador, devia ter esmurrado mais aquele cretino.

— O que ele fez? Ele a tocou de modo indevido? Ele a beijou?

— Não, não! Acalme-se, Chris. — Luciane pendurou-se no pescoço de Christian e ele, involuntariamente, a abraçou.

— Se ele a tiver beijado, se tiver sido desrespeitoso, eu o matarei.

Luciane sabia que aquela era uma promessa que o major podia cumprir. Quantas baixas ele teria provocado em anos como soldado? Nunca perguntaria, pois não precisava saber, e se dependesse dela, nenhuma mais aconteceria.

— Não! Não diga isto! E não houve beijo algum, juro-lhe.

Christian fechou os olhos, e suas narinas inflaram com a respiração profunda que procurava usar para controlar os nervos. Luciane o observou acalmar-se até que suas pálpebras abriram e voltou a encará-la.

— Se houvesse, contar-me-ia?

— Oh, Christian... Não estou contando a você o que aconteceu? Por que duvidar de mim?

As mãos que envolviam o pescoço masculino escorregaram, mas

Christian não permitiu que a noiva se afastasse. Segurando-a rapidamente pelos braços, apressou-se em responder-lhe: — Perdoe-me, não duvido.

Luciane assentiu, mas a mágoa estava em seus olhos. E ela não queria mais fitá-lo.

— Por favor, Lu, olhe para mim...

— É melhor entrarmos, está esfriando.

Oh, sim, e isto podia ser levado ao pé da letra...

— Não, não permitirei que entre e logo se despeça aborrecida comigo.

— Não estou aborrecida, apenas triste. — finalmente os olhos claros ergueram-se para os dele.

— Lamento, Luciane. Mas para mim também é difícil. Imagine-se em meu lugar.

Ela titubeou. Então apertou os lábios e concordou, com mais veemência que antes.

— Claro, eu compreendo. Também não ficaria feliz no seu lugar.

— Compreende mesmo? — Chris moveu a cabeça, especulando.

— Sim.

Luciane já dava sinais de impaciência, então Christian riu.

— Está bem Vamos entrar, então.

Ofereceu-lhe o braço, e voltaram à casa, para despedirem-se pouco depois.

CATORZE

Estava uma manhã nublada quando Christian foi buscar Luciane para um passeio a cavalo em Hyde Park. Pela expressão dela os rumores sobre a briga envolvendo ele e Timothy haviam chegado aos seus ouvidos. Demorara... Afinal, três dias era muito para as fofoqueiras da sociedade. Miles até havia tentado conter os curiosos fechando a porta de acesso durante a contenda, mas era óbvio o que havia acontecido, diante da barulheira que fizeram, e do nariz machucado de Tim.

Lu esperou que já estivessem bem distantes dos cavaliços para então falar.

— As amigas da minha mãe contaram que você brigou com lorde Timothy.

Christian deu de ombros, segurando as rédeas de seu cavalo com tranquilidade. Brigar não seria a melhor palavra... Ele havia socado lorde Timothy, isto sim. E socaria de novo, e de novo, e de novo.

— Não vai dizer nada, Christian?

— Deveria?

— Eu estou arrependida de ter lhe contado sobre a visita do visconde de Alvoy.

Christian olhou-a de cara feia.

— Arrependida?

— Se eu não lhe contasse, não teria brigado com ele.

Christian soltou um bufo barulhento.

— Não seja boba. Eu já o havia acertado quando me contou o fato.

Luciane arregalou os olhos, e puxou as rédeas de seu cavalo, para que estacasse.

— Como? Por quê?

Christian fez seu animal voltar para o lado de Luciane e também parou.

— Fiquei sabendo que ele a havia seguido, e fui dizer-lhe para manter-se longe.

— Então já sabia quando lhe contei?

— Sim.

As sobrancelhas de Luciane uniram-se.

— Por que não me disse que sabia? Parecia ter ficado indignado na hora... Fingiu isto?

— Eu não sabia que ele havia conseguido um momento a sós com você.

— Mas sabia que ele me seguira até o campo? — a voz de Luciane soou um pouco aguda.

— Eu disse que sim.

— Espere... Você não me contou que sabia da visita, e também não contou da briga... porque não quis?

— Eu achei melhor assim...

Mas ele não concluiu a frase, pois sua noiva o deixara falando sozinho, pondo seu cavalo a trote rápido.

— Luciane! — Christian gritou, irritado.

Por que ela estava reagindo deste modo? Ele não havia comentado

sobre a briga apenas para não gerar mais uma, oras! Será que Luciane não podia ver a lógica disto? Ou será que estava aborrecida porque o nariz de Timothy fôra partido? Será que ela considerava que Christian havia estragado o rosto de Flanagan, e por isto estava com raiva? Será que ela achava o lorde mais bonito que ele? Será que estava ressentida porque o outro fôra atingido? Será?... Ah, eram muitos “será?” para seu gosto.

Esfregou o rosto com a mão direita, procurando afastar as ideias que surgiam em sua cabeça ciumenta, enquanto dava rédeas a seu cavalo com a esquerda. Não devia pensar nestas coisas. Nem devia ficar enciumado.

— Segure as rédeas com as duas mãos!

Christian surpreendeu-se com a voz de fúria de Luciane, que já estava aproximando-se dele novamente.

— Você esqueceu o que aconteceu com Tristan?

O major quase riu.

— Eu cavalgo a mais tempo que possa imaginar, e já cavalguei algumas vezes sem nem mesmo colocar as mãos nas rédeas.

— Porque é um imprudente!

Ela estava mesmo furiosa.

E desta vez, disparou o cavalo para longe. Christian a seguiu, sentindo-se contagiar pelo humor de sua prometida.

— Se cair do cavalo, senhorita Hogarth, ainda vou lhe dar umas palmadas no traseiro dolorido! — ele berrou, indiferente às pessoas que cavalgavam em volta.

Ela olhou para trás, com semblante fechado, e Chris conseguiu ler seus lábios de forma bem clara: “estúpido”.

Chris semicerrou os olhos e um sorriso diabólico surgiu em sua boca

quando pôs sua montaria em disparada atrás de Luciane. Ela não poderia correr mais que ele, que possuía a vantagem de cavalgar um puro sangue, presente de seu tio duque. Além disso, ela, como qualquer outra dama, montava de lado, o que diminuía sua vantagem. Se ela montasse escarranchada... O pensamento dele viajou. Imaginou sua noivinha nua e escarranchada... montada nele. Com uma cama macia de apoio para seus movimentos. O sorriso sumiu, e ele assoprou alto o ar dos pulmões.

Quando estava virando uma das alamedas, diminuiu seu ritmo. Luciane havia parado o galope e conversava com duas amigas. Ao vê-lo acenou freneticamente, já sorrindo: — Tristan está mostrando sinais de melhora! Oh, Juliet deve estar tão feliz e aliviada! — os olhos cor de âmbar reluziam de emoção.

Christian sorriu, feliz por seu amigo, e também um pouco por si mesmo. A raiva de Luciane havia passado, pelo menos por enquanto.

Somente quando estavam retornando ao lar dos Hogarth, Luciane avisou-lhe que a mãe previa que muito rapidamente os rumores sobre as razões para a briga entre os dois cavalheiros no clube acabariam por envolver alguma dama. A 1ª a ser lembrada seria Suzanne, prima de Christian, a quem ele defenderia a honra por razões fraternas, mas estando ela em viagem, seria logo descartada. Então os burburinhos recairiam sobre Luciane. Para que fosse poupada das especulações, a família aceitou viajar para o campo outra vez, para a casa de outros amigos. Com isto o casal ficaria separado por mais alguns dias.

Longe de Luciane, novamente? Eles já haviam perdido tempo demais esses anos, e agora, num período tão curto de tempo, separariam-se de novo? O major estava sendo duramente punido. Maldito Timothy, a culpa era dele!

Lady Letitia providenciou um convite para Christian também. Se para que ele pudesse usufruir de mais tempo com Luciane, ou apenas para que se mantivesse longe de mais um embate com lorde Tim, o major nunca soube. E também não lhe interessava saber. Bastava que neste momento estivesse bem assentado ao lado da noiva, na carruagem dos Hogarth, com destino à festa de lady Portia.

No quinto dia todos os convidados foram surpreendidos por súbita mudança de clima e uma grande tempestade quando faziam piquenique em área aberta, distante da casa principal. Mesmo se acomodando em carruagens e voltando apressadamente, a maioria das pessoas chegou à residência ensopada e tremendo de frio.

No sexto dia do evento vários convivas estavam acamados, por conta de uma forte gripe. Edward Hogarth era um deles. Mas a coisa piorou quando, dois dias depois, metade dos comensais já adoecera, e o restante ou partia às pressas para evitar o contágio, ou era obrigado a cuidar de algum parente enfermo, visto que os criados também estavam sendo acometidos pela febre virulenta que se espalhava com rapidez.

A casa estava caótica, e mesmo Christian tomando as rédeas da situação nas mãos, já que a anfitriã, estava desorientada, e aceitando alegremente todas as sugestões, não havia muito o que ser feito para se manter a ordem. Algumas especificações para os criados ainda ativos, e um pouco de firmeza com as senhoras mais histéricas foi o que se pôde providenciar para que o ambiente não ficasse ainda mais tenso.

Logo a mãe de Luciane acabou adoecendo também.

— Mamãe teve uma crise de choro — contou Luciane, sentada num dos sofás desconfortáveis e pouco práticos que compunham o mobiliário da casa de lady Portia — me surpreendeu que fosse por não poder mais tratar de

papai estando doente, e não por si mesma. Sempre me pareceu haver tão pouco amor entre eles, principalmente da parte dela, que por alguns segundos perguntei-me se aquilo não seria fingimento... Mas então lembrei-me que lady Letty nunca gostou de platéia, e não seria justamente a mim que desejaria entreter numa cena dramática.

Luciane olhava para as janelas, onde o entardecer caía lentamente, escurecendo o céu claro.

Christian, sentado em uma poltrona, assentiu, apenas escutando o que a noiva, aparentemente exausta, relatava.

— Não é a primeira vez que a doença assola o meu pai. Diferente de mim, ele tem saúde frágil, além de bastante idade, como percebe-se. Ele tem quase 20 anos a mais que minha mãe...

Luciane suspirou, e acomodou-se melhor, baixando o tom de voz, e ainda olhando para a janela, como se estivesse falando sozinha.

— Faz alguns anos ficou seriamente enfermo. Achou mesmo que ia morrer. Minha irmã mais velha havia acabado de se casar e partira para os Estados Unidos. Hoje penso que talvez o seu mal houvesse surgido a partir daí, da decepção que Mary havia lhe causado, deixando-se envolver por um homem de quem meu pai não gostava, e provocando uma situação que forçou a um matrimônio apressado. — ela deu de ombros — Obviamente tal ponto jamais poderia ser elucidado, já que as partes envolvidas, minha família, evitariam falar sobre isto tanto quanto evitariam a peste, se pudessem. Oh... O que eu dizia? Ah, sim, meu pai ficou muito doente. Não recordo-me de muitos detalhes da época, mas imagino, pela demonstração de hoje, o pânico que atacou minha mãe. Se papai teve acesso a uma parte que fosse daquela crise de choro, acreditaria mesmo que sua morte estava próxima.

Luciane sorriu e ficou em silêncio reflexivo por algum tempo. Depois

continuou: — Com isto surgiu a preocupação sobre como ficaria sua família quando ele não mais existisse... Ora, a senhora Letitia poderia sobreviver com uma pensão de viúva, quem sabe até partir para a América a fim de viver com a outra filha... mas e quanto à mais moça, Luciane? A pobre menina sem-graça, de poucos atrativos e poucas palavras, que ainda por cima tinha um dote ridiculamente baixo?

Christian ajeitou-se no assento, prestes a protestar sobre a última frase dita.

Luciane não deu-lhe chance, e prosseguiu: — Ele decidiu então garantir meu futuro e tranquilizar sua consciência, garantindo também um aumento de verba para sua viúva, vendendo-me a quem quisesse comprar uma noiva, por um preço razoável, evidentemente.

— Luciane...

— Então fui comprada por um homem de família respeitável, e dada de presente à seu filho mais jovem. Que desdenhou deste presente.

Christian engoliu com dificuldade. Aquela divagação de Luciane estava tomando um rumo inesperado e desagradável.

— Você não tem ideia do que passa pela cabeça de uma menina quando ela escuta pelas frestas das portas o rumo que está sendo tomado para sua vida... Meu destino foi sendo traçado sem que eu pudesse dizer um ai sobre ele. — novamente ela sorriu, e era o sorriso mais triste que o major já presenciara — A ironia disto tudo era que eu estava apaixonada pelo rapaz a quem havia sido dada. Ele não sabia, isto é óbvio, como poderia sequer imaginava que uma coisinha insignificante e sem cor pudesse gostar dele? Ainda mais quando sua própria existência se abria em um espetáculo de cores, brilho, alegrias e emoções? Não, certamente não poderia imaginar... Eu compreendo isto agora. Se eu pudesse, também teria aproveitado tudo o que

minha vida me permitisse ter... Viajaria, experimentaria coisas novas, fossem elas profissões, ou pessoas.

— Oh, Luciane... — Christian havia escorregado de seu lugar para ficar de joelhos aos pés do sofá, onde Lu continuava sentada, sem encará-lo.

— Entendi assim que eu era um acordo a ser cumprido em algum momento, e pronto. Não era nada pessoal. Então eu não necessitaria fazer grandes planos, nem ter sonhos, muito menos reservar economias para viagens a lugares aos quais nunca poderia visitar como solteira, e que certamente seriam pouco indicadas ou práticas para uma senhora casada... Por que uma mulher casada precisaria conhecer a França? Ou a Itália? Para adquirir conhecimento? Cultura? Para que? Isto seria uma perda de tempo! Também não necessitaria armazenar afeto. Seria perder mais tempo ainda. Mas... neste momento... Lamento não ter planos. Lamento não ter reservas financeiras. Porque aprendi a ser realista o suficiente para compreender que uma febre virulenta pode fazer grandes estragos, e que talvez eu deixe esta casa órfã. E eu não tenho nada a não ser uma casa que provavelmente está cheia de dívidas.

— Luciane, por favor, olhe-me... E escute-me! Você tem a mim, Luciane, a mim!

Ele pegou as mãos da noiva nas suas, e sacudiu-as ligeiramente, para que chamasse sua atenção. Finalmente Luciane voltou o rosto para ele: — Eu tenho?

— Sim, é claro que tem! Luciane, não sei se esta é a hora propícia para dizer-lhe o que venho guardando faz tempo, mas diante dos pensamentos sombrios que tomam sua cabeça, devo falar-lhe. Eu...

— Senhorita Hogarth! — sua mãe a está chamando.

Uma criada estava parada á porta, aguardando.

Luciane levantou-se rapidamente. Olhou brevemente o noivo antes de seguir a criada: — Preciso ir. Falamos depois.

Christian concordou com veemência: — Vá e fique tranquila. Eu cuidarei de seu pai e me empenharei em sua melhora.

Luciane já estava perto da escada quando Christian a chamou e avisou-lhe em voz alta: — Não deixarei que fique órfã tão cedo, Luciane.

Ela devolveu-lhe um sorriso trêmulo.

A viagem estendeu-se bem mais do que qualquer um poderia imaginar, mas no fim de duas semanas todos os enfermos já haviam se restabelecido e começavam a retornar para seus lares. Luciane e Christian haviam cuidado não só do casal Hogarth, mas também se revezado em ajudar outros doentes até que cada um deles começasse a dar sinais de melhora.

Retornavam para suas casas extremamente cansados, porém bem vivos. E como não houvera tempo para conversas amenas, Chris e Lu voltaram para Londres sem que sua conversa fosse concluída.

E na cidade todos os boatos sobre a briga entre o major de Sua Majestade e o visconde influente entre seus pares foram substituídos pelas notícias sobre o noivado do marquês de Brighton e Suzanne Cunningham, a filha única de um famoso botânico inglês.

QUINZE

O pai de Timothy estava morto.

Por mais que os médicos lhe houvessem avisado que o fim estava próximo, por mais que se sentisse preparado para aceitar o falecimento do pai, aquilo ainda parecia irreal.

Seu pai não havia sido o mais amoroso dos pais, mas era muito mais próximo dele do que a maioria dos pais que a sociedade londrina abarcava. Fôra um homem afável, bem humorado, muito ciente de suas obrigações para com seus dependentes, fossem eles familiares ou não. Havia sido um bom companheiro para o filho, ensinando-lhe a cavalgar, pescar, e caçar, sem delegar estes ensinamentos a algum mestre ou professor. Havia sido o próprio pai que lhe falara a primeira vez sobre as mulheres, como poderia sim usufruir do prazer de estar com elas, mas sem desrespeitá-las, mesmo aquelas que ganhavam a vida vendendo favores sexuais. Tim recebera todas as aulas dadas com atenção, e nunca esquecera delas.

Então, mais do que a um pai, perdera um amigo. A desolação advinda disso era imensa. E a solidão... Parecia abraçá-lo com força, mais do que nunca. Olhando a volta, sentia-se pior. Seu melhor amigo estava para casar-se, sua madrasta iria partir definitivamente para o campo com as filhas, suas irmãzinhas pequenas. O que prendia Timothy? Ou melhor, o que mantinha Timothy? Afora os títulos e a riqueza material, nada havia a mais para ele.

Nada, a não ser Luciane Hogarth.

Era a única mulher que fizera seu coração balançar realmente. Já estava atraído por ela havia bastante tempo, o que o deixava no mesmo

NACIONAIS-ACHERON

patamar que a maioria dos cavalheiros frequentadores da boa sociedade londrina. Justamente por esta razão, pela popularidade da moça, não dera atenção à atração que sentira, e muito menos a deixara ganhar espaço, já que sabia que Luciane estava prometida a outro.

Um amigo seu. Christian Cunningham.

Timothy nunca fôra homem de se meter com mulheres compromissadas, e se este compromisso fosse com algum conhecido, aí que qualquer intenção de sedução estaria completamente descartada. Mas algo havia mudado dentro dele após um tempo extra ao lado daquela jovem de beleza loura e carisma admirável. E como não acreditava que Christian, o noivo, estivesse comprometido de coração com a ideia de casar-se, começou ele mesmo a acalentar o sonho de tornar-se o esposo da senhorita Hogarth. E agora estava decido a tornar este sonho real. Ela o aceitaria, decerto. Lembrava-se muito bem dos olhares de admiração que ela lhe lançara quando se conheceram na temporada anterior, e o quanto ficavam bem juntos, fosse conversando ou apenas dançando... Teria que se responsabilizar pela quebra de acordo com a família Cunningham, pagar todas as despesas e multas contratuais advindas disso, e beneficiar a família Hogarth com uma contrapartida financeiramente satisfatória. Mas isto parecia pouco diante do prêmio que levaria para casa, para aquecer sua cama e lhe presentear com belos filhos. Seria perfeito!

Decidido, foi procurar o marquês de Brighton para dar-lhe as boas novas. Encontrou-o no clube de esgrima e logo estavam sentados, servindo-se de um bom uísque. Tim avisou a Robert, sem preâmbulos: — Também vou me casar.

Robert surpreendeu-se.

— Vai?

— Depois do que aconteceu com Tristan e Juliet... E com você e Suzanne, compreendi o quanto é importante valorizar a mulher certa quando ela aparece. Não vou esperar mais, e nem desperdiçar mais tempo. Não deixarei a chance de casar com uma dama como Luciane passar em branco.

Os olhos azuis do marquês se abriram com ainda mais espanto.

— Tim, já falamos sobre isto. Ela é noiva!

— Robbie, é só um noivado arranjado.

— Foi... Mas agora... Já viu como ela olha para ele quando pensa que ninguém a está observando?

Tim sacudiu a cabeça, franzindo as sobrancelhas.

— O que está dizendo, Robert?

— Meu amigo... Luciane ama o noivo. — respondeu Robbie, um pouco triste pelo outro.

— Não, não ama! Ela está iludida, enredada pela figura que ele é, o que representa! Ora, um herói de guerra, com boa aparência, um homem experiente e viajado... Qualquer moça ficaria...

— Um libertino redimido. — interrompeu o marquês.

— Eu também posso ser!

Robert soltou o ar dos pulmões sonoramente.

— Christian ama Luciane de igual modo. E não esconde isto. É claro como água.

— Cale-se! Você não sabe nada! Eu também amo Luciane, e ela me conhece há muito mais tempo! Eu serei o escolhido, eu serei o marido amado e respeitado por ela! Este lugar é meu, e não de um homem que nem a conhecia ou se importava com ela até pouco tempo! Você verá!

Timothy levantou-se como um furacão, mas mesmo enquanto saía,
NACIONAIS-ACHERON

cheio de fúria e decisão, não estava mais tão certo quanto à sua vitória. O que teria que fazer para certificar-se que Luciane casaria com ele?

Os dois lordes também não perceberam que Fallentin havia escutado uma parte da conversa e saíra apressadamente para contá-la ao major Cunningham.

DEZESSEIS

— Então é assim. Tim vai tentar tirar-me Luciane.

Christian havia perdido a cor. Mas seus olhos reluziam em fagulhas que deixavam Matt bastante impressionado.

— Sim. E acho justo você saber para que vá agora mesmo assegurar seu direito junto aos Hogarth. Eles não podem pensar que trocar um contrato de matrimônio por outro será simples. Mostre-lhes que isto não será fácil, e que fará um escândalo de grandes proporções se quebrarem o acordo firmado anteriormente.

Christian não conseguia prestar atenção em mais nada. Saber que um conde pediria Luciane em casamento o assustava não tanto pelo dinheiro envolvido no negócio, mas porque havia uma possibilidade da noiva querer trocá-lo simplesmente por achar que Timothy a amava, e ele não. Afinal não tivera a chance de declarar-se, tivera? Mas o maldito “par do reino” estava disposto a gritar seu amor para Lu, seus pais, e para toda a sociedade, desafiando costumes e causando furor com sua decisão.

— Chris, está me ouvindo?

Christian sacudiu a cabeça lentamente.

— Matt... Luciane não é mais uma obrigação para mim...

Matthew anuiu, compreensivo.

— Nesse caso então pode ser que precise fazê-la perceber que é o homem certo para ela, usando algum outro método, mais convincente do que apenas tentar usar a lógica e uma boa conversa. Desse modo, mesmo sabendo

que não é um nobre coberto de riquezas, não poderá, digo, não quererá escapar-lhe. Será levada a confiar em você.

Christian olhava ao amigo com atenção.

— Entenda, senhoritas muito jovens... Às vezes um pouco imaturas em relação à vida... nem sempre conseguem enxergar as coisas como são, ou o que é o melhor para elas...

— E nós somos homens maduros... e devemos ajudá-las a ver o que é inevitável.

— O óbvio pode ficar claro para algumas pessoas apenas quando há a orientação certa. — Matt completou, com os olhos brilhando.

— E então se faz necessário um bom orientador...

— Exatamente.

— Talvez Timothy deseje fazer o mesmo.

Matthew Fallentin concordou, com um grande sorriso: — Desse modo fica a questão: quem será o mais rápido em colocar isto em prática?

DEZESSETE

Luciane estava colhendo flores em seu jardim quando escutou um estalar de galhos e virou-se rapidamente. Não veloz o suficiente para gritar antes que lhe cobrissem a boca e pusessem um capuz sobre sua cabeça. A senhorita Hogarth foi posta dentro de uma carruagem fechada e escura sem conseguir emitir nenhum pedido de socorro.

Já sacolejava dentro da carruagem por tempo demais. Havia desistido de se debater após seu captor amarrar-lhe as mãos às costas e lhe avisar que deveria ficar quieta, pois nada de mal iria lhe acontecer. Receosa de ter seu corpo totalmente atado, e consolada por perceber um tom levemente familiar na voz masculina, aquietou-se. Talvez quem a houvesse sequestrado fosse um antigo criado precisando de dinheiro desesperadamente, e desejoso de pedir um resgate por sua volta. Neste caso mal nenhum realmente lhe seria feito. Só esperava que o sequestrador, ou os sequestradores, já que havia alguém guiando a carruagem e outra pessoa sentada ao lado dela, não fossem acometidos de grandes ambições, senão seu pai precisaria tomar um empréstimo para poder pagar o resgate. Mesmo assim começara a rezar logo que se recostara no assento.

Já deviam estar viajando por horas quando seu capuz foi parcialmente levantado e a mordaça retirada para que bebesse água. Luciane gostaria de ser orgulhosa o suficiente para cuspir a água fora, ou apenas trincar os dentes em revolta, mas o ressecamento em sua boca e garganta não lhe permitiram

nenhum tipo de vaidade. Sorveu até o último gole. Seu algoz avisou-lhe que não precisaria ficar amordaçada, contanto que promettesse não gritar. Era muito tentador aceitar e manter-se bem comportada, como se estivesse na sala de visitas de alguma casa elegante, mas seria exigir demais dela, não seria? A resposta dada foi um grito que ela desejava ser tão ensurdecador quanto lhe pareceu ao sair de sua goela, o mais próximo que pôde da orelha do sequestrador.

Não foi mera impressão o tremor que percebeu ao seu lado, no banco. E o “Deus” pronunciado num balbucio meio estrangulado confirmou que seu grito fôra realmente sensacional. O palavrão resmungado em seguida, junto com o retorno à mordida sobre sua boca, vieram como castigo e consequência de sua insubordinação. Mas Luciane não se incomodou. E nem tentou ocultar as risadas que escapuliam engasgadas pelo tecido.

Adormecera. Por quanto tempo? Moveu-se com cuidado, esperando encontrar os braços doloridos. Percebeu que já não estava mais com as mãos atadas às costas, e sim à frente de seu corpo. E atrás dela... Céus, estava mesmo esparramada sobre o corpo de seu captor? Mexeu-se rápido, e ouviu um gemido. Não estava só esparramada sobre ele, mas em seu colo!

O homem tentou segurá-la, ou puxá-la de volta, Luciane não saberia dizer. Debateu-se, assustada. Então a voz gutural fez-se ouvir novamente, parecendo ainda mais enrouquecida, pedindo-lhe calma. Ele estava dormindo também? Ou o que?

Afinal o que estava acontecendo? Quem a estava sequestrando? Corria risco de ser molestada?

A senhorita Hogarth afastou-se o mais que pôde naquele parco

espaço. Colou sua testa ao que imaginara ser a lateral do veículo e lá ficou até que finalmente as rodas pararam e o cocheiro avisou-lhes que haviam chegado. Neste momento já conseguira parar de chorar.

DEZOITO

Agora Luciane estava sendo carregada no colo. Percebia que seu raptor subia um lance de escadas. Uma porta pareceu ser aberta, e então ela foi depositada em algo macio. Um colchão? Seu coração estava disparado. O que aconteceria agora? Seria mantida cativa? Ou seria atacada?

O colchão cedeu com um peso extra. O homem sentara ao seu lado. Luciane encolheu-se.

— Está tudo bem. Chegamos, e vou desamarrá-la. Fique tranquila.

Ela empertigou-se. Aquela voz! Agora ele falava sem subterfúgios... Não podia ser! Oh, sim, claro que podia, estava acontecendo neste momento. Será que ele considerava o que fizera um tipo de brincadeira? Alguma espécie de jogo de pega-pega?

Luciane já não estava com apenas o coração aos pulos. Seu corpo todo parecia tremer.

O homem terminou de desamarrá-la, e retirou seu capuz, enquanto a encarava ao soltar-lhe o pano da boca.

Ela o fitava com a boca apertada como se tentando conter a profusão de impropérios que pareciam prestes a escapar-lhe. Mas enfim a voz ergueu-se, num tom cuspido, quase que como a proferir um insulto: — Christian!

Ele tinha a expressão cansada. E um ar muito culpado.

— Christian Cunningham, isto é algum tipo de brincadeira? Considera o que fez engraçado?

— Não, não é uma brincadeira. Lu, você precisa entender...

— Você enlouqueceu?

— Não, ouça-me... Nós precisávamos conversar e então...

Luciane não permitia ao noivo falar: — Então você achou que este seria o melhor modo de fazer isto?

— Eu a trouxe apenas por que...

Ela ergueu-se, estava de fato numa cama, dentro de um quarto. Apontou um dedo para Chris: — Porque acha que você pode ditar ordens, mandos e desmandos, sem consultar ninguém, como um general! Não pode fazer isto! Você não está num campo de batalha! Sabe como eu me senti?

Christian também levantou-se, seguindo em direção à noiva.

— Lamento. Mas acontece que eu...

— Eu o que? — ela rosnou.

Ele estacou.

Não parecia estar conseguindo comunicar-se com Luciane.

Pensava que poderia explicar à ela todas as razões para terem chegado até aquele ponto, e confiava que a noiva, sempre tão comunicativa e aberta, o escutaria. O entenderia.

Hoh, hoh... Estava enganado. Ela nem o estava ouvindo. E o olhar meigo de sempre havia se transformado num poço de ira. Mesmo assim Christian tentou falar mais uma vez.

— Luciane, acontece que Lorde Tim... Ele...

— Como é?

Agora Luciane vinha na direção dele, e esticou os braços para frente. Hum... Isto não era bom.

Christian seguiu em direção à porta enquanto ela esbravejava: — Lorde Tim? Foi por isto, então? Para me afastar de lorde Tim? Ora, seu...

Chris saiu e fechou a porta rapidamente, passando a chave por fora.

— Christian, abra já esta porta!

— Voltarei quando estiver mais calma.

Enquanto descia a escada, ainda escutava os gritos dela, e mesmo uns xingamentos. Luciane sabia algumas palavras feias que ele só escutara quando já estava no exército!

Não iria abrir a porta sem avisar. Da última vez que fizera isto quase recebera os cacos de uma jarra lançada furiosamente contra o batente. Christian respirou fundo e avisou: — Eu trouxe a sua comida. De novo.

— Eu não estou com fome.

Chris suspirou.

— Precisa comer.

— Eu vou dizer o que você pode fazer com esta comida.

— Milady, cuidado com a língua. Minha paciência pode acabar em breve.

— A minha já acabou faz tempo!

Christian suspirou. Ela não tinha aceito o almoço, o chá da tarde, e agora não aceitava o jantar... levando em conta o tempo de viagem em que também não comera, já estava tempo demais sem nada no estômago. Não era bom. E se fosse como ele, a fome aumentaria seu mau humor e irritação, afastando ainda mais a chance de conversarem de modo civilizado. Se ela não estava sendo sensata, caberia a ele ser, e resolver este ponto.

— Luciane, escute-me. Está sem comer a muito tempo. Por favor, dê-me uma trégua e se alimente.

Ele pôde escutá-la respirando fundo algumas vezes, tentando controlar o mau gênio.

— Eu não estou com o menor apetite. — Luciane respondeu, em voz razoavelmente moderada — O que você fez foi demais para mim, major.

Major... Ela o chamara de major. Não Chris, e nem Christian... E não era em tom de brincadeira, como fazia algumas vezes. Era um modo de colocar distância entre eles.

Colocá-lo em seu devido lugar, pensou, com ironia, lembrando-se que havia procurado impor a mesma coisa entre a noiva e lorde Tim. Porque seu lugar não era no coração de Luciane, agora estava cada vez mais certo disso. Seus olhos começaram a arder. Era isto, então? Cometera toda aquela loucura numa esperança vã, num ato de desespero... e havia cometido assim o maior dos erros?

Christian podia ouvir através da porta os passos pesados de Luciane no assoalho velho de madeira. Ela parecia ir e vir pelo quarto, talvez andando em círculos, como já vira uma fera enjaulada fazer. Ficara penalizado pelo animal preso e gostaria de tê-lo soltado, mas não tinha poderes para isto. No entanto tinha o poder de libertar Luciane, e por Deus, se isto era o que ela queria, o que desejava, então ele o faria. Não ficaria assistindo a infelicidade e o sofrimento da mulher que amava. Muito menos se a culpa disso fosse dele. Buscou fôlego dentro de si para dizer tudo o que era preciso. E começou: — Eu sei... Eu não devia tê-la sequestrado... eu... eu não estava pensando direito.

Isto fez Luciane parar. Chris não estava pensando direito? O major? O herói condecorado, célebre pela arte do planejamento e estratégia?

— Por quê? — perguntou baixinho. Mas ele a escutou.

Ele a escutou porque estava com o ouvido colado à porta.

Luciane encostou as duas mãos na madeira, e logo também o ouviu. Estavam separados apenas pela velha tábua de carvalho.

— Conte-me. — ela pediu.

Christian apoiou-se no seu lado da porta, a testa de encontro à madeira.

— Foi uma atitude desesperada, Luciane.

— Mas... Por quê?

— Porque... — a vergonha lhe atingia. Teria que assumir seus temores, inseguranças... teria que assumir suas fraquezas.

— Por favor, continue.

— Eu soube que... Eu soube que lorde Timothy iria pedi-la em casamento.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo.

— Eu não pude suportar a ideia de perder você. — a voz dele saiu pouco mais que um murmúrio.

Agora era Luciane quem encostava a testa à porta.

Novamente o silêncio fez-se entre eles.

— Abra a porta, Christian. — ela pediu.

Christian girou a chave, e abriu a porta. Seus olhos estavam úmidos, e seu rosto, abatido. E mesmo sob a tez bronzeada podia notar placas de rubor.

— Me perdoe. Eu sei que posso ter estragado suas chances de felicidade com lorde Tim, mas... Eu prometo que farei tudo ao meu alcance para consertar meu erro. Falarei com ele, explicarei que tudo aconteceu à sua revelia e contra seus desejos, esclarecerei que nada fizemos de imoral e que você continua tão virgem como antes. Creio firmemente que fazendo isto ele a aceitará como esposa. É um homem que está a frente do seu tempo e não se importará com qualquer maledicência que logo se dispersará quando você virar condessa. Só lhe peço... Não, eu suplico, que me dê em troca o seu

perdão. Sei que não me será mais permitido manter nossa amizade, e isto já me trará infelicidade o bastante, mas ser alvo de seu rancor... Não poderia suportar isto.

Luciane cobriu a boca de Christian com as pontas dos dedos: — Pare.

— Mas...

Ela apertou os dedos sobre os lábios do major, forçando-o calar-se.

— Pare de falar.

Ele assentiu, os olhos arregalados pareciam de uma criança perdida. Luciane nunca o vira daquele jeito.

Portanto, falou com ele muito suavemente: — Christian, eu não quero me casar com lorde Timothy. Não tem porque falar com ele.

Os olhos de Christian pareceram abrir ainda mais, e então voltarem ao tamanho normal, clarearem, e finalmente se inundarem.

— Agora que isto está bem claro, me diga por que me raptou e me levou de Londres. — recolheu os dedos, liberando a boca de Christian para que ele respondesse.

— Eu lhe disse... Foi por causa do...

— Não — ela cortou-o — não é esta a resposta certa.

Christian engoliu em seco.

— Porque a amo. Você é meu Sol, Lu. Minha vida não era nada até que surgisse no meu caminho. A força que você tem, a grandiosidade que traz consigo... Eu não conseguia conceber a ideia de perder você, de deixá-la sair do mundo que havia criado com sua presença. Como eu poderia? Seria como perder o ar.

Luciane abriu a boca devagar. Seu lábios tremeram, enquanto seu olhar se enchia de lágrimas. Com um movimento súbito, quase um salto,

agarrou-se a Christian, abraçando-o com força e puxando-o para dentro do quarto. Então ela mesma trancou a porta, prendendo os dois do lado de dentro.

DEZENOVE

Christian não saberia dizer quem despira quem, mas sabia que estavam quase nus na cama, que Luciane estava sob seu corpo, e que ele a beijava sem parar. Cessou os beijos e ficou admirando o rosto tão amado. Ela era tão maravilhosa, tão perfeita... E o havia escolhido!

Luciane o encarava com os olhos brilhantes. Suavemente passou a mão em seu rosto: — Sua barba está crescendo de novo.

— Devia ter feito ontem... — ele sorriu.

— Mas então estávamos sacolejando em alguma estrada...

A expressão de Christian era de quem ainda estava envergonhado: —
Algun dia me perdoará?

Luciane fez uma careta, e revirou os olhos: — Hum... Vou pensar.

Christian deu uma risada que sacudiu a ambos na cama.

— Milady... Não me aflija demais.

— Tentarei... E afinal, estamos aonde?

— Numa casa dos Fallentin, em Yorkshire.

Luciane arregalou os olhos.

— Matthew Fallentin foi seu comparsa?

— Eu precisava de um cocheiro!

Foi a vez de Luciane rir e sacudir o corpo de Christian no movimento.

— Quem teve a ideia mirabolante de me sequestrar?

Christian ergueu a mão.

— Culpado!

— Sempre o major, o estrategista.

Luciane desviou o olhar, deslizando gentilmente as mãos pelos braços dele, esticados ao lado de seu corpo.

Christian aproximou o rosto, e chamou-a num murmúrio.

— Prometo não tomar mais nenhuma decisão que a envolva diretamente sem discuti-la com você primeiro.

Ela encolheu os ombros.

— Não conseguirá cumprir isto, Chris.

— Por que acha que não?

— Estará distante de mim a maior parte do tempo, Christian, mas todas as suas decisões futuras envolverão a mim quando formos casados. Tudo que fizer lá fora repercutirá em nossa vida.

— Lá fora? Como assim? — indagou Christian.

— Pertence ao mundo, senhor aventureiro. Se arriscará, seguirá ordens, e também as dará em frentes de batalhas... E a cada vez se divertirá com isto, mas eu ficarei em casa, aguardando notícias, temendo por você.

— Ah... É isto? — o sorriso do major era doce e compreensivo.

— Mas não se preocupe — ela apressou-se em dizer-lhe — não serei destas esposas chorosas ou que chantageiam ao marido para que abandonem o exército e parem de fazer o que gostam e escolheram.

— Luciane, eu pertenço a você. E pertencerei também a nossos filhos. Não voltarei às batalhas. Estou recebendo um cargo aqui mesmo no Reino Unido, onde fixaremos residência, na área que melhor nos aprouver.

Luciane estava boquiaberta.

— Verdade?

— Palavra de honra!

— Christian!!

Ela levantou o tronco e o puxou para um abraço apertado.

E logo estavam se beijando de novo, e já não havia mais espartilho, calças... nada que os impedisse de unir-se de modo definitivo. Christian ergueu a perna direita de Luciane, colocando-a sobre suas nádegas, enquanto empurrava seu quadril cuidadosa e firmemente até que a virgindade de Lu cedesse contra ele.

— Amor... — murmurou ele, com o corpo tenso — estou dentro de você...

— Sim... — ela respondeu, trêmula.

Chris esfregou o rosto com a barba por fazer no ombro esquerdo de Luciane, e continuou a sussurrar-lhe: — É tão bom...

Luciane gemeu, impulsionando o corpo ao toque dele.

— É maravilhoso, Luciane... — Christian repetiu o gesto de esfregar sua face no outro ombro dela, causando um arrepio e a resposta quase involuntária de sua pelve.

— Ohhhh...

— Assim, amor... Venha para mim...

Ele moveu-se, afastando o quadril, e trazendo-o de volta ao encontro de Luciane numa investida lenta e torturante. E continuou a movimentar-se, indo e vindo, acelerando a cada novo golpe, embalado pelos braços femininos, envolvido por coxas agora cruzadas em volta dele, até que suas palavras nada mais eram que balbucios, gemidos e ofegos.

Adormeceram abraçados depois. E felizes.

Christian despertou primeiro, procurando não mexer-se em demasia para não incomodar Luciane. Piscou algumas vezes, notando a luz do amanhecer invadir o quarto através das vidraças da janela. Precisavam voltar para Londres, enfrentar suas famílias... Talvez devessem passar antes em Gretna Green, e regressar já casados, evitando assim mais burburinho. Lu e os Hogarth não mereciam ser penalizados pelo arroubo de paixão que o acometera, raptando a própria noiva e sumindo com ela por vários dias. O escândalo já devia estar armado a esta altura, mas arrefeceria quando todos soubessem que já estavam unidos em matrimônio. Muitas pessoas até veriam o ato como uma grande aventura romântica... Tranquilizou-se com este pensamento. Virando o corpo, preparou-se para deixar o leito e providenciar ele mesmo o desjejum, já que estavam sozinhos na casa.

O farfalhar dos lençóis atrás dele foi o aviso de que Luciane havia acordado também.

— Oh, Chris...

E ela havia visto suas costas.

Suas cicatrizes.

Christian tentou levantar-se, ocultar-se dela.

Mas Luciane o reteve, com dedos suaves.

Tocou-lhe a pele endurecida, levemente, fazendo cada centímetro parecer ainda mais sensível e dolorido.

— Eu não fazia ideia da extensão... Ah, meu amor...

Christian sentiu os olhos molhados.

— Eu não queria... — a voz falhou-lhe, mas ele controlou-a rapidamente — eu não queria que você visse.

— Mas por quê? Não sabia que o amava? Que o amava todo, e por

completo?

Então ela beijou-lhe o ombro.

E foi beijando-o por toda a coluna, e nas laterais, e por fim a imensa marca que havia em suas costas havia sido totalmente tocada por aqueles lábios doces, que ele tanto adorava.

Christian só deu-se conta que lágrimas caíam de seus olhos quando uma delas pingou em sua perna desnuda. Antes mesmo que a secasse, Luciane estava a sua frente, deslizando sobre ele, beijando-lhe o rosto, seguindo a trilha úmida, até que pairasse sobre sua boca: — Eu o amo. Total e irrestritamente.

Chris ergueu-a apenas o suficiente para colocá-la sobre ele, encaixando-se dentro dela no processo, com um suspiro longo de sua parte, e um gemido baixo da parte de Luciane.

— E eu a amo também... tanto, que não pode imaginar quanto...

Logo a havia deitado sobre ele, e seu peso não o incomodou, nem o roçar do lençol nas costelas perturbava-o mais. Os beijos de Luciane haviam sido o maior bálsamo, e sentia-se agora leve e curado.

VINTE

Luciane não aceitou que casassem em Gretna Green.

— Minha irmã já privou meus pais de um belo casamento, não queria que o mesmo se repetisse comigo.

— Providenciaremos uma licença especial, então. Mas dificilmente poderemos fazer uma cerimônia grandiosa agora, depois da confusão que criei ao roubá-la de sua família. Me desculpe, Lu. — ele tomou sua mão nas dele.

— Não se desculpe mais, Chris. Veremos a extensão do estrago quando chegarmos em casa, e então resolveremos o que fazer. Prepare seu lado estrategista, soldado! — ela piscou-lhe um olho, como ele mesmo costumava fazer.

Christian riu, aliviado. Se Luciane podia levar toda aquela situação com humor, ele também poderia.

Inclinou-se sobre ela, roubando-lhe um beijo apaixonado.

Afinal tiveram uma grande surpresa ao retornarem à sua cidade. De alguma forma, talvez com a ajuda de alguns amigos influentes e falastrões, toda a sociedade comentava sobre o rapto da pobre filha dos Hogarth por malvados bandidos, e como seu noivo, o major Christian Cunningham, herói condecorado do exército de Sua Majestade, partiu em sua busca, sozinho, pronto para liquidar os vilões e salvar sua amada.

E agora chegavam sãos e salvos, aclamados por nobres e plebeus.

Boato mais providencial, impossível. Negá-lo? Para que? A história era romântica demais para que o grande público aceitasse outra explicação em seu lugar.

Assim, os proclamas correram, e o casamento foi definido para acontecer dentro de um mês, sem que qualquer indivíduo questionasse o prazo curto, diante do amor ostensivo do jovem casal. O dia do casamento foi um grande evento, disputado entre as famílias mais prestigiosas de Londres.

Lorde Timothy subiu a bordo de um navio para Índia assim que recebeu a notícia sobre o enlace.

EPÍLOGO

Três anos depois.

— Sua vez agora, Ivan!

Lorde Hogarth abaixou-se para que o pequeno Anthony saísse de suas costas e Ivan tomasse seu lugar. Os netos riam alto da brincadeira de cavalinho que o avô fazia.

— Edward! Francamente, suas costas vão doer como nunca se não parar com isto agora mesmo! — avisou lady Letitia, com as mãos nos quadris, observando o marido passear pelo gramado do jardim com o netinho de quase dois anos pendurado nele. Quando Anthony correu ao seu encontro ela abriu os braços para receber o gêmeo de Ivan, prontamente.

— Que nada! Nunca me senti melhor em minha vida! — respondeu o lorde, galopando animadamente, montado pelo neto que não parava de rir e incentivá-lo a ir ainda mais rápido.

— Vovó Letty!

Letitia colocou o netinho sentado em seu colo, acariciando os macios cabelos dele, tão anelados como os de Luciane, e na mesma tonalidade dos

fios do pai, Christian.

— Sim, meu queridinho?

— Eu te amo, vovó Letty! — ele deu-lhe um beijo molhado e estalado na bochecha.

— Eu também o amo.

— E ao Ivan.

— Sim, e também amo ao Ivan.

— E a mamãe. E o papai.

Lady Letitia riu. Ria muito desde que as gêmeos nasceram. E como poderia ser diferente?

— Sim, querido, amo a sua mamãe e o seu papai.

— E o vovô Ed.

— Sobretudo o vovô Ed.

Luciane observava da janela seus pais e seus filhos divertindo-se juntos. Seu coração transbordou de amor.

— Lu! Cheguei! — Christian entrou na sala e aproximou-se da esposa, abraçando-a por trás e aproveitando para alisar-lhe a o ventre proeminente, que carregava mais um de seus herdeiros.

Luciane virou o rosto o suficiente para beijá-lo, e depois voltou seu olhar para fora novamente.

— Está tudo bem? — indagou ele, também olhando sua família no jardim.

— Está tudo simplesmente perfeito.

PERIGOSAS

FIM

NACIONAIS-ACHERON